

E' por isto que não raro idéas elevadas, que só poderam brotar do cerebro das porções mais culminantes d'essa raça, são facilmente acceitas por suas familias mais subalternas.

O principio da *assimilação* ahi está para significar o facto, e a historia para provar-o. O christianismo offerece um vivo exemplo. Sabe-se que elle tem mais de aryano que de semitico, e um dos indícios d'essa verdade é a promptidão com que o receberam os povos gregos e latinos, logo que appareceu.

E' que elle "era uma herança commum de toda a raça *aryana*" (2)—Nós pertencemos á mesma civilização e á mesma raça, que gerara o romantismo, ainda que grande parte nossa seja de protos e vermelhos, certamente os mais descidos na escala ethnographica. O Brazil da Regencia estava, sem duvida, n'um gráo de espantoso atraso scientifico.

Em comparação com a França de Luiz Philippe distava dous seculos. Mas comprehendese que podesse tomar para si o romantismo francez, sobretudo se attender-se ao espirito vago deste ultimo.

Disposta assim a verdade, sente-se que nulos, insignificativos, eram os tentamens de versos romanticos anteriores aos *Suspiros Poeticos* de Magalhães, apparecidos em 1836.

Esta obra marca a primeira phase da emigração romantica para o Brazil. Tem pouco valor contudo. Foi escripta na Europa em sua quasi totalidade. O auctor tomou por lá conhecimento de Lamartine, buscou despir sua crosta classica e trajar-se á nova escola.

A tentativa foi bastante infeliz.

Si o seu typo foi chamado por outro um pouco cioso, (3) "um classico entre os romanticos" o pobre imitador é bem pouco desfarçado classico. Suas *Poesias Avulsas* e sua *Urania* são de um classicismo que bem se podera chamar nojento. Os *Suspiros*, esse evangelho do pedantismo romantico brasileiro, são certamente a melhor obra do poeta, apesar de serem quasi um complexo de *ladainhas*. Não importa que um conego-doutor do Rio de Janeiro dissesse uma vez que os *Mysterios e Cantos Fúnebres*, livro sem philosophia e sem estylo, choradeira do poeta com visos de metaphysica, são o que de melhor se tem escripto em Portugal e no Brazil e superiores ás *Contemplações* do "exul de Jersey"!...

...contemplações, onde ha poemas como *Les Mages e Magnitudo parvul*...

Como não tem o gosto horaciano apurado o celebre rhetorico!

Quando digo que os *Suspiros* e *Saudades* de Magalhães notão o primeiro momento da emigração romantica entre nós, quero fallar do romantismo poetico, porque o politico já antes nos invadira.

Benjamin Constant fôra, com razão, conhecido antes n'esta parte da America do que os poetas da Restauração.

Suas idéas passam por se haverem encarnado na *Constituição Politica*. Para muita gente bôa é isto um motivo de elogio para Constant—e para o 1.º Pedro, para a Politica Constitucional e para o codigo politico. ... Deixo aos estadistas do senado o decidir o pleito.

Desde agora cumpre mostrar um dos prejuizos trasidos pelo romantismo: uma falsa vista do poeta sobre a sociedade, filha de outra e igualmente erronea sobre o alcance social e moral da poesia.

Este desatino, apontado pelos competentes nos grandes do tempo, patentea-se aqui repugnante e mesquinho.

Sente-se amargamente a distancia immensa, que vae dos sonhadores utopistas, como Byron, aos verzejadores pygmeus, como Magalhães.

No prologo de seu livro leem-se phrases d'estas: "Tu vais, oh Livro, ao meio do turbilhão em que se debate nossa Patria, onde a trombe-

ta da mediocridade abala todos os ossos, e desperta todas as ambições; onde tudo está gelado, excepto o egoismo." Mais definido e absoluto a respeito é o seu introductor e companheiro de viagem o Sr. Torres Homem. N'uma pagina banal espalha expressões que frisão fortemente o disparate de que fallo.

"Os homens que dirigem os destinos do Brazil, sem comprehender as condições de sua missão, parecem ter dado as mãos a todas as influencias do mal, para aggravar o estado da triste epocha em que vivemos....."

Por detraz dos homens actuaes não estão escondidos outros homens; o que hoje fere as vistas do Brazil não é uma excepção, é porem sim o estado geral das idéas, proveniente do scepticismo moral, da indifferença para o bem e para o mal, da nullidade dos caracteres estranhos a todos os nobres sentimentos, e votados a um duro egoismo, e alfim, da extincção dos sentimentos religiosos, que são o contrapezo das humanas loucuras. Ha alguns annos, bem difficies erão as circumstancias do Brazil, e da sua mocidade; mas do proprio excesso dos males a esperança renascia; o presente era então sem alegrias, mas contava-se sobre um melhor futuro. O estado actual pesa sem esperanças como uma massa de ferro sobre todos os bons espiritos; tanto é elle pouco unisono com as cousas, que se vão arrastando a nossos olhos. Desgraçada mocidade!"

Nem ao menos depara-se n'esta lauda frivola a eloquencia magnifica de um Hugo ou de um Lamartine. Como se enganavam os dous *tourises*! (4)

A mocidade brasileira de então, como a de hoje, era uma mocidade moralisada e religiosa, educada pelo regimen catholico, e a que se vedava toda possibilidade de um desvario no sentido que chamão livre. Os moços do Brazil então, como hoje, não commetteram nenhum grande crime, d'esses que são oriundos do abaxamento do nivel moral das sociedades. Os moços de então, como os de hoje, tinham um só grande defeito:—erão uma mocidade—mediocre! Ao lado deste defeito do auctor dos *Mysterios*, que lhe é commum com os da escola, tem elle alguns que lhe são peculiares.

Não é o menor sua mesma opinião sobre a doutrina:—que o romantismo deve ser uma prece ao Creador, deve ser uma oração. Este opinar, aliás já velho, tomou nas obras do poeta fluminense proporções assustadoras. Elle tem poesias como a *Religião Christã*, que são verdadeiras resas. Nada do inspirações, nada de força. O poeta, crente e piedoso, metrificou paginas da cartilha. Admira que não tenha tambem explicado em versos a Trindade!

Sua philosophia espalha em alguns escriptos seus, como os *Mysterios*, uma geral physionomia de erro. E' a doutrina que foi condemnada em um livro intitulado—*Factos do Espirito Humano*—que poucos leitores tem contado entre a classe mais adiantada do paiz, e nenhuns entre os moços que se preparam, o que é sensivel, porque, pelo menos, estes ultimos poderiam mais lucrar do que lendo um mesquinho compendio de Frei Mont'Alverne sobre a materia. Duo-dynamista excede-se o poeta, tira a sensibilidade d'alma, e entrega-a com a vida á força vital. Deixa áquella somente o pensamento e a vontade. Por uma combinação de idéas, sem caracter scientifico, tomadas a Cousin e mais eclecticos, que não vem ao caso expôr, chega á conclusão de que o universo só existe na mente de Deus, que n'ella vemol-o, como o magnetisado as idéas do magnetisador! Eis, bem mediocremente, resuscitada a visão em

(4) Havia um terceiro, o sr. Porto Alegre. —Aquelle viajar de dilettaes produziu versos d'este esplendor:

"Sabes com que pezar te deixo, oh Sales;
E' tempo, ó Araujo, é tempo, vamos."

São soberbos!...

Deus do padre Malebranchel! Pois bem. Ha poesias de Magalhães nas quaes é prosaico e impertinente até o enfado, quando passa para o verso o seu systema. E' um homem sem estylo, um artista infimo. Não tem os segredos da palavra que os romanticos francezes possuiram em gráo prodigioso. E todavia, é d'esta falta que nasce sua melhor qualidade:—um certo comedimento em arrojar-se a isso que chamam o infinito, grande mania da escola, em que os mais proeminentes empregaram uma eloquencia tão brilhante quanto inutil. Magalhães não fez uma obra duravel. Seu nome enche toda a historia do romantismo brasileiro, na poesia, no theatro, na philosophia e na celebre lucta do indianismo, por que os seus companheiros e competidores são do seu tamanho, senão menores do que elle.

14 de Março de 1873.

SYLVIO DA SILVEIRA RAMOS.

Continúa.

A POESIA POPULAR BRASILEIRA

A grande verdade da poesia popular está em ser profundamente sentida.

TH. BRAGA. Cancioneiro T. I

Escrever um livro que historiasse todas as phases porque tem passado a poesia popular brasileira, que lhe notasse a accentuação verdadeira, a sua originalidade, fazendo, ao mesmo tempo, resaltar as partes em que ella foi beber nas tradições extranhas, a *assimilação* em pregada em sua elaboração, os romances herdados da metropole, um livro finalmente do qual se concluisse quaes os elementos que produziram e presidiram á formação d'essa poesia popular, escrever um livro assim, seria tarefa por demais pesada, senão uma impossibilidade. Um trabalho inglorio é o que havia de ser com certeza.

A extensão deste nosso imperio, os dispendiosos e difficeis meios de transporte de uma á outra provincia, a falta completa de documentos em nossas bibliothecas e archivos, a má vontade dos guardas desses pacíficos remansos de traças, tudo isso mette medo á quem quizer se dar ao trabalho de estudar, colleccionar e beber na tradição oral do povo os fragmentos de todos esses romances, xacaras, prophcias e cantigas que formam o corpo do Romanceiro Brasileiro. Esta é uma das razões que impossibilitam a tentativa de um livro no genero em que fallamos.

Ha, porém, outra razão mais forte, e vem a ser que nós somos um povo de 3 seculos e meio de idade, e este espaço é muito curto para que dentro d'elle, se tenha podido formar cousa que valha a pena de ser colleccionada, attenta a pouca virilidade e accentuação da raça d'onde descendemos. A maior parte do nosso Romanceiro, sinão a sua quasi totalidade, não é mais do que uma copia do Portuguez, que basea-se por sua vez, nas tradições celticas e dos povos do Norte da Europa, levadas e espalhadas pelos Crusados, quando, de passagem pela Peninsula Iberica, procuravam o santo ciborio.

D'aqui a consequencia de que escrever um livro como dissemos era apenas fazer a historia da transplantação do Romanceiro Portuguez para o nosso paiz. Isto seria de interesse mediocre. Nem ao menos temos bases para a invenção de um facto, como o do *mosarabismo* de Th. Braga que nos desse um colloid artificial de originalidade.

A' vista, pois, destes factos, é quasi uma impossibilidade, seria de nenhum interesse escrever um livro em semelhantes condições.

Levado por um patriotismo impensado, ou por outra qualquer razão, já alimentamos a idéa de escrever um livro assim. Depois abandonamos essa idéa, quando nos vimos diante

(2) Burnouf—(Emilio)—*La science des Religions*—pag. 270.—

(3) V. Hugo. *Litterature et Philosophie*—artigo sobre Chenier.

das dificuldades, e quando reconhecemos a pobreza do nosso Romanceiro.

Tendo nós colligido, porém, alguns romances e uma infinidade de cantigas soltas, tendo notado um elemento original, embora fraquissimo, nosso, puramente brasileiro, não nos podemos ter mão ao desejo de fazel-os conhecidos e de mostrar qual esse elemento gerador do nosso Romanceiro.

Este artigo, pois, é um estudo incompleto, defeituoso e que apenas pode provar a boa vontade que a elle preside e a probidade litteraria que o acompanha.

A conclusão que se poderá tirar delle não será muito lisonjeira para nós, porém elle provará que ha alguém que estuda e que tem desejos de aprender.

Declaramos ainda mais que todos os romances, xacaras, cantigas e etc. que se citem aqui, ou que se tenham de publicar, foram bebidas na tradição oral do povo, e apresentam-se extremes de composição ou correção nossas, não tem arrebiques nem postigos, os quaes destruiriam a sua originalidade.

A provincia que mais elementos forneceu para este estudo foi a do Maranhão, cujo interior é muito conhecido do autor. Depois della Pernambuco, principalmente nas cantigas politicas e finalmente a Bahia. A' estas, pois, somente dizem respeito as proposições que aqui se avançarem.

Pedimos, em ultimo lugar, á aquelles que se dam a este genero de estudo, que nos façam notar as faltas em que incorremos, ou que nos proporcionem meios de emendal-as.

Modesto, como nos apresentamos, acceptaremos todas as correções sensatas que apparecerem, e buscaremos corrigil-as, si algum dia dermos mais extensão a este estudo, quer nas idéas, quer na collecção a que nos dedicamos.

Continúa

CELSE DE MAGALHÃES.

BELLAS-ARTES

O bello é o infinito representado no finito; a arte, representação das idéas, é uma revelação de Deos no espirito humano.

(SHELLING)

Com quanto a palavra—arte—na nossa lingua seja derivada bem como a latina *ars* do grego *ARETE* que significa virtude, merito cuja raiz hellenica é o verbo *aresco*, agradar, tornar favoravel etc, e por conseguinte só devesse applicar-se ás artes que se dirigem ao bello e que por isso são chamadas bellas-artistas, contudo o uso tem feito comprehender sob a denominação de artes em geral as industrias ou artes mechanicas que dependem mais do trabalho das mãos do que dos esforços do espirito.

Hoje que o espirito do homem, ávido de investigações e de progresso, tem dado um novo desenvolvimento ás artes e officios, designam-se pelo nome de—bellas-artistas—uma parte dellas, isto é, as que, actuando sobre o nosso espirito, suscitam na nossa alma, ao mesmo tempo, sensações, sentimentos e idéas agradaveis, doces e generosas. E' do sentimento e da expressão do bello que ellas vivem, imitando a natureza, que copiam, para revelal-a, segundo a phrase de *Raphaël*, não como a natureza é, mas como devera ser.

Assim pois entende-se geralmente comprehendidas sob a denominação de artes mechanicas ou industrias aquellas que se dirigem mais immediatamente á manutenção da vida do homem e ás necessidades materiaes da sociedade.

Não se pode negar que estamos atravessando uma época de verdadeira crise artistica, não por que falem talentos, pelo contrario; mas por

que elles estão se para não morrer de fome, perdendo o entusiasmo, que é a maior das forças moraes.

Tem havido entre nós quem se arrojasse a demonstrar senão em these, ao menos na pratica, que as bellas-artistas não passam de um accessorio, importante embora, mas não essencial da civilização. Eis a razão do abandono de seu ensino e do desanimo das melhores vocações, da inação forçada dos mais bellos talentos, que ousam a despeito de tudo affrontar a indifferença geral.

Villemain no seu admiravel *ensaio sobre a poesia lyrica*, lançando o seu olhar de aguia sobre o futuro, pergunta "si a época do entusiasmo e da imaginação passou para os povos, ou se já está exaurida para o homem; si a Europa em cujo horisonte fulgura ha cinco seculos o astro das artes, está ameaçada de perder essa luz divina; si lhe resta apenas esperar por uma dessas épocas já assignaladas no mundo, em que a sciencia das cousas materiaes tem de destruir o sentimento do ideal, em que a força e o trabalho devem encadear n'um gozo vulgar milhões de intelligencias, mortas para o amor da liberdade e das artes; si será preciso admittir que a Europa, metropole poderosa do universo, e que o cobre com suas colonias, mandou-lhes com o seu sangue antecipada velhice, e si nesses territorios da America, nessas cidades que surgem tão depressa, a civilização europea não lançou por toda a parte com sua experiencia de seculos, e suas mais recentes invenções, senão o bom senso pratico, a intelligente avidez do lucro, e essa activa distribuição do trabalho, esse emprego tecnico e apressurado da vida, que tão pouco tempo deixa aos delicados prazeres da alma. Não, diz elle, não será assim! Tudo o que augmenta exteriormente as forças do homem, tudo o que a principio lhe duplica o tempo o lhe abrevia o espaço, deve pela continuação aproveitar á concentração da alma em si mesma, pois que o homem, em ultima analyse, só é grande pelo que concebe pelo pensamento e sente pelo coração."

Sim, a primeira, a maior das forças moraes é o entusiasmo, e sem elle não pode haver verdadeiro artista.

Animar, activar, vigorar e desenvolver essa grande faculdade é ao mesmo tempo desprender o voo ao genio nacional de um povo, e chamal-o á mais ampla consciencia de si mesmo.

A imaginação de um povo dotado de extrema delicadeza de órgãos poderá por ventura inaniar-se, ou ficar ociosa em um paiz dotado de quadros tão variados de tão esplendido e vigoroso colorido onde os sitios a cada passo parecem tomar mais bello aspecto pelo effeito dos contrastes? A proximidade do mar que nos desenhna na vasta extensão de nove centas leguas de costa, pontos de vista tão novos e ricamente variados, tão magestosos e esplendentes, a multiplicidade de collinas sempre verdejantes e risonhas, as nossas florestas imponentes e sombrias, os valles e os innumerables rios cujos cursos ora caudalosos ora sinuosos desenhna necessariamente novos horisontes e enthusias-ticas paisagens aos olhos do mais atrasado espectador, apresentando perspectivas sempre novas e sempre pittorescas, são outros tantos obstaculos invenciveis para o embotamento da mais nobre e rica das faculdades, o entusiasmo. Como explicar então a nossa esterilidade artistica, que assignala o presente e parece envolver igualmente o futuro?

Nada mais simples, é porque o nosso progresso tem um caracter todo material. Não quer isso dizer que tenhamos rasão os que mal dizem do progresso material. Não por certo, como meio é elle o mais solido alicerce do progresso das nações; como fim, é a desastrosa tendencia dos governos estacionarios que, si não receiam a marcha ascendente do espirito humano, pelo menos não sabem comprehender o alcance da missão que lhes é confiada.

Quizeramos, porem, que a par das emprezas gigantescas, se desse ao culto das bellas-artistas

no Brazil um lugar elevado e distincto, um desenvolvimento consentaneo com a força e grandeza nacional.

Ninguém por certo chamará aos nossos contemporaneos da America do Norte idealistas exagerados e hyperbolicos. Ninguém ousará dizer que os roteadores ousados das florestas virgens do novo mundo sacrificaram nunca o util ao agradável. Entretanto que differença profunda vai do nosso ao seu progressos!

Nação que não conta ainda um seculo de existencia, e já iguala, si não avanta e supera, em grandeza e força, ás velhas nações da Europa.

Que immenso estadio percorrido desde 4 de julho de 1776!

Atirado por impulso sobrenatural em vertiginosa carreira pela estrada do progresso, parece e parece infelizmente ainda a muitos, que o gigante Americano do Norte só tem por alvo, em seus immensos esforços, a conquista material do tempo e do espaço.

Observe-se a sua industria, as suas manufacturas, os seus estabelecimentos litterarios e scientificos, as suas obras d'arte e as suas construcções de todo o genero, e ver-se-ha, que um pensamento grandioso domina aquelle povo, e que um cunho de poderosa individualidade marca cada um de seus passos. Que admiravel progresso nas bellas-artistas e especialmente na architectura desde o esplendido Broadway de New-York até o capitolio de Washington, desde as casas volantes dos colonos da California e Texas até esses hoteis gigantescos em que se hospedam simultaneamente centenas de viajantes, desde o simples templo do quaker até a magnifica cathedral gothica de *Grace Church*!

Alli a população duplicou, triplicou, decuplicou na plena liberdade de suas crenças e de sua força.

Admirando a industria e o progresso americano, e conscios de que é pelas bellas-artistas que a industria de um povo progride e se avanta, não podemos comprehender como tem deixado estas de merecer a sollicitude constante de todo o cidadão verdadeiramente amigo de seu paiz.

Porque é que a nossa industria não tem a belleza suprema do estylo, por que não tem formas agradaveis, por que não tem desenho, por que finalmente a arte ainda se não incarnou nas produções do artefice?

E' por que entre nós é considerado o bello como uma arte de mero luxo, ou por que tempo unicamente agradável, ao passo que nos paizes verdadeiramente civilizados é elle considerado como uma necessidade para a civilização, pois é uma revelação do pensamento, e a escripta universal da linguagem das formas.

AYRES GAMA.

OS AMORES DE UM GRILLO E DE UMA SCENTELHA

BALLADA

por Henry Murgar.

Em um campo de trigo do paiz d'Allemanha, um esgaravelho da Italia e um grillo viviam intimamente ligados pela amizade. O esgaravelho que tinha vivido, possuia esta segunda vista que se chama experiencia, e que, ao primeiro volver d'olhos, permite ver claramente o fundo das cousas, isto é, o vaso atravez d'agoa limpida, a realidade atravez da illusão.

Demais o Italiano era um ousado recrutador de aventuras galantes, e poucos dias se passavam, sem que tivesse a registrar alguma nova conquista. Quanto á circumstancia que dera lugar ao seu exilio, eis aqui pouco mais ou menos como elle acontava á seu amigo o grillo nos primeiros tempos de sua ligação.

"Uma noite, em que eu era favorecido por uma das flores mais encantadoras do jardim, despertei sorprendido pela, estrepitosa harmonia e

mo troxera ao Rio de Janeiro dez annos mais tarde (1846), não experimentou algum progresso neste paiz das palmeiras, dos rios gigantes, das florestas seculares? Que eu saiba, não.

Diz-se que uma doutrina progride, quando elementos novos se lhe agglomeram, novas operações adiantam-na, e a levam ás suas ultimas consequencias. A doutrina ficou estacionaria, sinão voltou atraz. Consignei duas datas que podem orientar. — 1836 e 1846 —. Ninguém ignora que no tempo da primeira — o romantismo allemão já estava sepultado com Goethe, seu maior corypheu, e no tempo da segunda o francez já havia dado os seus meliores fructos com Stael, Constant, Chateaubriand, cujas obras já eram velhas, e com Lamartine, Hugo, Dumas, Beuve, Balsac, Quinet... que pertencem á mocidade da Restauração de parceria com os Guizot, Thiers, Cousin, Jouffroy... Então já tinha entrado em via de transformação e decadencia, com os velhos, que se fizeram socialistas, o que deu 48, e com os moços que começavam a trilhar outro caminho.

A prova é que não criou em França desde ali nem mais um vulto distincto. Morto, já frio, foi quando chegou até nós. O Brasil tem um privilegio funerario nas letras. Estamos n'um cemiterio, andamos de luto, nossa litteratura é gelida, nossos fillos são cadaveres.

A poesia mais san de G. Dias foi continuada pela mais doentia de Azevedo. Vira-se o contrario na Europa — a Byron seguir-se Hugo. Cá foi outra a marcha.

Fallei em Azevedo, uma criança... Sei que ali ha homens que se chamam Porto-Alegre, Teixeira e Souza, Norberto da Silva, mas não são lidos, e tenho somente de dar conta dos livros que tiveram êcho.

Estes senhores tem escripto, talvez para a geração futura, ninguém hoje os lê.

Fallar assim é dizer que nulla, completamente nulla ha sido a influencia por elles exercida. O moço estudante de S. Paulo, cujas obras appareceram em 1853 teve outro império sobre as attencões. Sua *Lyra dos Vinhos* annos soube despertar o enthusiasmo em alguns corações e ajudar livros, fracos, porem sentidos, como as *Primaveras* e as *Inspirações do Claustro*. Azevedo, tão simples como é, parece á muita gente um grande enigma. Os velhos o não gostam, por ser impio, dizem; os moços o amão, por ser livre, assoalhão. Nem uma, nem outra cousa é. Occupava-se pouco das idéas. Era um scismador morbido, uma construção nervosa, sem grande fundo mental, que teve a immensa vantagem e a immensa desdita de ter vivido entre tolos. Provo. — A mocidade do tempo, sobretudo a de S. Paulo, andava em estado lamentavel de anemia de idéas. Eis que apparece o moço Azevedo, rapaz de vinte annos, sabendo inglez, fallando em Byron, maniado pelo poeta, e, incontestavelmente, superior a todos os camaradas; imenso é o sobresalto. Morto o joven, o enthusiasmo recrudescer; surgem suas obras; são quasi decoradas! A noite da Taverna faz as delicias de mais um de leitor pouco adiantado. E' este o segredo da vantagem que adquirio seu nome, que podera ser outro, si outro fora o meio em que viveu. A isto deve o ir decahindo, já não é tão exaltado, e vai sendo menos lido.

Fôra o primeiro romantico de valor, que era, por issim dizer, indigena no paiz. Nunca sahira. Era filho de uma academia brasileira. Sua poesia foi considerada uma especie de patrimonio commun pelos moços que o estimavam. E' toda *piegas e choramingas*, como costumam dizer os criticos portuguezes. Não ha nella um só principio novo, uma só gotta de originalidade.

Byron e sobretudo Musset foram passados para a nossa lingua. O moço só produziu queixumes, era tambem melancolico, era imperfeito. "No intimo da melancholia encontrar-se-ha talvez sempre uma falta de equilibrio das faculdades, e, como causa final, algum desarranjo organico. O melancolico é um ser

incompleto, enfermo, ferido nas fontes da vida, que poderá exhalar queixas eloquentes, mas que nunca attingirá á grande arte. O verdadeiro artista, o que domina a natureza e o homem, que os reproduz n'uma concepção impessoal, um Schakspeare, um Goethe, um Walther Scott, esse é um homem são.

Não sabe o que é palpar o pulso. A paz de seu espirito não está a mercê do tempo que faz. Contempla a vida com serenidade. A melancholia resulta de uma organização nervosa, impressionavel, delicada, exquisita, porem incompativel com a harmonia das forças e a elasticidade de um temperamento robusto." (9)

— A doutrina não progredio. Nas mãos de Azevedo adquirio somente mais algum estylo. Não é que o moço paulista seja um escriptor, no sentido artistico da palavra.

Sua prosa é mais que muito erronea, mas seus versos, apar de incorrecta metrificacão, tem vislumbres de bellezas que não se mostram nos antecedentes. *Gloria Moribunda* pode offerecer o exemplo.

Até aqui os trez unicos a que o romantismo brasileiro deve sua fraca força na poesia. Vimos o ali.

Não mostrarei na philosophia e na politica. Para que? Escusado.

Não temos philosophos de sorte alguma. Quaes são? Frei Monte Alverne? Eduardo França? Magalhães? Padre Patricio Muniz? Frei Itaparica? Não. Nem são philosophos, nem alimentados pelo espirito romantico, excepto Magalhães, o unico legivel de que fallei.

Os escriptos politicos são todos romanticos, desde a Constituição do Imperio.

Continúa

SYLVIO DA SILVEIRA RAMOS.

(9) Ed Scherer. — *Nouvelles Etudes sur la Litterature contemporaine*, pag. 244 e 45 tomadas a Constant, até os discursos dos senadores que só o leem, e que o imitam. Deixo a um serio talento que ora os está esmagando a tarefa de proseguir. Passo ao romance e ao drama, que com a poesia são suas melhores manifestações.

A POESIA POPULAR BRASILEIRA

I

Desde que se começou á encarar a poesia como uma manifestação necessaria e fatal do genio de um povo, como a definição de sua indole, do seu caracter, como um documento de sua vida passada, da sua vitalidade, como uma necessidade finalmente, desde então procurou-se estudar com affincos e conscienciosamente todos os productos da inspiração anonyma de que o povo vae-se apropriando pouco e pouco, e d'ahi partio-se para marcarem-se leis e principios, sobre os quaes funda-se a formação poetica do povo, sob cuja influencia a poesia popular nasce, cresce e se desenvolve.

Não é nosso proposito fazer aqui a exposição completa e a demonstração d'essas leis. Ellas andam explicadas e analysadas em muitos livros manuaes e de facil leitura. Algumas dellas, no correr deste escripto, serão notadas e os factos virão comproval-as á seu tempo.

Para nós, em litteratura como em politica, a questão de raça é de grande importancia, e é ella o principio fundamental, a origem de toda a historia litteraria de um povo, o criterio que deve presidir ao estudo dessa mesma historia. Pensando assim, já se vê que, estabelecidos os principios, as consequencias e as conclusões devem ser fataes.

Assim, desde que se reconhecer, quer phisologica, quer psychologicamente, a fraqueza de uma raça; desde que se examinarem as leis

que presidiram ao crusamento e ao desenvolvimento dessa raça, e concluir-se a sua pouca vitalidade, em razão de defeitos hereditarios, do clima, da nutrição, da fecundação e de muitos outros principios que regem a formação das raças, desde que se reconhecer isto, diziamos, a conclusão não se fará esperar por muito tempo. Seremos obrigados, em que nos pese muito embora, á reconhecer tambem a pouca importancia ou nenhuma dos productos intellectuaes desse povo, a sua fraqueza, as suas friolidades e o seu nenhum valor.

Será uma raça que se desenvolve e um povo que se desmorona.

Porque é preciso, uma vez por todas, que se convençam os caturras, os carolas, os espirituistas atrasados e os escrupulosos racionalistas, de que nós não somos mais do que um animal aperfeiçoado cuja selecção tem-se operado mais forte e rapidamente. A nossa structura guarda uniformidade com a do macaco, por exemplo.

Bradem muito embora contra a materia os discursadores e sermonistas crentes, em uma ladainha monotona e soporifera; falem dos gosos do paraíso os mysticos e ascetas, esbofem-se no ensinamento os professores pedantes e *papa-missas*, querendo provar a verdade da legenda adamica, do ideal messianico e de outras mil babuzeiras balofas e maleficas; rujam embora todos: — a materia foi, é e ha de ser o grande principio de vida e actividade, o facto sensivel e palpavel no qual a sciencia ha de apoiar-se para caminhar.

Nós, que reconhecemos-a e acceitamos-a como esse principio, partimos della tambem para o estudo da questão ethnologica.

Seria interessante indagar a razão porque a raça indiana, a raça primitiva e ante-historica que habitava o Brasil, soffreu uma dissolução tão rapida depois da conquista.

Varnhagen (1), João Lisboa (2) e Gonçalves Dias (3), entre outros, trataram da questão, mas debaixo de um outro ponto de vista; á saber, si se devia censurar ou justificar os colonisadores. O primeiro justificou-os e absolveu-os; o segundo, que com o seu grande senso philosophico e historico podia entrar em mais succulentas explanações, bateu Varnhagen e collocou-se n'um meio termo; o terceiro, finalmente, com o seu amor pelo indianismo, fez um panegyrico á raça india, apostrophou os invasores e poetizou os costumes, a theogonia, a lingua e tudo o mais da caboclagem vadia e indolente.

Mas a questão não é esta. Houve a dissolução, o acabamento quasi total da raça. Pois bem quaes as razões que actuaram sobre esse facto?

E' uma lei historica que, nas raças puras, é necessario o crusamento de uma outra raça, para que aquella se possa consolidar. Não é só isto uma lei historica, é uma lei de historia natural. (4)

Como é que a raça india, que se podia considerar como vigorosa, (5) degenerou com o

(1) *Historia Geral do Brasil* T. I.

(2) *Obras*—T. 3. Nota C. pag. 462 e segs.

(3) *Introdução aos Annaes Historicos de Berredo—Brasil e Oceania*, no 6.º volume das *Obras Posthumas*.

(4) E. Ferrière — *Le Darwinisme*, 1. parte.

(5) Para provar esta asserção, que poderia passar como contradictoria, attento o que acima dissemos, é necessario lembrar ao leitor uma cousa. Quando consideramos a raça india como vigorosa, tendo-a chamado indolente, encaramol-a somente pelo lado de suas lendas e de sua theogonia principalmente. Era madraça phisicamente, porem no conjuncto, embora pequeno de suas tradições, encontra-se muita cousa interessante e original, que debaixo de outras circumstancias, poderia vir um dia talvez a crear uma fonte tradicional para a poesia popular brasileira. Vejam os curiosos

crusamento dos invasores e extinguiu-se quasi totalmente?

Como é que o elemento maravilhoso e cavalheiresco do indio, porque elle o tinha, perdeu-se e desvaneceu-se completamente?

Como é que o ideal messianico da raça conquistadora cedeu o passo ao da raça conquistadora? E note-se que o ideal messianico é uma das leis sobre que se apoia a formação da poesia popular, na hora das grandes afflicções do povo.

Onde o heróe indiano? Onde o seu semi-deus? Onde o *caipora*? (6) Onde o *Jeropary*? Onde a lenda de *Somé*? Onde a theogonia de Thevet? Onde *Tamendonare* (Tamandaré)? Tudo isso só conhecem hoje os curiosos. Tudo perdeu-se, tudo se disfez.

Martins (7) parece ter encontrado a razão deste facto, e eis o que escreve elle, tratando do caracter da raça americana.

"Quero fallar desse grande facto que já precedentemente tive occasião de assignalar da extranha divisão da população americana em uma infinidade de grupos, grandes e pequenos, grupos isolados e sem nexa, que mutuamente se repellem e nos apparecem como fragmentos de uma vasta ruina." A historia das outras nações do globo nada nos offerece que tenha a minima relação com semelhante estado.

"Não se pode duvidar que desde os mais remotos tempos a America não tenha sido quasi sem interrupção o theatro de emigrações, que tem agitado os diferentes pontos de sua superficie e tudo nos faz ver nestas deslocções violentas uma das causas principaes do desmoronamento das antigas sociedades, da corrupção das linguas, da degradação dos costumes, consequencia quasi inevitavel da miseria produzida por qualquer grande catastrophe.

"... Devemos crer que alguma grande commoção da natureza, algum temeroso tremor de terra, tal como aquelle a que out'ora se attribuia a submersão da formosa Atlantide tinha involvido em seu circulo destruidor os habitantes do novo continente?"

Isto, apesar de não ser escripto directamente em referencia á questão que nos occupa, parece-nos poder se applicar á ella. Essas catastrophes, de que falla Martins, sum as mesmas reconhecidas por Darwin, que concorrem para a extincção de uma raça.

Assim, diz E. Ferrière (8): "uma praga subitamente desencadeada, ou uma mudança não explicada de temperatura geral, como houvesse talvez nos tempos pre-historicos, poderá só causar a destruição de uma especie."

Mas isto não deixa ainda de ser uma hypothese, e, como tal, necessitaria de demonstração.

A razão principal da dissolução indigena foi, nada mais nada menos, que o principio de selecção natural o *struggle for life*. A raça conquistadora era mais robusta, o indigena teve de ceder. No combate entre duas raças que se disputam o mesmo alimento (9), o mesmo meio, a victoria será da mais forte.

Além disso, occorre outra razão: — a incomunicabilidade do indio, que pouco lugar dava ao crusamento.

O indio nunca passou de caçador. Ainda hoje, nas poucas tribos e colonnias que se encontram no interior do Maranhão, e as quaes

á este respeito a *Chronica da Companhia de Jesus*, pelo padre Simão de Vasconcellos, o *Novo Orbe Seraphico* do padre Jaboatão e o 6.º volume das *Obras Posthumas* de Gonçalves Dias, onde se poderá encontrar a descripção dos costumes indianos. Posta de parte a tendencia de G. Dias para o indianismo, o leitor poderá ajuizar por esse estudo do poeta (*Brasil e Oceania*) o que tinha de bom e máu a raça india.

(6) Hoje diz-se *caipora*.

(7) Cit. por G. Dias no — *Brasil e Oceania* pag. 244 e seg.

(8) Obra citada, pag. 38.

(9) F. Ferrière — L. cit. pag. 39.

tivemos occasião de ver, o indio leva a mesma vida e tem os mesmos costumes que antigamente. A sua arma é ainda o arco, a flecha, a taquára e o tacape.

Si os indios mansos andam meio vestidos, os bravos conservam-se completamente nus, somente com a *tanga* ou *tacanhôba*, e enfeitam-se de pennas e cordas tecidas de *tocum*, pintadas de encarnado e preto. Usam os cabellos cortados na frente, com o resto crescido, encaixilhando-lhes o rosto. Alguns vimos com os lobulos furados, quasi a encostarem-lhes nos hombros. As suas danças são ainda as mesmas, com o maracá e o canto guttural e monotonico. São sempre os mesmos no moral: — desconfiados e vingativos.

Não ha dous annos, uma tribu assassinou um escravo na comarca de Vianna (Maranhão), tendo tentado assassinar o senhor, porque este mandára o dito escravo derribar um *páu-d'arco* em terras, que os indios diziam pertencerem-lhes.

Ainda ha o facto da lingua indigena, rudementaria, incompleta, infante ainda, para explicar essa especie de calmaria na civilisação indiana, apesar das communicações dos indios com os Europeus.

Disto decorre que o indio não podia crusar-se, o fazia difficilmente, e por isso ficou sempre estacionario e extingue-se aos poucos.

Parecerá talvez um pouco desconexo o virmos aqui com estas reflexões acerca dos indios. A nossa idéa, porem, será comprehendida, desde que a explicarmos cabalmente.

O que queremos tirar á limpo é, por ora, o facto de que na nossa poesia popular não existe um só resquicio da população indigena, e que por consequencia, ella deveu a sua formação á elementos novos, á leis excepcionaes e quasi somente de transplantação.

Que o indio nenhuma tradição nos legou é facto sabido e não carece de prova. Ninguém o lamenta, á esse facto, e só um ou outro procura fazer renascer esse anachronismo.

Nas lendas hoje ainda repetidas pelo povo existem, que sabemos, somente a do *caipora* e do *corupira* de origem indiana. Isto para o maravilhoso.

Do elemento cavalheiresco nada conhecemos.

Não originando-se o nosso Romanceiro da raça que habitou primitivamente o Brasil, segue-se que elle basea-se nas tradições da raça conquistadora.

Isto se provará, não só com a citação dos romances herdados, mas tambem com a sua confrontação com os portuguezes, as suas variantes etc.

Continúa.

CELSE DE MAGALHÃES.

A IGREJA LIVRE

A PROPOSITO DE UM OPUSCULO DO DR. J. J. DE MORAES SARMENTO.

I

A historia dos ultimos vinte e cinco annos tem dado á eschola liberal algumas lições dolorosas que a obrigaram a restringir e modificar alguns de seus axiomas.

Em 1848 não merecia o nome de liberal quem não acceitava como dogma liberal o suffragio universal. Vimos depois que os mais fignados inimigos do liberalismo, o cesarismo e o socialismo, inscreveram nas suas bandeiras o pretendido dogma e nelle acharam o meio mais effcaz do despotismo.

Os jesuitas tambem não antipathisaram com o suffragio universal. Hoje, porem, vemos que poucos são os verdadeiros amigos das praticas da liberdade que nelle creem.

Assim tambem succede com a celebre pala-

vra do liberalismo: a igreja livre no estado livre.

E' verdade que esta doutrina é mais geralmente acceita, e sabemos que uma grande parte da eschola liberal a sustenta de coração, demonstra sua necessidade e diz que aquillo a que chamamos estado não conhece a igreja. Seus orgãos mais avançados em idéas a proclamam e homens eminentes pelo saber e erudicção illucidam a questão com sua palavra autorisada; e ultimamente foi magistralmente sustentada por um illustre publicista, que do além mar nos deu um abraço fraternal.

A leitura reflectida do opusculo de que tratamos nos encheu em grande parte de satisfação; e embora não concordemos com tudo quanto nelle está dito, é de nosso dever agradecer do seio de nossa obscuridade ao aucto verdadeiro amante de sua patria adoptiva o serviço relevante que acaba de prestar-nos. Concordamos de sobejo com a mór parte de suas locubrações, admiramos em tudo a logica e convicção de sua argumentação, mas isto não impede que nos manifestemos claramente acerca dos pontos de que discordamos.

Amantes tambem, com todas as forças de nossa alma, do paiz em que vimos a luz, e amantissimos da liberdade, unica que o poderá fazer feliz, ousamos aventurar algumas proposições contra a theoria da igreja livre no estado livre, seus effeitos praticos, quer com applicação ao nosso paiz, que pelo seu atrazo moral e intellectual a não pode admittir, quer com applicação ao paiz em que geralmente se diz ser aceito este principio.

Os Estados-Unidos é sempre apontado como o paiz que com severa logica tem realizado o principio da igreja livre no estado livre.

Instituição americana com relação á igreja, é, entretanto, a expressão que mais quadra á fallada independencia, autonomia, igreja livre, ou qualquer nome que lhe queiram dar os ultramontanos e ultra-liberaes.

E' verdade que a situação momentanea e posição actual da existencia e relações da igreja com o estado, é de facto para nós differente do que se observa na Europa e em paizes cultos, mas não ha differença quanto aos principios estabelecidos pelo direito publico moderno.

E' um grande erro julgar-se que na União Americana não seriam possiveis leis reguladoras da existencia de qualquer sociedade religiosa, quando o legislador civil as achasse necessarias e convenientes. Toda a differença entre os Estados-Unidos e os paizes que tem leis reguladoras das sociedades religiosas, é de facto, não de principios. A grande Republica, nosso ideal, ignora e desconhece a existencia da igreja, porque até agora não foi ameaçada, nem atacada por ella, nem pensa que o possa ser; mas nenhum americano negará, que, no caso de apparecer qualquer ameaça ou ataque á Republica, esteja esta no pleno direito, defendendo-se por um acto legislativo e por medidas preventivas, até mesmo com a força policial, pondo assim barreiras ao ataque perturbador da paz e ordem publica. Si os ultramontanos ousassem ameaçá-la, como estão fazendo na Italia, Suissa, Allemanha, Espanha, França, Brasil e outros paizes; si elles se aliassem, com uma autoridade estrangeira, e com todos os meios do pasto espirital e educação tentassem abalar o capitolio de Washington, então haviam de ver esses que parecem desconhecer os verdadeiros sentimentos e principios do livre americano, como o congresso lançaria, contra aquelles perturbadores da ordem e paz publica, leis penaes draconianas; e pouco se lhe daria de pôr peias á igreja livre, quando se tratasse de salvar o estado livre.

Os americanos que não respeitaram a autonomia dos Estados escravocratas, quando estes tentaram collocar-se acima da União, difficilmente seriam mais cerimoniaes com a autonomia da igreja, si esta tentasse collocar-se acima da União, ou procurasse fazer pratica-

gativo na historia litteraria, qualquer que possa ser a sua importancia no mundo official. Os seus dramas estão ainda abaixo dos seus romances. O drama quando é tecido por mãos taes é nullo. O genero é um tanto difficil; só para outros obreiros. Venha a França ainda á scena já que soffremos franco-mani em litteratura, como anglo-mania em politica.

Alli o genero, de que fallo, foi certamente a expressão mais fraca do romantismo, tam cheio de abundancia n'outros sentidos. *Hernani*, *Marion de Lorme* e *Antony*, tão significativos como obras litterarias, como peças dramaticas não sam primores. O que não se déra entre nós? E' facil ajuizar-o. *Mãe e Lusbella*, por exemplo, estão abaixo de mãos. O repertorio de nossos theatros fez a justiça que devia á esses embriões sem forma nem vigor. Quasi nunca vão á scena. O povo, mal educado e falho de senso esthetico, é divertido por alguns saltimbancos, de esphera baixissima que mutilam e estragam más peças estrangeiras.

Pode-se aquilatar a força espirital de um povo pelos espectaculos que lhe sam predilectos. Entre nós os mais apreciados sam os *Milagres de Santo Antonio* e *S. Benedicto*.

E' dizer tudo. Adiante.

Os dous dramaturgos conheceram que davam pouco para o mister. Atiraram-se á comedia. Não tinham a *vis comica*; não foram mais felizes. — Obras, como o *Demonio Familiar* e a *Torre em concurso*, não acreditam ninguém. Neste modo de julgar sou de extrema moderação. Foi o proprio Alencar que julgou-se incapaz para a comedia. (10). E o que não é para o drama?

Continúa.

SYLVIO DA SILVEIRA RAMOS.

(10) Carta que acompanha a *Iracema*.

A POESIA POPULAR BRASILEIRA

II

A epoca do descobrimento do Brasil, e, mais que tudo, a epoca de sua colonisação, foi uma das mais accentuadas na historia do espirito humano, e dentro da qual a nação descoberta poderia ganhar muita fortaleza, si outras fossem as condições que presidissem ao facto da descoberta e á emigração da raça invasora.

Com effeito o seculo XVI, principalmente nas suas tres ultimas partes, tempo em que no Brasil começou a colonisação (1530), com o facto de sua divisão em capitánias, em que ella desenvolveu-se e começaram as lutas com os Holandeses e Francezes (1581), o seculo 16, diziamos nós, assistia á evolução brilhante da Renascença, á Reforma de Lutero, ás grandes navegações e conquistas portuguezas, á toda esta vasta effervescencia de idéas novas que se chocavam no seu seio, e que o fez conhecido com o nome de *grande seculo*.

Camões, Gil Vicente, Sá de Miranda, Shakespeare, Miguel Angelo, Cervantes, Bernard de Palissy, o trabalhador paciente e tenaz, toda essa constellação que acclarava a Europa não lançou sobre o Brasil nenhuma faísca, nenhuma semente que ahí brotasse e crescesse, e o *rico imperio* não conheceu sinão a ganancia dos seus governadores, a carniça e a caça ao indio e as missões da Companhia de Jesus.

Si por ventura outra fosse a nação que descobrisse o Brasil, talvez que elle sentisse mais fortemente o influxo da evolução que operava-se no seculo XVI.

Podem nos fazer notar que o povo portuguez estava, n'essa epoca, no apogeo de sua gloria, que as suas conquistas davam-lhe lustre e brilho ao nome, e que, por isso, um povo n'estas condições podia cooperar fortemente para o progresso do paiz que povoasse.

E' certo que o povo portuguez era forte n'esse tempo, mas é innegavel tambem que foi

n'esse seculo que principiou a sua decadencia, com Alacer-quibir, e o dominio Hespanhol ... (1580).

E, ainda mais, a vitalidade momentanea do Portuguez nada poderia provar contra a proposição que allegamos, pois que a hypothese avançada acima tem como razão explicativa um facto completamente provado — a degeneração da raça latina.

Si outra fosse a nação que descobrisse o Brasil, uma nação da raça germanica, da anglo-saxonica, por exemplo, cremos que seria outra a nossa politica, a nossa arte, a nossa litteratura e a nossa religião.

Todos sabem, a não ser um pequeno numero de teimosos que têm a pretensão de reconstruir a raça latina, como se uma raça que tende a dissolver-se podesse ser restaurada, todos sabem que, dos ramos da grande familia aryana, a raça latina é a mais fraca, a mais pesada e concentrada, a menos activa. E' amiga da conquista e do mando, tem o caracter sacerdotal e falta-lhe o espirito emprehendedor da raça germanica e a infelicidade poetica da celtica.

Vê-se por ali que ella nunca poderia concorrer para o progresso do paiz que povoou, antes concorreria para a sua má educação, com as suas idéas atrazadas, as suas superstições, a sua philosophia, a sua litteratura, reflexo das estrangeiras e das antigas, os seus guerreiros e navegadores ignorantes e os seus frades.

Cahio a palavra da penna, e aproveitamos a occasião para fallar na influencia que teve a Companhia de Jesus sobre a educação, e por consequencia sobre o futuro do Brasil. Para nós, foi uma das causas mais fortes que actuaram sobre nós, para o estado de esphacelamento á que hoje chegamos, e no qual nos conservamos, com uma paciencia e uma paz de espirito admiraveis.

A Companhia de Jesus, logo depois de começarem as emigrações para o Brazil, e apenas nove annos depois de sua criação definitiva (1549), começou á mandar seus membros para a terra que se mostrava alem-mar, rica de ouro e pedras finas, de ingenuidade e credulidade, terreno em que a Compainha podia plantar, com certeza de uma florescencia robusta, e por consequente de um augmento de riquezas, de adeptos, de authomatos para a consecução de seus fins.

Com aquella tenacidade que caracterizou sempre a Ordem, principiam os frades as suas predicas e os seus trabalhos.

Onde quer que pisasse um Jesuita, erguia-se uma cruz, depois uma capella, uma igreja, um convento e finalmente uma cidade. Todas as nossas capitães quasi que originam-se d'elles.

Não ficava só nisso. Nas egrejas agglomerava-se o povo, ouvia as historias milagrentas e resava o terço. No confessorio preparava-se os animos pelo temór, devassava-se a segredo das familias e lançava-se-lhes no meio a discórdia. Nas escolas e lycéos ensinava-se a cartilha e a theologia.

Com uma educação d'estas pôde-se fazer idéa, e hoje vê-se claramente a consequencia fatal que d'ella resultou.

Quanto á arte, nada ha de mais chato, de mais commum, de mais official do que a arte dos Jesuitas.

Reparai para as suas pinturas — grandes telas sem vida, sem sombras, sem perspectiva, sem expressão, sem anathomia, sem critica, onde se representam milagres e retratos de santos, com grandes medalhões explicativos, em linguagem arrastada e classicamente monotona.

Nos corredores e sacristias das igrejas, principalmente nas da Bahia, encontram-se ainda muitos desses paineis, que só a curiosidade pôde fazer com que se olhe para elles. (1)

(1) Em Maranhão ha uma collecção d'estes quadros, doada por Gonçalves Dias á ex-biblioteca da capital, que pôde servir para exemplo. Sam retratos de frades, na maior parte.

Reparai para a sua architectura — enormes amontoados de pedra e cal, quadrados, sem ar, sem luz, de grossas paredes e corredores estreitos, sem condições hygienicas, humidos, frios, feios, com azulejos representando sempre os milagres, e columnas que só elles, os Jesuitas, sabem á que ordem pertencem. Nas obras de talha encontra-se um acervo tal de folhas, flores, sereias, griphos e quanto absurdo ha, que olhal-as mette medo.

Escutai-lhes a musica — é vulgarissima, esgançada por vezes, monotona sempre, n'um andamento invariavel, chorada, mortificante, chata. Ainda hoje a sua comprehensão musical não vai muito longe. Quem quizer certificar-se disto, visite o collegio de S. Francisco Xavier n'esta cidade, e vá ouvir lá a musica que os Jesuitas ensinam aos meninos, cuja educação lhes está confiada.

A poesia — elles não a possuiram.

Vêde os *Indices Expurgatorios*, onde todas as composições de merito estão, ou prohibidas, ou cortadas, ou castradas.

Pois bem, uma educação feita por gente d'esta ordem não podia dar bons fructos e não deu.

Havia, ainda mais, o genio do povo conquistador, para obstar a que a corrente progressiva, que se espalhava pela Europa, chegasse até o Brasil.

O Portuguez era, quando conquistava, quando mandava, mais selvagem que um botocudo. Acontecia isto porque era ignorante.

No Brasil, como na India, sam sabidos os actos de selvageria e barbaridade praticados pelos Portuguezes nos indios e em seus proprios compatriotas.

Oliveira Martins (2), reconhece isto, e cita mesmo alguns factos relativos á India, e attenua dizendo que disto originava-se a tradição para o cavalleiresco. Pôde ser uma verdade, mas não é uma justificação.

A explicação que poderia justificar o Portuguez, e da qual estamos convencido, está na gente que para cá vinha, composta quasi toda da escoria portugueza, dos criminosos, dos gales, dos vadios.

Pois bem, por todos esses factos agglomerados, em primeiro lugar a fraqueza da raça conquistadora, em segundo a educação fradesca, em terceira a má qualidade da gente que Portugal exportava, por tudo isso o Brasil ficou estacionario, sem ter noticia do movimento da Renascença e da Reforma, os dois maiores acontecimentos do seculo XVI.

Ainda ha um facto que influio muito sobre o povoamento do Brasil — a introdução do elemento africano.

Si ha na raça humana alguma cousa de bestial — o africano a possui.

Entretanto elle entrou, cruzando-se, na formação de nossa população, e com elle entraram tambem os seus costumes, as suas festas, os seus instrumentos, o seu fetichismo e até a sua lingua.

Este crusamento não nos podia trazer bem algum. Trouxe mal. Deturpou a poesia, a dança e a musica.

Na Bahia, onde temos visto predominar mais o elemento africano, tivemos occasião de reparar n'isto. Os bailados, os bandos de S. Gonçalo, os *sambas*, os *maracatus*, as cantigas, tudo é um aggregado de saltos e pulos, trejeitos e macaquices, gritos roucos e vozes asperas, um espectáculo de causar vergonha aos habitantes de uma cidade civilisada.

A *Lavagem* do Bomfim descáhe para a saturnal. Note-se que a *Lavagem* é ahí uma festa tradicional e eminentemente popular. (3)

Aqui pôde-se visitar o convento de S. Francisco, onde a collecção é digna de ver-se, e recomendamos sobre tudo um grande painel que existe n'uma das salas superiores, representando S. Francisco no tópo de duas fileiras de frades, cada qual mais feio.

(2) *Estudo sobre os Lusíadas*.

(3) Para quem não sabe o que é a *Lavagem*, dá-se a explicação. Na festa do Bomfim ha o

A IGREJA LIVRE

II

O elemento africano acabou a obra que o Português e a Companhia tinham começado.

Os trovadores populares limitaram-se unicamente á repetir o que lhes estava na memoria, lembrando-se da metropole, e os nacionaes arremedaram-n'os mais ou menos infelizmente, intromettendo nos romances os barbarismos e as corrupções que o meio africano fazia desenvolver.

Alguns romances portuguezes estão completamente truncados, confundidos uns com os outros e quasi inintelligiveis. Ha de se mostrar isto á seu tempo.

De todas estas considerações resulta uma cousa: — que a transplantação do romanceiro portuguez, desde a sua origem, encontrou condições pessimas, e deu-se debaixo de circumstancias fatalmente corruptoras. * Isto na epoca em que elle podia soffrer uma *assimilação* mais ou menos interessante; porque, para adiante, as circumstancias foram ainda peiores.

Assim é que, no seculo XVII, o Jesuitismo e o Santo Officio mandavam em Portugal como senhores. As *Tragi-comedias* em latim e os *Indices* foram as armas mais potentes de que se serviram elles para combater o elemento nacional na litteratura. (4)

Logo que na metropole havia esta perseguição, a colonia havia de resentir-se.

N'este seculo houve um homem poeta e nacional — foi Gregorio de Mattos.

Quanto ao seculo XVIII, o classismo matou o elemento popular, assim como a opera matou a comedia nacional.

O Brasil, que já ia tendo vida sua, resentio-se da evolução classica e deu Santa Rita Durão, Basilio da Gama, Souza Caldas e outros seguidores do molde Grego e das regras Aristotelicas.

Do fim do seculo XVII para o XVIII houve outro homem eminentemente popular, talentoso e comprehensivo, e, por isso mesmo, perseguido pelo Santo Officio — foi o Dr. Judeu.

Além d'estes dois, G. de Mattos e Antonio José, não conhecemos outros que mais honra façam ao Brazil de então, á não ser Gonzaga, aquella grande alma amorosa, que sabia tão bem fazer o lyrismo.

No seculo XIX as lutas da Independencia poderiam ter fornecido muito material para a poesia popular, mas assim não aconteceu. O povo ia começando a ser pratico, ia sahindo da vida epica e romanesca, e entrava na dramatica e burgueza. O meio historico não offerecia elementos para a poesia popular.

Depois da Independencia veio o romantismo — uma evolução, — que já não entra no nosso programma.

D'aqui, conclue-se, debaixo das circumstancias apontadas, o que se deu havia de acontecer, era fatal: — a transplantação não podia ser vigorosa, teve de corromper-se e morrer.

Após isto, temos de entrar na comparação dos romances herdados e deturpados, a fim de, com os factos, provarmos o que ahí fica dito. E' o que faremos no capitulo seguinte.

Continúa.

CELSE DE MAGALHAES.

costume antigo de irem as devotas lavar o corpo e o pateo da igreja na Quinta feira precedente ao dia da festa. Isto tornou-se tradicional e popular. Hoje o que acontece é que ha uma romaria numerosa n'esse dia. Reunem-se as crioulas, os negros, tudo promiscuamente, e entre cantigas e esgares, meio-nuas, com as cabeças esquentadas pelo alchool das barracas visinhas, com os seios á mostra, lubricas, com essa lubricidade nojenta da creoula, entre risadas e ditos obscenos, começam todos a lavagem.

Isto enoja e envergonha.

(4) Th. Braga. *Historia da Litteratura Portuguesa*. — Seculos XVI e XVII.

Em nosso precedente artigo mostramos o modo pelo qual se entende a União Americana a liberdade de acção da igreja, acção esta limitada pela lei do Estado e bem geral.

Este modo de proceder tem por base, não o desconhecimento da Igreja, mas sim o do seu *poder* absoluto; e é justamente pelo desconhecimento dessa autoridade, resultante de um supposto poder, que ahí se movem todas as sociedades religiosas e acham seguro asylo e campo fértil para a propaganda. Qualquer sociedade religiosa tem o direito de existir livremente, sem que o Estado indague de seus principios e lhe tolha os passos, salvo se praticar qualquer acto contra a lei, ou attentatorio das liberdades publicas, do mesmo modo que se cream e fundam e existem sociedades commerciaes, beneficentes, litterarias, scientificas e humanitarias, ou quaesquer outras, seja qual for a denominação que se lhes queira dar.

Emquanto prevalecer este principio, unico computavel com a liberdade moderna, ordem e paz social, do desconhecimento da Igreja como poder e da autoridade e supremacia que ella a todo transe quer exercer nas relações civis, poderão viver, prosperar e florescer todas as sociedades religiosas, sem haver a confusão, lucta, e chãos que observamos nos paizes em que o poder Estado reconhece o poder Igreja.

E' necessario dizermos bem alto, que nenhuma sociedade religiosa tem poder ou autoridade em sentido positivo, pois se admittirmos por um momento sequer semelhante poder, a que conclusões incompatíveis com a ideia da justiça suprema não chegaríamos, ao contemplarmos o doloroso e pungente espectáculo que nos offerece a historia desta alluvião de pretendidos enviados e representantes do ser increado, cuja divisa tem sido a guerra, fulminação e exterminio do proximo, apregoando todos a sua infallibilidade e legitimidade exclusiva?

Nada temos que ver com a preferencia que por ventura mereçam, e sim com o reconhecimento do poder de que se dizem revestidos e em virtude do qual pretendem exercer sua autoridade além dos limites do fóro interno.

O pretendido poder e direitos que estas sociedades se arrogam, conseguiram-nos pelo falseamento de sua missão, formando e explorando alianças politicas; e só politicamente se explica o enfraquecimento visível de tal poder, em virtude do progresso que tem feito a razão social tornando difficil ou impraticavel a realisação de semelhantes alianças que na idade-média fizeram as delicias da theocracia.

Explicadas as razões e principios que prevalecem na republica da America do Norte; reconhecida a paz, concordia e tolerancia que alli, como em paiz algum, reinam, julgamos ter demonstrado, não só que a excellencia desses principios está provada pela pratica, como tambem que são elles especialissimos e peculiares aquelle paiz e não podem ser considerados e apreciados como fez o illustre ancião, em o opusculo que nos moveu as presentes considerações.

Contemplado esse bellissimo quadro e conhecidos os resultados praticos da benefica Instituição Americana com relação á Igreja, é dever de todo homem amante de seu paiz concorrer de conformidade com suas forças e luzes para realisação dos principios que tem garantido a concordia e paz religiosa á primeira nação do mundo.

Pouco somos, nada valem, mas julgamos que nos será permittido concorrer como simples operario para a construcção do grande templo da liberdade, onde outros trabalharão como mestres.

Não será em vão repetir que a questão de que nos occupamos não tem character theologico, nem vem ao caso patentearmos a preferencia que possamos dar aos principios estabelecidos por qualquer sociedade religiosa.

Occupamo-nos unicamente da necessidade

que para nós tem o Estado de não conhecer a Igreja como poder, embora reconheça sua existencia como sociedade, nem de lhe conceder por leis fundamentaes ou especiaes, privilegios e regalias, que só tem trazido como corollario a desharmonia e desordem, e algumas vezes o tem feito perecer.

Em nosso paiz reconhece o poder Estado um outro poder Igreja; ainda mais, impõe seus principios, cerca-o de privilegios e regalias.

Esta doutrina, acceta no nosso pacto fundamental, tem produzido os males que a todos estão patentes.

O poder da religião catholica apostolica romana, ou o poder do papado, tracta com os poderes do Estado Brasileiro em pé de igualdade, senão de superioridade. A confusão, que d'ahi resulta e de facto existe, hoje mais do que nunca exige uma solução, que provavelmente será a de se declarar por uma lei até que ponto chegam os direitos do poder Igreja. Mas esta solução é illusoria. Vêde o que se está passando na Suissa, Alemanha e Italia, onde a protecção que concede o Estado á Igreja não tem paridade com a que lhe deu o nosso pacto fundamental.

Esta limitação de poderes nunca será regulada por lei alguma, enquanto a Igreja for considerada poder.

O christianismo, sociedade religiosa, que nunca foi poder, dividio-se depois em outras sociedades, as quaes estão quasi todas no gozo do poder. Analisaremos sómente uma das subdivisões, conhecida por catholica apostolica romana, a qual hoje perdeu os dous primeiros qualificativos e chama-se simplesmente a Igreja romana ou o papado.

O poder da Igreja romana, ou o poder do papa, que de novamente tanto tem perturbado a paz publica é filho, não da missão que a si tomou seu fundador e que devia ser continuada pelos que nelle cressem, mas sim dos manejos politicos e ambição mundana de seus chefes.

A primeira alliança com o imperador Constantino foi o primeiro passo que deu o papado para estabelecer o poder até então desconhecido: La Roche resumio este acontecimento nestes bellissimo termos: "O christianismo cahio quando subio ao throno com Constantino." Este poder foi tomando proporções agigantadas e era maior ou menor, segundo a habilidade politica de que dispunham seus chefes. Gregorio VII foi o seu mais denodado campeão; e, depois deste, foi o poder theocratico sustentado e augmentado por seus successores até Innocencio III. Com Bonifacio VIII já principia o poder a rolar no plano inclinado.

A idade media nos legou portanto o poder papal e este estava tão enraizado em todos os animos, que Luthero julgou não poder prescindir d'algum que lhe oppuzesse; é preciso que as gerações modernas por meio da politica destronem esse poder que politicamente foi conseguido.

O papa não póde ser considerado sómente como sacerdote e representante da Igreja. O papado foi e é, depois de sua referida primeira alliança, um poder eminentemente politico e, como tal, tem invadido com toda a energia e alcançado grandes triumphos no terreno das relações temporaes, e feito destas invasões um programma bem delineado.

O que serve unicamente de guia ao papado é a realisação desse programma, isto é, o restabelecimento do antigo poder e supremacia temporal e subjugação do Estado á Igreja; portanto um programma exclusivamente politico.

Não nos admiramos que tenham existido e existam homens que julguem saber melhor do que o proximo qual seja a vontade de Deus. Esta supposição não offende a sociedade em geral, e é generoso que lhes deixemos esta doce illusão, se isto póde concorrer para a felicidade delles; mas confundir a missão que, segundo dizem, lhes foi directa e exclusivamente confiada, com o poder que adquiriram politicamente, é o que não podemos nem devemos consentir.

fornece elementos sólidos ás leis da indução simultaneamente experimental e racional.

E' d'esta altura que o leitor tem o direito de fazer a mais rigorosa apreciação que a critica aconselha. E', em vista da positividade prometida, antinómica á menor sombra de supposta e hypothetica realidade, que se pode pedir contas da emancipadora theoria em que o seu autor havia fundado as suas e as nossas esperanças.

Infelizmente, porém, bem analysada toda esta tirada de palavras inuteis, vãs e logomachias, nada resta que deva occupar a grave austeridade do pensamento, que não costuma perder tempo com o ridiculo de pretenciosa verbosidade.

E' certamente curioso, quando se tem diante dos olhos a estatística dos systemas de philosophia transcendental, ver-se a facilidade com que o espirito de novidade, (3) alma do charlatanismo de todas as epochas, descoberta a primeira idéa, ou melhor, a primeira *imagem*, firmado o ponto inicial, bem ou mal, desenvolve o longo fio arbitrariamente ligado, e em cujos elos repetem-se, por uma lei constante, todos os absurdos da concepção fundamental.

Não é menos curioso assistir ás torturas a que pode conduzir uma falsa observação, quando de um facto verdadeiro, nos limites assignalados pela experiencia, pretende-se extrahir consequências de amplitude vasta, exorbitante do plano conhecido, — repellidas pela logica do bom senso, e apenas justificadas pelo desvario allucinante de uma intelligencia mal educada e mal dirigida.

O movimento, no momento em que fallamos, não suscitára, estamos certos, a menor fraqueza do systema; ninguém ousará contestal-o. Todavia é mister que o seu ambito circumscreva-se ás provas da experiencia, e não exceda as leis da indução.

E' pela impossibilidade absoluta de uma demonstração completa e capaz de satisfazer as necessidades do pensamento, que os fundadores de systemas, sempre occupados com o que costumam chamar a sua *idéa*, seguem forçadamente um caminho que vae terminar por algum terrivel labyrintho, onde irremediavelmente ficam sepultados.

Considerada a lei do movimento indefinito, como a unica dotada de proporções illimitadas, nenhuma difficuldade se oppunha ao sacrificio do pensamento. Mas, ainda aqui, o absurdo não se revela em toda a sua nudez, precisamente porque não nos foi dito o que se deve entender por esta força. — O que deverá ser o pensamento, em que se desenvolve a lei do movimento, sob a forma de reflexão? — Será substancia ou modo, monada ou phenomeno? — Entretanto, sem uma determinação exacta de uma concepção verdadeira do modo de existir do pensamento, qualquer explicação nada explica, e a confusão, arrastará fatalmente a necessidade de metaphoras obscuras, e o seu autor, do mesmo modo que o leitor, terminará por não entender sequer o seu proprio pensamento.

Não é tudo. — As concepções scientificas, devem, bem como todas as produções intellectuaes, estar subordinadas ao estado dos espiritos, n'uma epocha determinada.

A tendencia final, a ultima aspiração, deve sempre exprimir um protesto vivo contra as aspirações anteriores. A linguagem de que se serve o poeta, o philosopho, o homem de letras, o juriconsulto, o politico, o sabio, deve significar o estado em que vivem os costumes, as consciencias, a moral, e as transformações, as rectificações scientificas.

O que podem significar actualmente as palavras, — substancia, modo, causa, effeito, phenomeno, circunscriptas, dos factos percebidos e suas leis? — A necessidade de uma technologia perfeitamente adequada ao pensamento do

(3) A extravagante theoria que nos occupa não tem este merito, se não por uma especie de illusão do seu autor.

ultimo periodo, e que, naquella em que fallamos, harmonisa-se com a natureza simplesmente phenomenol da experiencia, foi atrozmente desconhecida pelo autor da *Philosophia da razão pura* —

Foi, por um extranho equivoco á respeito de cousas de cujo valor já não é licito duvidar, que o autor á reflexão, concebida como forma do movimento proprio do pensamento, juntou a idéa de uma causa de todo pensamento, de um pensamento primeiro com o nome de — reflector!

Si, de accordo com os dados puramente scientificos, inquerimos dos motivos que justificuem a concepção de um *pensamento primeiro*, d'onde nasce o *pensamento derivado*, este *agente secundario*, que, como todas as cousas, não soffre reticencias em sua eterna evolução, a resposta será uma simples repetição das theorias de Porto-Royal e de sua escola. — A concepção — platonico-aristotelica, da meia idade, o racionalismo germanico, transportados para o periodo da restauração em França, seriam os elementos implicitos da solução pedida. — A idéa de causa, com o seu acompanhamento fatal, de necessidade, absoluto, infinito, eterno, — eis o *criterium* em que afinal se resolveria a bella concepção da theoria de uma certeza que se annuncia apoiada sobre bases certas e positivas.

Não quer dizer, entretanto, que, em sua quase enigmatica exposição de uma theoria nova, o seu autor se desenvolva n'um plano sempre comodo, e de facil accesso. Algumas vezes, pela força do proprio absurdo dos seus principios, a nullidade, a brutalidade da consequencia, trazem-lhe serio embaraço.

O movimento indefinito, applicado ao pensamento, exige-lhe uma existencia indefinita. — Seria loucura, imbecillidade, suppôr indefinito o movimento de uma cousa, cuja existencia terminasse n'um periodo sensivelmente certo com o da duração da vida de um homem.

Eis o momento appropriado para pôr-se á prova os recursos de uma intelligencia notavel.

E' sabido, e o proprio autor o reconhece: — todos os objectos passam por tres phases: o *nascimento*, o *desenvolvimento*, a *morte*; *pela morte, continuam, de um outro modo, uma existencia que percorre as mesmas phases, e assim indefinidamente.*

O nascimento é um mysterio, a morte é outro mysterio; só o desenvolvimento é conhecido — A philosophia indiana havia dito: Os seres tem o começo invisivel, visivel o meio, e invisivel — o fim — (4) — Será isto uma explicação da indefinitude do movimento reflexivo do pensamento?

O celebre philosopho, fatalmente precipitado á uma conclusão insensata, recuou para a região das trevas impenetraveis. N'estes limites, devemos deixal-o entregue aos phantasmas de sua imaginação *poetica*, — perante a qual, escurcidas todas as realidades da vida material, transformam-se as excitações nervosas em imagens de chimeras visiveis, e a logica, deprimida entre dous movimentos contrarios, precipita-se na impetuosa corrente dos desvarios febris, das decepções esmagadoras, para dissolver-se em consequências disparatadas e repugnantes.

A propria lei do movimento indefinito, origem e base de uma theoria de largas ambições, foi o pelago seductor em que se devia aniquillar todo o systema.

Tudo muda, transforma-se; — e o axioma — o mesmo é o mesmo — nada vale nos dominios da vida concreta. Mas, como mudam as cousas, e porque mudam ellas?

Mudam por mudar apenas ou obedecem a um fim determinado?

O autor não sabe, *nem o pode saber* — porque o fim das cousas, segundo affirma a philosophia do Bhagavad — Gitā, escapa-nos com o seu começo.

Sabedoria indiana!

(4) *Bahgavad — Gitā — II — 38* — cit. pelo autor da *Phil. de la Raison pure* —

Mas, que importa, que uma das soluções do problema, a mais importante sem duvida, seja contradictoria, se á custa de uma contradicção pode-se obter espaço para a aquisição de um novo principio, e de extensão mais vasta, sobre o qual muito se pode dizer, escrever, publicar livros!

Seja qual fôr a verdade, — quer os objectos mudem por mudar, ou obedeçam á um certo fim, — é sempre certo que a mudança é um effeito. "Que ha de mais certo na sciencia, que o estado á que chega um objecto tem sempre origem n'um estado que é por elle abandonado?"

E, por este modo, firmada a idéa de causa, a lei do movimento continúa sempre, ao mesmo tempo visivel e invisivel, negra e deslumbrante, animadora no principio do systema, contristadora no fim, contradictoria, absurda, sem que deixe de ser o fundamento da nova sciencia, porque de sacrificios em sacrificios ella conseguirá mais tarde reivindicar as verdades perdidas ante o imperio da logica. — O que deve occupar-nos primeiro é saber — de que natureza é a verdade novamente obtida, revelada por uma horrivel desgraça; mas, muito fecunda, e não menos attrahente. — A idéa de causa, indefinita como o proprio movimento, mas superior porque o envolve e o produz, é o antecedente de si mesma!

Antes de tudo, saibamos que a grande causa divide-se em tantas pequenas causas quantos são os pequenos objectos em que se divide o grande objecto — natureza.

O que resta é determinar o modo de existir de cada uma, particular e individualmente considerada.

Como é ella? — Existe formal ou virtualmente? — São successivos ou simultaneos — a causa e o effeito? — São identicos ou distinctos? — Tudo isto ao mesmo tempo.

A causa e o effeito confundem-se e vivem separados, apparecem simultanea e successivamente, porque, nada existe no effeito que já não existisse na causa, — embora *virtualmente*; e nada é mais distincto da causa do que o seu effeito, precisamente porque a identidade que os conservava unidos, era apenas virtual, — o que os separa *formalmente*!

LAGOS JUNIOR.

Continúa

A POESIA POPULAR BRASILEIRA

III (1)

No trabalho comparativo que fizemos entre os romances populares portuguezes e os nossos havidos por herança, reconhecemos um principio: — em todos elles, apezar das corrupções, córtices, confusões de uns com outros, existe sempre o mesmo fundo maravilhoso ou cavallheresco, conforme o estylo a que pertençam.

E' que, na poesia popular, esses dous elementos são os mais communs, e sobre elle tece o povo as suas lendas, as suas tradições e os seus contos.

Seguimos, neste trabalho, a collecção de Theophilo Braga, como a mais completa e extreme de qualquer composição propria, o que não acontece com a de Garret, que ás mais das vezes é emendada e aperfeiçoada, ficando d'esse modo defeituosa. Garret muitas vezes troca palavras e mesmo idéas, como elle mesmo confessa, quando acha que os ouvidos melindrosos podem chocar-se com os dizeres simples e rusticos do povo, com as palavras e phrases mais ou menos obscenas.

Si fizéssemos um trabalho de recreio e mera diversão, adoptaríamos o methodo e as recommendações de Garret; porém, como assim não acontece, como este estudo tem por fim mostrar o que é verdadeiro, o que é peculiar ao povo, o que lhe é congenito, desprezamos-as

(1) Veja-se o 3.º vol. do *Cancioneiro e Romancero Portuguez* de Th. Braga.

60

de boa vontade, essas recomposições, tomando dellas sómente o que nos é necessário.

Declaramos que temos unicamente colligidos por escripto os romances do — *Bernal francez* — *Não Catherineta* e *d. Barão*, e que os outros, que houvermos de comparar, foram ouvidos, é verdade, mas não podemos lê-los por escripto, por causa da grande difficuldade que encontrámos nas pessoas que os sabiam, as quaes sómente podiam repetil-os cantando, e, quando paravam, não lhes era possível continuar sem recommear.

— Só encarrilhado — dizia-nos a este respeito uma benta alma.

Além disso, encontramo-nos com a má vontade de muitos, a grosseria de outros, e os meios da maior parte.

No meio de tudo isto, havia um novo elemento com que lutar, — forte, invencível e desanimador: — era a estupidez do nosso povo. Muitas vezes não entendiamos parte dos romances cantados, por causa dos innumerables barbarismos nelles introduzidos, e si pediamos explicações sobre alguma palavra inintelligível, não nol-as sabiam dar. — De sorte que, sómente confrontando com as versões portuguezas, podemos chegar ao fim desejado.

Em geral, os romances são cantados na parte dramatica e, nas transições, o cantor pára, explica em prosa o que falta, commentando muitas vezes por sua conta, introduzindo anachronismos e tudo quanto o meio em que vive lhe dispersa.

As versões que aqui apontamos foram todas colligidas no Maranhão, onde parece-nos que se tem conservado por mais tempo os habitos portuguezes, as festas, as tradições e as lendas. Voltaremos a este assumpto (2).

Vê-se por estas declarações, que usamos de toda a probidade. Nem julgemos por ellas que o nosso trabalho tornar-se-ha menos documentado, pois, si nos faltam as collecções escriptas dos outros romances, que não os apontados acima, temol-os ouvido tantas vezes e por tantas pessoas, que alguns até trazemos de cór, podendo assim fazer as comparações prometidas com todo o criterio.

Dos onze primeiros romances da collecção de Th. Braga, e que trazem a inscripção — *Romances communs aos povos do Meio-dia da Europa* —, sómente encontrámos um, cuja lição maranhense possuimos escripta, que anda muito espalhado e cantado entre nós, e é quasi composto. E' o de — *d. Martinho de Avisado*.

O que temos aproxima-se mais da variante da Foz e traz o mesmo nome de — *d. Barão* — que nella se encontra. O principio

Já começam as guerras
no campo de dom Barão:

é tal qual, assim como o dialogo entre o pai e a filha, que se segue logo depois, sómente com as seguintes differenças. Estes versos

— Tendes o pé pequenino,
filha, conhecer-vos-hão.
"Mettel-os-lhei numas botas,
Nunca dellas sahirão.
Dai-me armas e cavallo,
serei seu filho varão.

na variante que possuimos foram trocados por estes:

— Tendes o pé pequenino,
filha, conhecer-vos-hão.
"Passe p'ra cá essas botas
encherei-as de algodão."

Esta estrophe é da versão da Beira-Baixa, com uma ligeira differença no terceiro verso, que na dita versão é

(2) Em Pernambuco sómente alcançamos um romance — *Juliana* —, que é com certeza herdado, porém que não encontramos em nenhuma das collecções que lemos.

Dê-me cá as suas botas.

A expressão — *passe p'ra cá* — é muito nossa, e usada no interior das provincias, onde foram colligidos estes romances.

Logo adiante, na mesma variante da Foz, ha estes versos:

— Tendes os peitos mui altos,
filha, conhecer-vos-hão.
"Incolherei os meus peitos
dentro do meu coração.

os quaes, na variante maranhense, adquirem uma cór local extraordinaria, a qual faremos notar griphando as palavras donde julgamos vél-a resaltar.

— Tendes os peitos crescidos,
filha, conhecer-vos-hão.
"Apertarei-os c'um panno,
por baixo do cabeção.

Vê-se, por esta variante, que o povo foi procurando substituir cousas que elle não conhecia, como o justilho, de que falla a versão da Beira-Baixa,

"Mande fazer um justilho
Que me aperte o coração.

por outras usadas no meio em que elle vive. O cabeção, usado pelas mulheres do interior das provincias, foi escolhido para substituir o justilho, embora se note a contradicção palpavel de ver uma mulher que quer disfarçar-se, continuar a usar do cabeção, vestimenta só propria de mulheres.

Os versos

— Oh mi padre, oh mi madre,
grande dôr de coração.

estavam na variante maranhense assim:

— Oh meu pae, minha mãisinha,
que dôr no meu coração.

donde se conclue, não só pela ausencia dos vocabulos hespanhóes — *madre* e *padre* —, como pelo diminutivo — *mãisinha* —, a accentuação nacional.

Em geral nós, os brasileiros, somos muito propensos aos diminutivos, como signal de agrado e carinho. Assim é que geralmente diz-se — meu santinho, meu beimsinho, meu amor-sinho etc., quando se quer mostrar affecto a alguém. Nota-se isto principalmente no tratamento das mãis para com os filhos. Na variante da Foz, logo abaixo, dom Barão usa do mesmo diminutivo para com sua mãe.

A mudança maior que existe neste romance, e que faz bem frizante a influencia do meio actual em que elle vive, é a seguinte:

VARIANTE DA FOZ

Dom Barão como discreto
de nada se receiou;
chamou pelo seu criado,
uma carta lhe entregou:

"Novas me chegam agora,
novas de grande pezar, etc.

VARIANTE MARANHENSE

Dom Barão que era macaco
de nuda se arreceiou;
chamou pelo seu moleque,
uma carta lhe entregou:

"Novas me chegam agora, etc.

Por esta appropriação, feita pelo nosso povo, vê-se claramente a influencia dos seus costumes e dizeres sobre o romance portuguez.

Em primeiro lugar temos a locução — *que era*

macaco, puramente brasileira, no sentido de astuto, fino. E' costume dizer-se entre o povo — *fino como macaco velho*.

Em segundo lugar ha a substituição do *creado* portuguez pelo *moleque*, que só se encontra entre nós. Já é o elemento negro tomando conta da poesia, como adiante veremos que toma em maior escala (3).

O fim do romance é o mesmo que na variante da Foz:

— Que foi isso dom Barão,
quem vos vem acompanhar?
"Um genro de vocemecê,
Si o quizer acceitar.

O romance de Gerinaldo não anda tão espalhado entre nós como o precedente, mas ouvimos-o diversas vezes, com o mesmo fundo, as mesmas ideias, quasi a mesma fórma que o portuguez, até o lugar em que o rei vai encontrar Gerinaldo nos braços da filha, e diz:

Eu si mato Gerinaldo
criei-o de pequechinho!
Eu si mato a d. Infanta
fica o reinado perdido.

não tendo a variante maranhense os dous versos ultimos da falla do rei:

Metto-lhe a espada no meio
para que sirva de aviso.

A scena do despertar de Gerinaldo, do dialogo delle com a Infanta e depois com o rei, tudo falta na variante maranhense.

Quem cantava este romance explicava em prosa que o rei afinal, por pedido da filha, perdoava a Gerinaldo, casando-os depois, e no fim então é que repetia os dous ultimos versos com que acaba o romance portuguez:

Pois toma-a por tua mulher,
e ella a ti por marido.

O *symbolo* da espada collocada entre os dous não conservou-se, cremos que pela razão de não ser comprehendido, nem ter outro que o substituisse, e d'ahi o esquecimento do resto do romance, com excepção dos dous versos finais.

O Romance da Noiva Roubada não existe entre nós como está na versão de Almeida.

Conhecemos-lhe sómente o fundo, que é muito vulgar entre as historias do nosso povo, e esta quadra, da qual não podemos explicar a existencia, sinão como lembrança vaga de se ter ouvido aqui o dito romance:

Eu não pertendo da boda,
nem tão pouco do jantar;
pertendo fallar á noiva,
que é minha prima carnal.

Dos Romances do Alferes Matador e da Romeirinha não temos absolutamente noticia de variante alguma brasileira.

Já não acontece assim com o Romance da Encantada (variante da Foz), que é o mesmo que na versão de Covilhã traz o nome de — *Romance da Infanta de França*.

O que nos lembramos ter ouvido no Maranhão aproxima-se mais da variante da Foz.

Ha a mesma scena da caça, da donzella no arvoredo, mas o dialogo que se segue não é tão longo. O final é o mesmo.

A tradição dos encantamentos foi muito guardada entre nós, e raro é o conto popular onde ella não entre. Estas historias então de donzellas encantadas, que são salvas por principes, são-nos muito communs.

Tendo comparado os romances d'esta primei-

(3) E' innegavel, porém, que o elemento chulo introduzido neste romance, apesar de brasileiro, torna-o destoante e fal-o menos nobre.

ra parte do *Romanceiro* (vol. 3.º), passaremos á segunda, que se insere — *Romances de supposta origem portuguesa*.

Continúa.

CELSE DE MAGALHÃES.

OS JESUITAS NO BRASIL

(AO AMIGO CELSE DE MAGALHÃES)

I

Antes de entrarmos em materia, devemos fazer uma ligeira observação:

Não acreditamos na sciencia innata; não nos julgamos, pobre peccador, dignos de merecer algum milagre em favor da nossa intelligencia; não temos a honra de ser inspirado por algum dos numerosos santos ou santas da esplendida corte celeste; por isso declaramos que o unico merito deste trabalho (se é que o tem) é ter demandado estudo da parte de seu auctor.

A verdade da famosa e antiga sentença — *nilhil sub sole novum* — é geralmente conhecida, e, segundo um dos nossos mais distinctos litteratos, a unica invenção hoje possivel consiste toda na felicidade da applicação; e ainda isto mesmo, continúa elle, não é dado á todos.

Compulsámos muitos escriptores, e delles aproveitámos as idéas e factos, que mais nos convinham; desde já repellimos a pecha de copista ou plagiario, que por isso nos quizerem imputar.

O nosso trabalho não será por certo perfeito, mas terá com certeza o cunho da verdade, filho de uma consciencia pura e de convicções firmes e inabalaveis, já robustecidas no pacifico remanso do nosso gabinete de estudo.

II

A organização da Companhia de Jesus, *composto formidavel de vida e de morte, de luz e de sombra* (1), a qual domina, assombra e perturba o mundo, foi concebida depois do cerco de Pamplona pelo obscuro fidalgo hespanhol D. Inigo Lopes de Recalde, posteriormente Ignacio de Loyola, que teve a felicidade de ver em pouco tempo realisada a sua idéa. A sua *ordem*, creada em 1534, só foi, com difficuldades e trabalho, formalmente reconhecida e approvada por Paulo III com a promulgação da celebre bulla, que começa: — *Para regimen da igreja militante, etc.* (*Regimini militantes ecclesiae etc.*) — a 27 de Setembro de 1540.

O procedimento do pontifice, que com admiravel instincto e sagacidade presentiu immediatamente os embaraços e perturbações, que esta ordem traria para o futuro á Igreja Catholica, está justificado pela urgente necessidade, que o governo do Vaticano, a curia romana, enfim, tinha de soldados dedicados, que podessem, sob um chefe intelligente e experimentado fazer face á corrente possante, energica e esmagadora do protestantismo crescente e victorioso. A eloquencia fogosa e brilhante de Lutero, de Melancton e de Calvino, combatia com energia as doutrinas catholicas, e a Igreja ameaçava desabar com semelhante ataque.

“A appareição de um novo Brenno contra a Roma dos papas necessitava, diz Macaulay, a de um Camillo para defendel-a; sendo o grito de guerra dos sitiados a isempção do pensamento, a senha dos sitiados foi a submissão espiritual, cega e sem limites.”

Longe de sensurarmos, louvamos e admiramos a fina politica de Paulo III, que em momento azado soube aproveitar os serviços dos operarios da nova companhia, poucos ainda, mas moços, vigorosos, entusiastas, e mais que tudo intelligentes e illustrados. A igreja de S. Pedro precisava de uma poderosa milicia,

que substituisse o clero decadente e desacreditado; era o unico meio de salvação para a náu pontificia, que ameaçava proximo e medonho naufragio no meio da corrupção, vícios, incapacidade e ignorancia das devassas e avidas ordens religiosas, que então a tripulavam.

Loyola e seus sectarios impunham o leme, e os acontecimentos mudaram de rumo, visto nenhum obstaculo, nem o mar nem a terra, nem o fogo nem o ferro, ser capaz de suspender a vontade destes distimidos nautas. E' hoje geralmente reconhecido que elles não trepidam em saltar por cima do que ha de mais sagrado, com tanto que consigam o seu fim, seja elle qual fôr, justo ou injusto, honesto ou deshonesto; só desejam e ambicionam a gloria e a prosperidade do seu instituto, empregando todos os meios, mesmo os mais severamente prohibidos pela moral eterna.

A companhia de Jesus não foi considerada util para a prosperidade da igreja, mas apenas necessaria para a sua consolidação e defesa; podemos mesmo reputal-a um composto de soldados mercenarios, que offereceram a sua espada á Paulo III, tendo em vista um fim occulto — o dominio absoluto do universo; era o exercito permanente do papado, não do papado considerado como instituição christã, mas do papado considerado como soberania absoluta.

As duvidas, que o pontifice romano teve em reconhecer a companhia, induzem-nos a crer que, logo que os seus serviços se tornassem desnecessarios, o proprio Paulo III a faria retrogradar ao immenso cahos do nada; assim procedem todos os soberanos, quando alugam os serviços e a espada de soldados estrangeiros.

Não achamos, na verdade, semelhante papel muito honroso para um homem da intelligencia e conhecimentos de Loyola. Era, porém, preciso subir, o resto seria depois. Isto era de sobra comprehendido pelo homem, que, como diz Orlando em sua historia apologetica dos Jesuitas, não podia comprehender como se pode viver sem uma grande ambição, e ser feliz sem um grande amor.

O fim constante dos Jesuitas é, como todos sabem, subjugar o universo, não pela força, mas pela astucia e dissimulação, affectando humildade e abnegação, para o que concorrem poderosamente as tres magnificas armas de que dispõem — o pulpito, o confessorio e o ensino.

O principio caracteristico desta seita é a obediencia illimitada, cega e passiva, que transforma o homem em cadaver (*ut cadaver*), ou no bordão de um velho (*senis baculus*), tirando-lhe a mais preciosa e sublime de suas faculdades — a liberdade —, não só a liberdade de acção, mas até, oh vergonhoso fanatismo! a liberdade de pensar. Além disto — a profundidade, a reflexão, a observação, a dissimulação, a astucia, a sagacidade, a paciencia, a fraude, o embuste, e mesmo a exploração dos proprios vícios, eram e são cuidadosamente recommendados e explorados em toda a sua nudez.

Sam estes os fructos, que colhemos da leitura conscienciosa e desapaixonada de alguns topicos do — *Exercitium spiritualia*, obra prima de Loyola, e que lhe fôra dictada pela *virgem santissima* (2), e do *Directorium*, escripto por um dos seus discipulos, o famoso *Aguaviva*.

Não declamamos; e, para prova do que acabamos de asseverar, aqui transcrevemos alguns dos preceitos da ordem.

Non intueamini in persona superioris hominem obnoxium erroribus atque miseriis, sed Christum ipsum.

Superioris vocem ac jussa non secus ac Christi vocem accipite.

Ut statuat vobiscum quidquid superior

præcipit ipsius Dei præceptum ac voluntatem. Si quid, quod oculis nostris apparet album, nigrum definiert ecclesia, debemus itidem quod nigrum sit pronunciare.

Querendo poupar trabalho aos nossos leitores, aqui damos a traducção feita por Timon, não o mysanthropo filho de Athenas, mas o querido e sempre chorado filho do Maranhão.

“Não devemos ver na pessoa do superior um homem ordinario, sujeito aos erros e misérias communs, senão o proprio Jesus-Christo — A voz e as ordens do superior, tomal-as como de Jesus-Christo. — Assentai convosco que tudo o que o superior preceitua, é vontade e preceito do proprio Deus. — Se a igreja disser de algum objecto que é negro, e os vossos olhos virem que é branco, repeti todavia que é negro — ” (3).

O grande Edgard Quinet, contemplando taes idéas, exclama cheio de uma justa indignação — A religião de Loyola não é a religião de Christo — porque este arrancava os Lazares do sepulchro, e os resuscitava á vida; — Loyola quer fazer de todos os seus adeptos outros tantos Lazares, mudos e immoveis no sepulchro que lhes cava — ” (4).

Poderíamos citar muitas outras obras dos Jesuitas, mas não o fazemos para não abusar da preciosa attenção do benevolo leitor, e mais que tudo para não merecermos o odio, e as pragas de alguma de nossas velhas e encarniçadas beatas.

Quem porventura não conhece as celebres *Cartas Provinciaes*, e as suas insolitas citações?

Tal é o acervo de monstruosidades alli contido, que muito tempo desconfiou-se que o odio votado por Pascal aos Jesuitas tinha alterado e envenenado as maximas tiradas dos livros de seus adversarios.

Na verdade, é bem difficil de acreditar que ministros de Deus onsassem publicamente amnistiar em certos casos a calumnia, o roubo e o assassinato. Era, porém, a dura realidade: e a verificação auttenticca, feita pelos curas de Ruão, provou que os originaes foram copiados *verbum ad verbum*.

As maximas de Suarez, um dos mais distinctos theologos da companhia, fizeram dizer a Bossuet — “*Eu nada conheço tão pernicioso como a opinião deste jesuita.*”

Eis uma pequena prova:

“Digo em primeiro lugar que não ha intrinsicamente mal em usar de *equivoco*, mesmo dando um juramento.... Se alguém prometteu ou fez contracto exteriormente, sem intenção de prometter, interrogado pelo juiz e intimado para declarar, sob fê de juramento, se prometteu ou contractou, pode simplesmente dizer *que não*, porque isto pode ter um sentido legitimo, a saber, *eu não prometti*.... com promessa que me obrigue.... Se alguém pediu dinheiro emprestado, que depois pagou, e que com tudo lhe tornam a pedir em juizo, sem que elle possa provar haver pago, neste caso, interrogado pelo juiz, pode negar que tenha pedido esse dinheiro emprestado; elle fará subentender que não pediu tal dinheiro emprestado.... uma segunda vez, depois de haver pago a primeira.” (5)

Se encararmos a moral dos Jesuitas, veremos que a verdade pura e a justiça absoluta sam de pouca importancia a seus olhos; veremos que mandam a mulher faltar ao dever imposto pela honra, logo que seja para salvar a vida, porque, dizem elles, a vida é mais preciosa do que a honra.

Não continuaremos em semelhante exame por amor á descencia e ao pudor.

Os grandes e profundos conhecimentos que

(3) J. F. Lisboa, loc. cit.

(4) Edgard Quinet — *Les Jesuites*

(5) Block — *Dictionnaire Politique*. — Veb. compagnie de Jesus.

(1) J. F. Lisboa — *Obras* T. 2.

(2) J. F. Lisboa — *Obras* T. 2.

Abro um livro de estrangeiro e leio estas palavras: "Nós vimos que o sentimento nacional, tímido ainda no tempo da colônia, ou mais ou menos revolucionário quando ousava se mostrar, só pronunciou-se de um modo franco e decidido depois de proclamada a independência. . . . Em quanto anteriormente se fazia luz na litteratura, de um modo intermitente e subjectivo, poudo então penetrar-a, tornar-se objectivo, assimilar-se-lh'a e desenvolver-a em todas as direcções, conforme ao espirito do século" (1) Oxalá que assim fôra! O escriptor austriaco illudiu-se. A consciencia nacional não foi tão vivaz, como suppoz, nesse tempo da independência.

Sem recorrer aos factos politicos e sociaes, que o asserto prova-n de sobejo, dentro da orbita litteraria existe um desmentido ás palavras do supposto historiador. Esse indianismo, que tanto admira na sua qualidade de estrangeiro, sequioso de sentir um mundo differente do seu, é a prova mais vivida e exultante do titubamento de nosso sentir de nação.

Foi justamente este grande estranho que conservou-nos bem longe das direcções do espirito do século!

Diz ainda cathegoricamente o escriptor: "o romantismo contractou n'este paiz o mais estreito laço com o nativismo, que tornara-se um poder. Este tinha necessidade da união para ser um elemento poetico e fornecer uma base positiva."

E' pouco edificante o modo por que nesse mediocre livro provam-se affirmações tão pronunciadas. O author encontra a mais forte justificativa de seu leviano fallar nos *Suspiros Poeticos* e na *Confederação dos Tamoyos*. E' admiravel! Haverá livros que menos denunciem esta nação do que os dois enunciadados?

Não o creio. O primeiro, traduzido em italiano, pode passar, com a mais inteira confiança, por obra de um *capuchinho* napolitano, que lêra Lamartine, tendo sido exaggerado classico, e publicara seu livro em Roma com todas as licenças da Santa Congregação do Indice! . . .

O outro é um producto morto, falsa epopéa de uma época sem alto valor, escripta mediocremente n'um tempo desalijado desses tremendos cartapacios em 12 cantos, enfadonhos, suporiferos como paginas de metrificado *Flos sanctorum*!

E' tanto do Brasil como do Paraguay, deste como da Patagonia. Nem retracta um facto epico de nossa historia, nem encanta-nos por uma pintura elevada a poetica dos selvagens.

Parece-me, de passagem, definitivo:—este genero de poemas selvaticos—coloniaes nascera e morrera com o poemeto de Bazilio. Por seu estylo mais vivido do que o dos poetas de seu tempo, por sua metrificacão harmonica e imitativa, o velho mineiro parece ter fechado para sempre as maravilhas do genero.

Tinha a immensa vantagem de fallar de um assumpto selvatico e virgem no meio do mais insupportavel e tyrannico classicismo.

N'aquelle tempo, no fim de um romantico episodio, era preciso muito talento para dizer de uma pallida e triste moça que morrera e que era linda.

"Tanto era bella no seu rosto a morte!"

Nada se encontra em nossas falladas epopéas dos ultimos tempos que se levante a aquella altura.

Cinco ou seis não poderam dar vida ao corpo do indianismo já cadaver.

SYLVIO DA SILVEIRA RAMOS.

Con tinúa

A IGREJA LIVRE

A PROPOSITO DE UM OPUSCULO DO SR. DR. SARMENTO

III

A substituição proposta ao artigo 5. da Constituição é de certo um passo dado na estrada

do progresso; não poderá, porém, merecer a approvação dos sectarios da igreja dominante, nem satisfazer as aspirações dos verdadeiros amantes da liberdade.

Para chegarmos a uma solução logica, é preciso romper, uma vez por todas, com as tradições funestas. O systema proposto, por motivos de conveniencia, pôde ser um palliatio de momento; não resolve, porém, satisfactoriamente os embaraços das relações com as orthodoxias.

Não se invoque em apoio de taes ideias o atrazo do paiz, nem circumstancias locais, quando este atrazo e circumstancias, em que nos achamos, são devidas ás imperfeitas instituições que nos regem.

A subvenção dos membros ignorantes de uma seita fanatica e retrógrada, não concorrerá para levantar este paiz do abatimento moral e intellectual em que jaz.

Que resultados de interesse moral e intellectual tem trazido a igreja privilegiada e subvencionada para nossa sociedade?

A superstição, o fetichismo e o fanatismo? Que resultados beneficos se esperam da igreja, não privilegiada, mas unicamente subvencionada?

Os fructos não poderão ser outros.

Si este paiz é eminentemente catholico, como vemos apregoar em todas as occasiões, em que se aventa a questão religiosa, não será de certo com a simples abolição do art. 5. da Constituição que desaparecerão crenças tão profundamente enraizadas.

As unicas instituições, que teem o cunho da legitimidade, são aquellas que estão gravadas no coração do povo; inutil é que a letra morta venha declarar o que é por todos sentido. Não será tam pouco com a abolição da subvenção pelos cofres publicos que se extinguirá o culto externo de milhares de homens.

Si, porém, da abolição dos privilegios e da subvenção, resultar o desaparecimento da igreja dominante, provará este acontecimento que semelhante orthodoxia não satisfaz as aspirações ideaes da nossa sociedade, e que só se mantinha pelo sustentaculo do braço secular.

E não se tema que por este facto pereça ou se corrompa ainda mais nossa sociedade; temos chegado a um tal gráo de corrupção e aviltamento que a decomposição social chegará em breve, si continuarmos regidos pelos actuaes principios.

Não se tema que pereça a sociedade, si cahirem por terra os pulpitos mercenarios defendidos pela força publica.

Abram-se as escolas e teremos o antidoto, o balsamo regenerador do sangue que gyra corrompido em nossas veias.

Admira que se venha dizer em pleno século dezenove que a nossa sociedade será incapaz de retemperar-se e está condemnada á destruição, si os cofres da communidade politica não sustentarem o culto externo.

Os principios de equidade e justiça não se conciliarão com doutrinas que consagram o direito da violação da consciencia humana; porquanto o culto externo não pôde ser considerado de utilidade publica e geral, mas tão somente de beneficio relativo e individual.

O caracter repugnante, que a questão religiosa tem tomado entre nós, prova de sobejo não só a imperfeição de nossas leis, como tambem o profundo atrazo intellectual em que vivemos.

De uma parte, vemos a idolatria das conveniencias, filha do receio de se abalar a tradição e de se chocarem opiniões admittidas sem criterio nem reflexão; de outra, um apego banal e incomprehensivel ao nome de uma seita, cujos principios se condemna, como si o nome valesse mais do que as crenças e convicções; finalmente, o fanatismo e obscurantismo erguendo-se magestoso e arvorando a bandeira da intolerancia, coadjuvado pela força creada pela nação para salvaguarda de suas liberdades, honra e independência.

Homens que passam, não se sabe porque, por eminentes, vem dizer perante o mundo civilizado absurdos e inexactidões que revelam

a mais falsa fé ou ignorancia, e que bastariam, em outro meio social que não fosse o supersticioso, hypocrita e ignaro em que vivemos, para condemnal-os ao publico desprezo. Homens que se intitulam de independentes e incorruptiveis, não se pejam de atacarem com vehemencia o direito indiscutivel do livre arbitrio, declarando, portanto, perante o paiz attonito, que não teem consciencia individual e arrancam applausos indecorosos, em vez de serem accusados perante o mundo civilizado por crime de lesa-humanidade.

Semelhantes aberrações do espirito são entretanto proprias de homens que a si mesmos se bastam e e aos que equiparam a representação nacional — a uma confraria de pedintes, e que só invocam a palavra sacrosanta da liberdade para profanal-a, confundindo-a hypocritamente com os sentimentos de vaidade, orgulho, odio e vingança, de que se acham possuidos.

Cegos que não veem que são impotentes para opporem barreiras indestructiveis contra o movimento, lei eterna do progresso que rege a natureza.

A estatistica da sociedade brasileira reduz-se com pequenas excepções ao seguinte quadro desolador: a escravidão, com ausencia absoluta de todo e qualquer sentimento de direito; a plebe, envolvida no manto hediondo da ignorancia e brutalidade.

O povo, supersticioso, indifferente e sem consciencia do que pôde.

A burguezia, gasta, sem estímulos, sacrificando tudo ás conveniencias e tractando sómente da propriedade.

A nata intellectual, os que dirigem os destinos da nação e fazem parte dos poderes constituidos, negando a lei eterna do movimento e tendo por divisa o absoluto ou o absolutismo.

E como agente poderoso para instruir-nos, moralisar-nos, elevar-nos, ennobrecer-nos e engrandecer-nos em todos os sentidos, se nos aconselha que sustentemos os membros de uma sociedade religiosa que só pode coexistir com a ignorancia, tem por mais forte esteio o fanatismo e o absolutismo, e por lei a immutabilidade, portanto a negação da lei natural do movimento.

Dóe-nos profundamente delongar-nos por mais tempo na contemplação desse horrendo, porém fiel quadro social, e só nos mitiga a dôr a esperanza de vermos em breve operada uma transformação pacifica e radical consignando-se no nosso pacto politico principios mais condignos do homem livre.

A unica solução compativel com o progresso e desenvolvimento pacifico de nossa sociedade, é a abolição do artigo 5. da Constituição brasileira, sendo substituido em essencia pelo artigo primeiro de additamento á Constituição Americana, que tem, além da vantagem de resolver o que toca ás relações entre o estado e a igreja, a de fixar direitos que teem sido conculcados pelos poderes publicos.

Art. 5. § 1. — A representação nacional não poderá fazer lei alguma com relação ao estabelecimento ou prohibição de qualquer sociedade religiosa.

§ 2. — A liberdade da palavra e da imprensa não pôde ser restringida.

§ 3. — O direito de reunião e de associação não pôde ser atacado.

Eis a substituição que almejamos e deve ser uma questão capital para todos os homens de boa fé, e temos a convicção profunda de que estes principios serão em epocha não remota consagrados no nosso pacto fundamental.

A. C. FERREIRA DA SILVA.

A POESIA POPULAR BRASILEIRA

IV

O primeiro romance d'esta segunda parte do *Romanceiro* de Th. Braga, e que tem por titulo

Sylvana, é o mesmo que servio a Garrett de tela para bordar a sua *Adozinda*. Este também o trascreve no seu *Romanceiro* (t. 2.º pag. 115), com o diminutivo de *Sylvaninha*, e o dá como originário português; mas Th. Braga diz que elle se encontra também nas Astúrias, com o nome de *Delgadina*, e transcreve a lição publicada por Amador de los Rios.

Si é português ou hespanhol, não seremos nós que iremos destrinchar o caso. Comtudo diremos que, nestes romances populares, as tradições sam muitas vezes communs a diversas nações, sem que houvesse para isso se dado o facto da herança ou da implantação. E' assim que, por algum tempo, ventilou-se a questão de indagar si o romance francez pertencia ás tradições Celticas, ou ás Germanicas e Scandinavas.

M. Gisli Brynjulfsson, (1) depois de ter sustentado a segunda opinião, reforma-a no fim do seu estudo, levado pela leitura do *Manbinogion* de Lady Guest e dos *Burdos Bretões* de Villemarqué, e reconhece francamente que não existe parentesco entre as tradições Celticas e os monumentos litterarios dos Scandinavos, de modo a considerar que os ultimos fossem origem dos monumentos litterarios dos Celtas.

"Fortifico com isto a minha opinião, diz elle, (2) de que todos os mythos e antigas tradições, pelo menos de todos os povos civilizados da Europa, comprehendidos n'esse numero tanto os Celtas como os Germanos, fundam-se essencialmente sobre uma unica e mesma base, que se não deve considerar historica, mas que provém de uma percepção primitiva do universo commum a todos estes povos e talvez a toda a humanidade."

Citando estas palavras, e chamando a attenção do leitor para o que vai em italico, temos em vista fazer notar somente que a opinião de Garrett não é destituida de fundamento, dando a *Sylvana* como de origem portugueza.

Vem ainda confirmar a opinião de M. Gisli o facto de que, em todos os romances populares, encontram-se acções, scenas e ideias communs a diversos, ás vezes de origem differente, e pertencentes a cyclos distinctos. E' assim que o nascimento de duas arvores nas sepulturas de dois amantes repete-se na *Peregrina* e na *Rosalinda*, da collecção de Garrett, no *Conde Niño*, da collecção de Th. Braga, e no *Tristan et Isenet*, romance medieval; o pedido da castellã ao pae, para dar pousada ao peregrino, repete-se na *Santa Iria a Fidalga* e na *Santa Helena*, da collecção de Th. Braga; a scena do testamento no romance *D. Aleixo* acha-se quasi toda na *Juliana*, que colligimos em Pernambuco, e assim muitas passagens que seria enfadonho citar.

Bem sabemos que esta opinião de dar ao povo concepção identica e semelhante sobre certos factos é hypothetica, mas é uma hypothese que vai adquirindo grande força de verdade, á vista dos factos comprobatorios que todos os dias accumulam-se com o fim de dar-lhe o caracter de uma lei.

Vamo-nos, porém, afastando do nosso assumpto.

Seja ou não de origem portugueza, a *Sylvana* é um romance muito conhecido entre nós, sinão completo, pelo menos semelhante em muitos lugares ao que se canta no Maranhão.

Lembramos-nos d'elle somente do ponto em que principia.

—Atreves-te tu, Sylvana,
uma noite a seres minha?

sendo o começo explicado em prosa, antes de principiar o canto.

1—*De l'Ancien Roman Français et de l'influence exercée sur son développement par les Normands*; trad. de L. S. Borring. Vem este estudo nos *Annaes da Sociedade dos Antiquarios do Norte*, T. 1.º (truncado), na Bibliotheca da Faculdade de Direito do Recife.

2—Obr. cit. pag. 247.

Segue, pouco mais ou menos, como o romance portuguez, até o lugar em que o pae de Sylvana vai ter com sua mulher á meia-noite julgando ser ella a filha. O dialogo entre elle e a mulher não existe na lição Maranhense.

A scena do encerramento na torre, o espaço de sete annos e um dia, commum em outros romances, a *comida por onça e a agoa por medida*, que davam a Sylvana, o pedido d'ella nas ventanas á mãe, aos irmãos e ao pae, tudo isso ha na variante que ouvimos.

A estrophe

Alevantem-se meus pagens,
criados da minha casa,
uns venham com jarros de ouro,
outros com jarros de prata;
o primeiro que chegar
tem a comenda ganhada,
o segundo que chegar
tem a cabeça cortada.

é completa entre nós, assim como as duas ultimas estrophes do romance. O *Bernal Francez* é um dos romances mais cantados e conhecidos entre nós, mais do que o de *D. Barão*, porém menos do que o da *Não Catherine*.

A variante Maranhense que possuímos dal-o quasi completo, como vem na lição da Foz colleccionada por Th. Braga, com um enxerto da variante dada por Garrett, da qual também é o começo:

—“Quem bate á minha porta,
quem bate, oh quem está ahí?”
—“Sou Bernal-Francez, senhora,
vossa porta, amor, abri.”

Em tudo o mais segue tal como na alludida versão da Foz, apenas com estes versos de mais, no lugar em que o cavalleiro faz uma imprecação á tumba da amante, versos que, já dissemos, veem na lição dada por Garrett.

Os versos são os seguintes, logo após estes dois

Do fundo da sepultura
uma triste voz ouvi:

da versão da Foz:

—Vive, vive, cavalleiro,
vive tu, que eu já morri:
os olhos com que te olhava
de terra já os cobri,
bocca com que te beijava
já não tem sabor em si,
o cabelo que entrancavas
jaz cahido ao pé de mi,
dos braços que te abraçavam (3)
as canas fêl-as aqui!
Vive, vive, cavalleiro,
vive tu, que eu já vivi.

seguindo-se o final como na versão da Foz.

Note-se agora uma cousa:—o romance, como o dá Th. Braga, é mais puro. Como se explica o enxerto da imprecação do cavalleiro, onde se encontra algum arrebique e correção, e onde o *aperfeiçoamento* tira-lhe a originalidade da rudeza da versão da Foz? Como foi que a herança deturpou-se d'esse modo, em um romance tão espalhado como é o *Bernal-Francez*?

Explicaremos esse facto da seguinte maneira, declarando comtudo que é uma simples hypothese, que não pôde ir documentada, mas que apezar d'isso não deixa de ser acceitavel.

E' provavel que o *Bernal-Francez* fosse herdado na sua pureza original, e que fosse cantado como vem na collecção de Th. Braga. Com a publicação, porém, que d'elle fez Garrett em 1828; com a revolução operada pelo romantismo; pela especie de enthusiasmo que reinou de então até certo tempo, enthusiasmo que se manifesta na manomania de se escreverem *zaccaras*, romances e lóas populares, inventadas,

3—Braços com que te abraçava—Var. Maranhense.

mais ou menos inaginosas, metaphoricas, defeltozas e que de populares só tinham o nome; (4) com o facto que se devia dar então de decorarem-se esses romances aperfeiçoados e inventados; com isso tudo, diziamos nós, é provavel que o *Bernal-Francez* fosse decorado, repetido e cantado. Como, porém, elle já estivesse espalhado de lta muito entre nós, aconteceu que a nova lição somente introduzio na velha os versos que transcrevemos, que aliás nos lembramos ter ouvido em outro romance, com pouca differença.

Seja como fôr, o *Bernal-Francez* é um dos romances mais sabidos e cantados no Maranhão, e também no Espirito Santo, segundo nos informa um amigo.

Os romances do *Conde-Niño*, da *Promessa de Noivado* e de *D. Aleixo* (5) sum-nos desconhecidos, excepção feita do que observamos na nota.

Do romance de *D. Pedro* conhecemos somente o fundo, e temos lembrança vaga dos versos que principia:

Olha para traz, D. Pedro,
olha se queres olhar,
o teu cavallo é branco,
veio já-do meu signal.

Os romances da *Filha do Imperador de Roma* e de *D. Agueda de Mescia* sam-nos também desconhecidos.

O romance do *Casamento e a Mortalha* é nosso conhecido em parte, isso mesmo no fundo somente. Este romance não foi encontrado na tradição oral por Th. Braga, que o extrahio da collecção de Garrett. Elle não se encontra nos *Romanceiros Hespanhóes*.

Somente temos lembrança completa da ultima quadra, com o mesmo nome de D. João:

Pois fique esta mão já fria
na sua mão adorada;
de D. João é viuva,
condessa será chamada.

Este facto de ser conhecido entre nós este romance pela lição de Garrett prova ainda mais a nossa opinião sobre o *Bernal-Francez*, pela popularisação dos romances do mesmo Garrett.

4—Em uma revista litteraria—*Minerva Brasileira*—, publicada no Rio em 1843-44, onde escreviam Torres Homem, Magalhães, Porto Alegre, J. Norberto etc., revista que pode marcar uma epocha—o desenvolvimento do romantismo no Brasil, vê-se essa tendencia, pela quantidade de romances ali publicados. Só do Sr. J. Norberto S. S. ha sete *balutas*. O numero total de todos os romances da revista é 16. Em um *Semanario*, publicado em 1857 no Espirito Santo, a allusão não é a mesma, mas ainda lá se encontram 5 ou 6 romances, além das transcripções do *Bernal-Francez* de Garrett e do *Acalentar da Neta* de Castilho. Ainda em 1872 publicou o Sr. Juvenal Galleno nas suas *Lendas* uma ballada—*Amor-Fatal*, a qual, apezar de ter seu merito como estudo, nada tem de popular, pelo figurado do estylo e metaphorico da linguagem. De presente sam esses os exemplos que nos occorrem.

5—A *Juliana* (variante de Pernambuco) tem uma estrophe que diz:

A minha alma entregue a Deus,
o corpo á terra fria,
a fazenda e o dinheiro
entregue á D. Maria.

a qual tem o mesmo sentido e semelhança com estes versos do *D. Aleixo*:

A minha alma dou a Deus,
e á Virgem Santa Maria;
o meu corpo tão valente
já o dou á terra fria,
coração á minha dama
discreta D. Maria.

O ultimo romance d'esta segunda parte que comparamos é o da *Não Catherineta*.

Nenhum é mais sabido, nem repetido com tanta felicidade, tal como veio de Portugal. O que possuímos (variante Maranhense) é completo, como vem em Th. Braga (versão de Lisboa).

As poucas mudanças que tem sam de nenhuma importancia:—transposição de palavras, troca de nomes por outros synonymos, porém que não transformam o pensamento.

Lembramos-nos ter ouvido, mesmo no Maranhão, uma outra variante, que dava o fim como traz Garrett, com o estouro do diabo e o salvamento da não, mas não temol-a, essa variante, por escripto, por isso não podemos affiançar se é tal qual traz o *Romanceiro* de Garrett.

Trataremos em seguida da terceira parte do livro que nos serve de parallelo n'este estudo comparativo.

Essa parte se inscreve:—*Romances que se encontram nas collecções hespanholas*.

(Continúa)

CELSE DE MAGALHAES.

OS JESUITAS NO BRAZIL

(AO AMIGO CELSE DE MAGALHAES)

O gentil cavalleiro, oriundo de Byscaia, que passara a mocidade nas dissipações e prazeres mundanos, depois de haver firmado a sua companhia, nascida silenciosa e mysteriosamente nas naves da igreja de Montemartre, principiou a subjugar o mundo.

O desejo de dissipar as trevas, que envolviam a maior parte do globo, e fazer apparecer a luz sobrenatural — da grandeza de Deus, e da salvação das almas, convertendo os idolatras e infieis, serviu de motivo á sua ardente sede de poder e riquezas.

A idéa de Ignacio de Loyola echoou no coração de seis jovens tambem ambiciosos, que encontraram no collegio de Santa Barbara em Paris, e que foram desde o principio o maior sustentaculo de suas theorias, e os primeiros que marmaram o leite de suas doutrinas. (1)

Eram elles:

Pedro Lefèvre, natural da Saboya: Affonso Salmeron, nascido em Toledo, e que tendo dezoito annos já fallava perfeitamente o latim, o grego e o hebreu; Simão Rodrigues, fidalgo portuguez; Francisco Xavier, descendente de uma nobre familia dos Pyreneus, e um dos talentos reconhecidos da universidade; e finalmente Jacob Laynez, de Almazan na Hespanha, mancebo dotado de rara eloquencia, e que, tendo vinte e dous annos, arrebatou e seduziu a juventude, leccionando uma cadeira de philosophia. O ultimo foi eleito posteriormente segundo geral da companhia, que recebera como legado do solitario de Maurreza — o mando do universo inteiro.

O projecto grandioso, gigantesco o sublime — de ensinar aos pobres a palavra santa de Deus — foi concebido por aquelles denodados campeões; mas não dignamente posto em pratica, porque o sophisma, a fraude e a hypocrisia, germens poderosos da dissolução e morte, falsearam o principio e denegriram a idéa.

Si a falsidade e a iniquidade não se introduzissem constantemente em todas as acções da companhia, seria este por certo o facto mais importante da historia moderna.

Os novos propagadores do christianismo, porém, dominados pela cega ambição de mando e riquezas, tudo olvidam e desprezam, tudo sacrificam e postergam:—vida, honra e liberdade—só tendo em vista aquelle infame e reprovado fim, causa principal de seu rapido desfallecimento.

(1) Padre S. de Vasconcellos. — *Chronica da companhia*, liv. 1.^o

mento, descredito e decadencia. Os seus mais insignificantes caprichos devem de ser realisados, ainda mesmo que seja necessario conseguil-os através de mil rodeios, captando a benevolencia das familias, afim de ganhar a confiança dos povos e dominar os estados.

Ignacio de Loyola fez de Roma a sede de sua residencia, e d'ahi dirigio com summa habilidade a conquista das nações, chegando a dominar no espirital como no temporal.

Rodrigues d'Azevedo parte para Portugal, e torna-se o primeiro valido do rei, cuja mal dirigida fé, diz Southey (2), fazia d'elle um escravo de formulas absurdas, e tornava-o cruel e intolerante para os que seguiam outro credo; Antonio Araosino para a Hespanha; Pasquier Bruet para a França; Laynez e Salmeron para a Italia, onde fazem parte do concilio de Trento; Francisco Xavier, o *Alexandre das missões*, para o Oriente, onde merece o glorioso nome de *Apostolo das Indias*; Lefèvre e Bobadella para o Epiro, Mayença, Colonia, Ratisbona e Vienna, isto é, para o centro das novas theorias cuja eschola tinha Luther o chefe.

O Novo-Mundo não podia escapar ao espirito explorador da ordem, e cil-a em 1549, nove annos depois de sua fundação, levantando os seus abarracamentos na Bahia de Todos os Santos.

A mal entendida piedade de um principe credulo introduzira em Portugal duas lepras sociais, vermes roedores da consciencia das nações — a *Inquisição* e a *Companhia de Jesus*. Foram estas sem duvida as causas de Portugal cahir em seu reinado da culminante grandeza, a que havia sido levado no dominio anterior.

A patria de Camões, tão mal vista e perseguida dos jesuitas, foi uma das primeiras nações, que hospedaram e enriqueceram os membros daquella sociedade.

Ahi muitos mancebos, sahidos do seio das mais nobres e illustres familias, correram a engrossar as phalanges do nascente instituto. Os moços, alem de se deixarem facilmente illudir, teem o perigoso defeito de serem amigos das novidades.

Estamos convencidos do seguinte:

O primeiro enthusiasmo tirou a razão á mocidade, que, sem duvida, não monopolisa os sentimentos generosos, mas em cujo seio elles se acham mais solidamente gravados; é sempre ella que está mais prompta para o sacrificio, que não acarrete victimas, mas é necessario que a causa tenha por méta os interesses vitais da humanidade, e não, como entre os jesuitas, um egoismo sem limites.

A mocidade, ao primeiro aspecto, não percebeu as maquinações da ordem, verdadeira morte moral, opposta á Reforma, que é vida, movimento e luz; não deu o verdadeiro valor ao modo leal, philosophico, litterario e artistico, com que os reformistas, desde Ulrich de Hunten e Franz de Lickingen até Luther e Zwingli, romperam com os preconceitos theologicos e dogmaticos da idade média; temeu, talvez, que este brilhante raio da intelligencia humana acarretasse a ruina da mundo; tudo recordou, menos que sobre os destroços dos antigos principios surgiria mais tarde um mundo novo.

A nova seita, que forma um verdadeiro *Status in Statu*, e que ainda hoje apresenta-se para moralizar os paizes e instruil-os pela religião, soffreu comtudo em Portugal viva opposição de homens de estado conspiciosos, da universidade de Coimbra, e da parte mais illustrada da população.

A companhia, porém, triumphou, miseria humana! porque em uma das conchas da balança estava a vontade absoluta do religioso rei, que, agradecido e alvoroçado, abraçou os recém-nascidos operarios, e permittiu que creassem elles profundas raizes naquella malfadada nação.

Deixemos, porém, a metropole, e acompanhemos os padres em sua immensa peregrinação.

(2) *Historia do Brasil*, tom. 1.^o

ção pelo nosso paiz; vejamos o modo por que coram os seus desejos, e por meio de cujos effeitos a religião devia desacreditar a mesma religião.

III

Estudamos, despido de prevenções, e seguimos a voz intima da nossa ainda honesta consciencia. E' esta a razão, porque não sujeitaremos facilmente a nossa intelligencia e a manifestação livre das nossas convicções á opinião alguma, por mais infallivel que pareça.

Examine o leitor com attenção as chronicas dos jesuitas, as paredes dos templos e casas por elles edificadas, e a propria areia que pisáram, e verão connosco apparecer a verdade, denunciando os seus negros projectos e pestilentos pensamentos. Não reputamos o instituto de Loyola, como dizem uns, a idealisação do poder catholico, o typo mais perfeito do ministro do Evangelho, numa palavra a reunião de verdadeiros *apostolos*, como em sua appareição, o denominou o povo; e sim cremos, como dizem outros, que é elle a falsificação da fé, o relaxamento das maximas da moral christã, a corrupção da disciplina ecclesiastica, quando exigem-no os interesses de sua egoistica politica (3).

Não acompanhamos F. Morin, que, negando aos filhos de Loyola até o ar para respirar, diz que nas almas baixas destes homens nunca abrigou-se sentimento algum nobre e aproveitavel; mas reconhecemos que no primeiro periodo appareceram alguns padres, verdadeiros cultores de todas as virtudes christãs e dignos de respeito e veneração. Taes foram entre nós os padres Nobrega e Anchieta.

Em geral, porém, sentimos dizel-o, envoltos, como diz o conego F. Pinheiro (4), no manto da fé e da caridade, buscavam servir os seus interesses particulares, e utilisarem-se da influencia que tão bem souberam grangear, para accumular riquezas que se tornaram proverbiaes, ou para darem aos negocios publicos a direcção que melhor lhes aprazia. Deste numero não exceptuamos o proprio padre Vieira, que, *individualmente tomado, offerecia o typo da abnegação e do desinteresse, como membro da companhia de Jesus era todo ambição e intolerancia*. (5)

Convencido d. João III, rei de Portugal, da inefficacia do systema de capitánias hereditarias empregado para colonisação do Brasil, revogou em 1547 toda a autoridade conferida aos divos capitães, ou donatarios, dando-as a um só, sob o titulo de *Capitão-General* ou *Viso-Rei*, com jurisdicção no civil e no crime.

Inaugurou o supersticioso e fanatico rei a mais despotica e esmagadora centralisação, pois, como diz o *pai da nossa historia* (6), a centralisação administrativa, propriamente dita, era acompanhada da dos negocios da justiça e da dos da fazenda, sujeitos aos cargos de ouvidor-general e de provedor-mór, que pela mesma occasião se instituiram. Este poder preponderante, *sangue-suga* do progresso, ainda predomina entre nós, e, o que é mais, tem encarniçados adeptos e acerrimos defensores!

Thomé de Souza, oriundo bastardo de uma nobre familia, mas notavel pela sua prudencia e firmeza, nomeado para o novo cargo, trouxe consigo a primeira cohorte destes novos vândalos — os jesuitas.

Compunha-se este destacamento dos padres João Aspilcueta Navarro, Antonio Peres, Leonardo Nunes, e os irmãos leigos Vicente Rodrigues e Diogo Jacome, sendo superior de todos o padre Manoel da Nobrega, já vantajosamente conhecido.

(3) Conego Dr. F. Pinheiro, *Int. á chronica da companhia* de S. de Vasconcellos.

(4) Lugar citado.

(5) Lugar citado.

(6) Varnhagen. — *Hist. do Brasil*, tom. 1.^o

Os padres, atilados e perspicazes, viram de ante-mão a intelligencia dos devotos offuscada por tantos espectaculos espantosos e estupendos; sabiam tambem que o povo em geral deixava-se com facilidade arrastar por tudo quanto é maravilhoso.

Opposta ao protestantismo, que é a religião do invisivel, o culto da abstracção, a escola do absoluto, esta ordem nomade e cosmopolita dirige-se aos sentidos; e com um profundo conhecimento das fraquezas do coração, põe a a sensação em lugar da meditação, e substitue o pensamento e mesmo a fé pela allucinação e extasis do sentimento. Certas maximas que o christianismo adorava, o jesuitismo corrompe; certas doutrinas de que a religião de Jesus julgava viver, elle as reduz a pó. Sam, porém, baldados todos os seus esforços para impedir a marcha das idéas civilisadoras do seculo; o califa Omar tambem tentou, incendiando a bibliotheca de Alexandria, impedir o progresso das sciencias.

A' vista disto, porém, o que não podemos comprehender é a razão porque esses mesmos padres condemnam tão acremente a imponente enargueia, que o *Alcorão* faz do paraizo de *Mahomet*.

Tanto esta descripção como todas as que adubam, o vasto bojo das chronicas do instituto de S. Ignacio, sam concebidas com o mesmo fim e presididas pela mesma idéa — prender a attenção publica e conquistar adeptos.

Já é, porém, tempo de embarcarmos e acompanharmos os jesuitas para o Brazil.

**

A expedição composta de tres galeões, duas caravelas e um bergantim partiu de Lisboa no dia 1.º de fevereiro de 1549 e aportou ao seu destino a 29 de março. (1)

O novo governador-geral trouxe consigo, alem dos seis jesuitas já mencionados, muitas familias, que vinham estabelecer-se na colonia, seiscentos homens d'armas, e quatrocentos de gradados.

Os ultimos sam provavelmente o nobre tronco de muitos enfatuados, que conhecemos, e que havendo hoje pago o imposto á vaidade, na phrase do conselheiro Zacarias, figuram nos nossos almanacs e folhinhas com os nomes burlescos de — *barões, commendadores et reliqua*. Curvem-se estes, bem como a maioria da nossa podre aristocracia, ante as cinzas respeitaveis de seus probos e distinctos antepassados.

Os filhos do capitão das guerras de Navarra começaram a sua missão ainda a bordo, e brevemente poudo experimentar o governador, diz Simão de Vasconcellos, o que delles ouvia só por fama, porque não aquietaram seus espiritos, pregando, praticando, fazendo procissões, proibindo jogos, juramentos, fazendo amizades, trazendo aos Sacramentos, e extranhando sobre modo abusos. (2)

Thomé de Souza mesmo experimentou a severidade do novo reformador, e teve de romper com um preconceito antigo perante a logica convincente do santo padre; foi ella um milagre, que á todos admirou e submetteu os mais incredulos.

Eis o caso que citamos por nos haver parecido curioso e digno de menção:

Tinha o governador por costume não comer cabeça de peixe ou de qualquer outra alimaria por devoção á S. João Baptista, cuja cabeça fôra cortada por defensão da castidade. Reprehendeu-o Nobrega, e mandando lançar a linha ao mar, veio nella com geral espanto uma cabeça de peixe sem o resto do corpo, a qual, segundo os chronistas, *tinham os anjos cortado e preparado para aquelle milagre!*

(1) Alguns historiadores dizem que a esquadra sahio de Portugal no dia 2 de fevereiro e chegou ao Brasil em principios do mez de abril; mas não vem a proposito procurar aqui qual das opiniões é a mais exacta.

(2) S. de Vasconcellos — *Chr. da Comp.* liv 1.

Prodigio milagroso! que, alem de ser o mais completo abuso da ignorancia e superstições da epoca, é para nós prova de falta de religião e completa auzenia de principios. Os chronistas, zombando do que ha de mais sagrado, fizeram descer os pobres anjos do elevado pedestal em que haviam sido collocados pela justiça divina ao nivel desprezível de moços de cosinha!

Deixamos a apreciação destes e outros milagres de que estam cheias as chronicas da ordem á razão justa, esclarecida do leitor sensato, que lhes dará o devido apreço.

Quanto á nós abraçamos *in limine* a opinião do Dr. Antonio Henrique Leal, (3) que, tratando da materia, nos diz:

“Sam tantos, tão maravilhosos, occorrem com tanta frequencia, a proposito de circumstancias tão ligeiras, e por meio de todos, ainda dos meninos mais somenos da companhia de Jesus, que a sua narração se nos antolha como originada de pura credulidade, como filha do desejo de encarecer o merecimento dos servos de Deus e da santidade do instituto, por intervenção de cujos filhos, Deus se servia de praticar cousas tão extraordinarias, estupendas e incriveis. Mas nisto mesmo se funda meu reparo, que se ha milagres, como diz a religião e eu piamente creio, não me parece por outro lado que Deus haja de derogar a todo o momento as leis eternas da natureza para fins talvez, ou antes quasi sempre inferiores aos meios empregados.

“Um milagre, que bastaria para a conversão do universo a fé christã, me parece mal cabido, quando delle não resulta mais que a canonisação de um santo; e assim tambem anjos, que descessem dos céos, teriam mais que fazer na terra do que cortar a cabeça á um peixe, só para que os companheiros de Nobrega tivessem mais entrada no animo do governador do Brazil. Nobrega, porém, nenhuma parte teria na propalação deste facto, que se diz referido pelo proprio governador, e que só foi publicado um seculo depois de acontecido.”

Depois de sessenta e seis dias de viagem lançaram os nossos padres ferro “na formosa e espaçosa Bahia de Todos os Santos; assim chamada, ou porque parece um paraizo, onde habitam todos os Santos; ou porque parece que todos os Santos do Paraizo influem nella alguma parte de suas qualidades.” (4).

**

Emquanto o primeiro governador com o concurso dos seus e dos gentios lançava em uma altura pouco distante da praia, e não muito afastado da antiga *Villa Velha*, os alicerces da nova cidade, levantavam os jesuitas com as proprias mãos a sua primeira igreja.

Querendo a companhia dispôr de um forte elemento com que podesse resistir ás exigencias dos governadores e fazer face aos colonos, tratou immediatamente de ganhar a affeição dos selvagens por meio da caridade, simulada ou verdadeira, que mostravam para com os doentes desprezados, á quem iam visitar, levando-lhes pequenos mais apetevidos presentes.

Buscaram tambem os jesuitas attrahir a si as crianças por meio de brinquedos, que muito apreciavam, cuidando logo de ensinar-lhes a lingua portugueza á fim de poderem contar mais longe com bons e dedicados interpretes, prezos pela a amizade e gratidão. Quem tem por si a mocidade tem o futuro, e a imprevidencia é palavra que não existe nos dicionarios da companhia.

Em breve entregaram os padres a igreja, que com tanto suor tinham edificado, á um vigario, Manoel Leitão, vindo de Lisboa, e foram construir outra fóra da cidade, em uma elevação (Monte Olvario) cercada de selvagens *em tanta quantidade que podia duvidar-se, quaes eram mais, se elles, ou as folhas das arvores!* (5)

(3) Artigo publicado no *Paiz*.

(4) Vid. a nota segunda.

(5) Idem.

Foi este o centro das operações para as primeiras catecheses dos livres habitantes de nossas incultas mattas; d'ahi partiram as primeiras ordens para a propagação da fé christã nesta vasta região da America Meridional. Infelizmente era por cobiça, diz o nosso melhor poeta lyrico, (6) que os missionarios deixaram a frisa e a orla dos roupets nestas florestas sem caminho, por que tantas privações passaram, por que soffreram tantos martyrios.

**

A propaganda religiosa dos jesuitas entre o gentilismo merece toda a nossa attenção. A tarefa, porém, já se nos affigura superior ás nossas forças, não só porque exige ella uma penna mais douta e elegante que a nossa, mas tambem porque todas as lanças e espadas dos gladiadores do ultramontanismo poderão de um só jacto aniquilar o misero escriptor destas linhas.

Nada nos afflige.

Só tememos o *anathema*, não destes que hoje pululam por todos os cantos do orbe catholico; não destes de que tem lançado mão os bispos de nossas dioceses até contra os jornaes, e que parece ser — a *ultima ratio* — da theocracia desenfreada e ao mesmo tempo decadente; mas, confessando com sinceridade, receamos e muito que o raio da excommunhão seja fulminado contra nossa cabeça pelas delicadas mãos de alguma engraçada e seductora partidaria dos filhos de S. Ignacio.

Affrontamos tambem de viseira alçada a propria critica; porque, como já temos dito diferentes vezes, estamos intimamente convencido de tudo quanto avançamos.

A critica bem fundada e justa faz apparecer a verdade, e a injusta, gratuita e offensiva, só desacredita a quem a faz e fica sempre abaixo do desprezo do criticado.

Procuremos apreciar, com sangue frio e verdadeiro criterio, não só este ponto como todos os outros do programma dos jesuitas, os quaes, como Alexandre, rei da Macedonia, achavam e acham a terra demasiadamente pequena para conter a sua enorme ambição.

Para bem comprehendermos esta ordem, a mais figadal e rancorosa inimiga da liberdade, não é bastante vel-a triumphante associada aos negocios humanos, desnorteando ao mesmo tempo o espirito e a vontade dos principes e dos povos. É preciso mais que tudo estudal-a, estudal-a nos pensamentos e palavras de seus tribunos, escriptores e confesores.

Faremos pois algumas considerações geraes sobre o pomposo e arrogante programma da congregação de Jesus — propagar a fé, converter os hereticos e infieis, e instruir a mocidade.

Começaremos pelas missões ou propagandas religiosas.

CLEMENTINO LISBÔA.

(6) Dr. A. G. Dias *Ini. aos annaes de Berredo*.

A POESIA POPULAR BRASILEIRA

V

Dos cinco romances d'esta parte (1) só o primeiro (do *Conde Preso*) não é nosso conhecido. Os outros quatro ouvimos-os bastantes vezes e o fundo é o mesmo das versões portuguezas. Apontaremos as semelhanças, seguindo sempre a classificação de Th. Braga, entre os romances portuguezes e os nossos herdados, o que fazemos de memoria em toda esta parte.

Romance do Conde Alberto. — D'este romance o que mais nos ficou em lembrança foi o adeus

(1) O numero dos romances d'esta parte terceira é de onse, mas é porque ha dous e tres romances ás vezes sobre a mesma tradição, por isso damos o numero de cinco, que tantas sam as tradições sobre que elles se fundam.

de Silvaninha, que, na versão do Porto, começa assim:

— Adeus moças, adeus aias;
com quem eu me divertia;
adeus espelho real
onde me via e vestia. &

assim como esta estrophe, da variante da Beira-Baixa, que temos de cór, por a termos ouvido muitas vezes:

Foi-se d'ali o bom conde,
cheio de melancholia;
mandou fechar suas portas,
cousa que nunca fazia!
mandou pôr a sua meza,
nem um, nem outro comia;
as lagrimas eram tantas
que pela meza corria.

Romance do Conde de Allemanha. — Reminiscencia vaga, excepção feita dos seguintes versos que temos quasi de cór:

— Minha mãe, minha mãesinha,
venha á janella do canto,
venha ver o senhor conde
todo vestido de branco.
Venha ver, oh minha mãe,
á janellinha do paço,
Venha ver o senhor conde
com uma corda ao pescoço.

Romance de D. Carlos de Montalbar — E' este o romance de que nos lembramos mais e foi tambem um dos mais populares em Portugal, o que explica a sua popularisação entre nós. Th. Braga diz d'elle: (2) — "Eis um d'aquelles romances de que o povo tanto se apossou, que o inverte e borda á capricho, tomando a acção como typo de novas situações" —

Na variante Maranhense que ouvimos, havia quasi uma reconstrução do romance, com as tres versões do Porto e Beira-Alta (commum), Beira-Baixa e Coimbra.

Na versão commum ao Porto e Beira-Alta, desde o lugar que principia:

Aos sette para oito mezes
seu pae que estava a mirar;

até a parte em que D. Carlos recebe a carta levada pelo pagemsito, e que acaba

Jornada de trinta legoas
temol-as nós para andar,

é quasi completa a lição que ouvimos.

Ha a scena dos alfaiates, assim como, para o fim, a do disfarce de D. Carlos em frade para salvar a amante.

A variante da Beira-Baixa, porém, parece-nos que foi a mais cantada entre nós, pois é d'ella que conhecemos pedaços mais completos e iguaes aos nossos. N'esta variante (*D. Lisarda*) o nome do conde é o mesmo que aqui ouvimos (*Montalvão*), mas não o é o da amante, do qual não temos lembrança.

Logo no começo do romance ha semelhança com o que ouvimos:

— Tenho feito um juramento
na folhinha do Missal,
menina com quem dormir
de eu a não ir diffamar.

Desde o lugar que começa:

— Não se me dá que me queimem,
nem que me mande queimar;
dá-se-me d'este meu ventre
que leva sangue real;

até a entrega da carta pelo pagem, é completa

(2) *Romanceiro* — 5. 3. Notas 31, 32, 33.

a variante que ouvimos, e é igual á esta da Beira Baixa, menos as transições explicadas por estes versos:

Chegou á uma janella
mui triste do coração,

e por estes:

Appareceu-lhe um menino
de sette annos e mais não.

A variante de Coimbra tem uma ideia, que vimos reproduzir-se n'um romance obscuro colligido em Pernambuco, que julgamos ser Brasileiro não pelo elemento *chulo* que n'elle predomina, proveniente do meio em que nasceu, mas tambem pela historia que d'elle nos contou a lavadeira que nol-o disse. Essa historia referia-se directamente á uma mulher determinada, com quem se havia dado o facto, e que era conhecida, dizia a lavadeira, de sua defuncta avó.

A ideia de que fallamos é a da feitiçaria daservas magicas, manifestada na *D. Areria* (variante de Coimbra) n'estes versos:

A cidade de Coimbra
tem uma fonte de agoa clara;
as moças que bebem n'ella
logo se veem pejudadas.
D. Areria bebeu nella,
logo se vio occupada. & &

e na *Mulher do nosso Mestre* (romance obscuro de que atrás fallamos) nos seguintes:

A mulher do nosso mestre
foi se lavar na enxurrada;
.....
pegou no peixe espada.
Ao cabo de nove mezes
manda chamar a parteira:
— Venha cá, sinhá comadre &&.

O resto do romance é inqualificavel e repulso de torpeza.

Mas vê-se o elemento da feitiçaria commum na formação da poesia popular dos dois paizes, si é que a idéa do romance Pernambucano não é mais obscena ainda do que julgamos.

Romance do Passo de Roncesval. — Não é muito conhecido aqui, e apenas para o fim ha dois lugares, dos quaes temos lembrança completa. Um d'elles é quando o mouro dá os signaes de D. Beltrão, ao velho pae que o buscava:

— Sette feridas no peito
a qual será mais mortal:
por uma lhe entra o sol,
por outra lhe entra o luar,
pela mais pequena d'ellas
um gavião á voar.

O outro lugar é quando o cavallo levanta-se, para se defender da accusação que lhe dirige o pae de D. Beltrão.

Este facto da conservação completa entre nós d'este pedaço é muito caracteristico, para acentuar a tendencia da poesia popular Brasileira. Faremos notar essa tendencia em tempo, e então fallaremos mais largamente sobre este fragmento do *Romance do Passo de Roncesval*.

Dos romances mouriscos e contos de captivos nada temos; nem nos lembramos ter ouvido cousa que se parecesse com as que vêm no livro de Th. Braga que nos serve de paralelo.

Esta falta de popularisação d'estes romances e contos, julgamos explicar por algumas razões que, por serem de mais longo desenvolvimento, faremos d'ellas objecto do capitulo seguinte.

Continúa

CELSE DE MAGALHAES.

CARIDADE

Amal-vos uns aos outros.

A ordem social constitue-se em tres camadas que se tocam e se communicam. Na primeira estão a opulencia e a hypocrisia, na segunda a indigencia, a ignorancia, e o vicio, na terceira a paz de consciencia.

Vivem na primeira as entidades fartas, quentes, sadias e alegres. Para elles a vida é um céu aberto. Uns nascem em berços aristocraticos, cujos pergaminhos não contem as impurezas da linhagem. Crescem e se educam n'aquella distincção fidalga que lhes dá a consciencia da sua superioridade. Tem casas nobres, grandes, architectonicas; tem leitos largos e cosinhas pantagruelicas. Candelabros e estofos nas salas; penetráes propicios a todos os amores e acepipes propicios a todos os gostos. Junto delles Lucullo não passaria de um idiota. Bebem oiro liquido, em quanto que ha miseraveis que morrem a sede. Uma folha de rosa faz-lhes insomnia, um adulterio traz sonhos paradisiacos.

Os funulos têm gravata branca e luvas de pellica, os amos não tem luvas de pellica nem gravata branca: — caprichos da sumptuosidade.

Irritam-se quando ouvem a legitimação do furto, e roubam, deliram contra o atheismo, e vendem-se ao diabo.

O mendigo que apella para a sua caridade, recebe o que escapou aos cães.

Pagam uma bofetada com um sorriso de covardia, e respondem com o tiro a reacção justa, mas imbelles. Todas as ignorancias nodam os seus arminhos.

Nas commoções sociaes ou fogem ou arrebatam nas garras os despojos de um conflicto em que não tomaram parte.

Entre uma taça de qualquer cousa e uma torpeza suprema cahiriam na ficção de Buridan.

Seos aliados são os hypocritas — os homens do dogma e do breviario. Amparam-se reciprocamente. Uns e outros tem medo do livro, porque o livro desentranha-lhes as perversidades que os devoram.

Ai de quem lhes cai no desagrado, porque cai entre o sicario assalariado e o fanatismo que tresvaria.

O *statu quo* é a unica situação social que conhecem, porque esta conserva-lhes os gosos, os privilegios, as sinecuras, a obesidade, os magnificos divans e as amantes.

Tem medo das revoluções porque ellas deslocam os homens e os repartem.

O fidalgo fustiga o proletario com a chibatilha, o ultramontano as consciencias com o absurdo: parecem-se.

Nunca se os viu corarem, nunca, — desconhecem essa nobre manifestação do pudor. Quereis vê-los infinitamente pequenos — lisongeai-os.

Estão sempre mascarados. Se soi- capaz tirai-lhes as mascaras — recuais fulminados. Vereis a personnalisação de todas as paixões ruins. Por traz da mansidão ha trinta e dois dentes, por traz da hypocrisia ha garras, e por traz de tudo — a cobiça raivosa e insaciavel.

Ouidado! si lhe rompeis a mascara, porque abris uma jaula, e precisais ter um ferro em braza para domestica-los.

Aproveitam-se dos que têm sede e dos que têm fome, para abrir-lhes fontes de veneno e dar-lhes a nutrição de um fanatismo de muitos seculos.

A hypocrisia luxuosa, insolente e inexoravel cobre tudo isso. — Sepultura, de que falla a parábola: por fóra a alvura, a podridão por dentro.

Vem agora a segunda camada, tão escura e tão feia, como essa. Differe da primeira em ser magra, anemica, faminta, maltrapilha, perseguida pela policia e dizimada na escuridão. — A historia conhece essa massa como si ella fosse compacta.

E' um cháos em perenne fermentação. Só conhece-se o individuo, quando o poder social o apprehende e lança-o na penitenciaria.

Foi preciso que alguns espiritos admiradores da sua modestia e do seu desprendimento de toda a ambição, tratassem, sem que elle de tal soubesse, da sua eleição de representante do povo de Paris no mez de Fevereiro de 1870. Ausente da cidade, não havia sollicitado o suffragio e só soube da sua candidatura no dia em que recebeu a nomeação de deputado.

Não aconteceu o mesmo com a sua eleição á Academia. Tinha-se apresentado ao suffragio dos immortaes em 1863.

Sendo já membro do Instituto, queria ser do numero dos quarenta. E não completava elle só com o seu *Diccionario* a tarefa de seus futuros collegas?

Nessa época, porem, o bispo de Orleans tinha soltado altos brados na brochura escripta contra Littré, Taine e os outros candidatos, a qual, segundo o dito de Sainte-Beuve, se escôon por baixo da porta dos Academicos na vespera da eleição. Littré foi derrotado. Monsenhor Dupanloup sustentou que havia um perigo social na nomeação do discipulo de Augusto Comte, na acolhimento dado ao positivismo na pessoa de Littré. Foi por essa occasião que Sainte-Beuve escreveu esses artigos vingadores, que foram o primeiro triumpho do philosopho calumniado.

O que o Monsenhor censurava sobretudo em Littré, era o mesmo, que censurava M. Luiz Venillot, isto é, a publicação do *Diccionario de Medicina* de Nysten, obra prima de erudição e clareza, onde o homem, este bipede implume de Platão, é definido—oh cumulo de horror!—: “um mamifero bimanio da ordem dos primatas.” A sciencia tem dessas rudezas franquezas: dá nomes barbaros ás flores, e, como na poesia de Boileau, chama a um gato pelo seu proprio nome. Monsenhor Dupanloup não pôde ouvir isto com bons ouvidos e nem acostumar-se a estas rudezas de estylo, mostra-se portanto intratavel para com o “bimanio,” que todavia foi admittido na Academia, não obstante as suas admoestações episcopaes. Isto o levou a pedir a sua demissão, a qual por conselho de M. Guizot, lhe foi negada pela mesma academia.

Acaso estaremos ainda no tempo em que o astrônomo não podia dizer que o sol era o centro do systema planetario, porque essa verdade ia contrariar a lenda de Josué?

O escalpello antes de dissecar a machina humana terá necessidade de carta branca? E o anthropologo será ainda obrigado como outr’ora a estudar as vicerias n’uma boneca ou manequim qualquer?

A sciencia, esta força irresistivel do seculo em que vivemos, esta grandeza algumas vezes temerosa, e muitas outras sublime, do homem em busca do progresso, terá ainda de que arrecear-se e deverá curvar a fronte como outr’ora ante o veto inquisitorial? Graças á esta intolerancia, a sciencia dos Lamark e dos Geoffroy Saint-Hilaire emigraria inteiramente para o paiz de Darwin ou de Virchow. O sabio que de boa fé e com toda a sinceridade busca ardentemente a verdade, interroga anciosamente o destino humano, terá a temer que seja apontado como cúmplice dos incendiarios, dos miseraveis, dos loucos? A vida inteira de Littré protes-

ta contra as accusações que se lhe movem. O seu viver é o de um sabio e de um homem de antiga tempera. Grave, probo, simples e tolerante, sorri para sua mulher e sua filha, que vão á missa, enquanto elle continúa nos seus estudos de physiólogo. E só responde aos ataques que lhe dirigem, continuando essa existencia de pensador modesto, que nunca ancioou por tanta celebridade, nem esperou dar causa para tamanho ruido.

Pelo physico é Littré um velho de estranha e inolvidavel physionomia. Estatura mediana, rosto encolhido, sulcado e trigueiro. Caiem-lhe na nuca os cabellos negros e lisos como a um clérigo. A fronte larga e poderosa franze-se n’um pensamento unico. Brilham-lhe atravez dos olhos dous olhos cansados pelos velhostextos e pelos estudos philologicos. A viva expressão de seu semblante está principalmente no labio inferior, pronunciado e pendente, apartado das commissuras da bocca por dous sulcos profundos, onde se patenteia o despreso mais completo e a mais pungente ironia pelas futilidades mundanas ou pelas injurias que lhe são atiradas.

Ha no museo dos Uffizzi, em Florença, um busto de Machiavello, que apresenta esta mesma expressão amarga e desdenhosa. Quantas vezes não tenho pensado n’esse busto, n’esse *rietus* do patriota florentino, vendo Littré, do qual essa obra da esculptura italiana é como que a imagem petrificada!

Quem não conhecer o traductor de Strauss ha de tomal-o ao passar por um sabio clérigo dos velhos tempos. A sua sobrecaçaca preta lembra, pelo comprimento, os longos vestidos das personagens de Masaccio. Traz os bolsos constantemente cheios de brochuras. Parece ler e estudar sempre.

Quem o visse na Assembléa nacional, curvado sobre qualquer revista ou tratado de philosophia, diria que nenhuma attenção presta ao que o cerca. Entregue a suas reflexões parece estar longe da realidade presente. Mas não é assim: quando do alto da tribuna cai alguma palavra que desconhece ou fere o que elle desde a mocidade ama, ensina e defende, o labio accentua a ironia, a bocca abre-se, e um rir silencioso esclarece de um modo phantastico o semblante do doutor hebreu, que parece responder com piedade, e dizer baixinho:—“A que vem isto?”

Eis o homem. E’ o litterato mais intimamente ligado ao seu mister que já produziu este seculo de ruidosa charlatanice. E’ um letrado que cuida dos pobres, na qualidade de medico, e pede esmola para elles. E’ um philosopho que escreve a respeito da morte as paginas mais pungentes e mais sentimentaes. E’ um physiólogo que falla como poeta dos mundos desconhecidos, do infinito e das estrellas, *essas ilhas de fogo*, como lhes chama Byron. E’ um Fontenelle inspirado, que não tem dois cerebros, como o amigo de Madame Deffand, mas um cerebro e um coração.

Não conheço trabalho litterario, que mais me impressionasse do que a noticia de Littré sobre Armando Carrel, inspirada pela mais sincera admiração e o mais profundo sentimento. Quando o escriptor

lembra a noite lugubre da morte do illustre e cavalheiresco jornalista, o seu estylo de ordinario preciso e frio eleva-se n’uma arrebatadora eloquencia. Diz Littré:

“O que poderá confranger tanto o coração como essas horas, em que, no meio do silencio da noite, aos froixos, raios de uma luz vacillante, se ouve somente, já sem esperanza alguma, essa respiração da morte, que nos adverte de que tudo está prestes a findar? Nessa angustia cahem os minutos gotta a gotta: depois cessa o respirar, e começa a immobildade. Então inclinamos a cabeça, as lagrimas correm e amargura inunda o coração.”

Eis o homem contra o qual muita gente parece disposta a pronunciar exorcismos! Creio que o não têm lido, nem sabem que á sciencia profunda do philosopho reune não menor somma de bondade, caridade e virtude.

A POESIA POPULAR BRASILEIRA

V

A transplantação da poesia popular, ou si quizerem, das tradições que lhe servem de base, está sujeita á certas regras, deduzidas da observação e da experiencia, sob as quaes esta se desenvolve, e sem as quaes ella é impossivel.

Note-se que se não trata da *formação* poética do povo, que tem tambem as suas regras, e sim da transplantação das lendas de uma nação conquistadora ou invasora para outra que lhe soffre a influencia.

No primeiro caso, no da *formação* poética, o povo não vai buscar tradições alheias, muitas vezes á sua indole, aos seus costumes, á sua religião, á sua mythologia e á sua lingua; crêa, tece a sua historia legendaria, que é a manifestação de sua propria personalidade, com essa intenção, como que universal e commum á todas as nações, de que fallamos já, citando o estudo de M. Gisli Bryonjulfsson sobre o romance francez. O maravilhoso, o cavalheiresco, o magico, o inesperado, tudo isso concorre para o *romanceiro* popular, e sam factos esses que se encontram no espirito dos *romances* e lendas populares de qualquer nação.

Na transplantação, porem, não se dá isso. Por falta de originalidade, de mythologia, de lingua desenvolvida, um povo accete a influencia de outro, a sua religião, o seu direito, a sua lingua e as suas tradições.

Nós já mostramos ligeiramente as razões da nossa pobreza poética, e da pouca accentuação que se ha de notar no nosso *romanceiro*, assim como tambem as pessimas condições em que se deu a transplantação e, por consequencia, a corrupção fatal á que chegou.

Por isso não entraremos em explanações mais largas sobre este ponto, e apenas nos contentaremos com procurar as razões que actuaram, á nosso ver, sobre a não implantação dos romances mouriscos e de captivos, investigação que, dizemol-o de passagem, funda-se na applicação dos principios, reconhecidos e acceitos, sobre os quaes se dá a transplantação, mas que pode fallar em relação á qualquer outra provincia que nos é desconhecida, e onde seja repetido o romance mourisco. Este facto, si elle se verificar, pode ser explicado então por outra qualquer razão, que diga respeito á circumstancias particulares de colonisação. (1)

(1) Como prova citariamos, por analogia, o facto que deve se ter notado nos *romances* colhidos no Maranhão, de que todas as suas variantes em geral approximam-se, ou então sam perfeitamente semelhantes ás *versões* e *variantes* da Foz.—Não sabemos ainda qual a explicação

**

Na transplantação ha uma lei generica, que se póde synthetisar d'este modo:—O povo adopta de preferencia os romances tradicionais que não dizem respeito á facto algum particular, e, quando aceita as tradições de outro povo, vai substituindo lentamente os seus heróis aos extranhos. (2)

A explicação d'esta lei é facil.

A poesia popular não é um facto que decora de uma méra diversão individual, como se dá no lyrismo choramingas do poeta, que conta as scenas de seus amores, passadas á beira do regato e á luz da lua. Não é tambem o effeito de uma revolução erudita, que imponha suas regras, vasadas ás mais das vezes em moldes acanhados (como o classicismo); nem tão pouco a accumulção premeditada e regularizada de lendas e tradições, apanhadas aqui e alli, somente com o desejo de formar-se um *romanceiro*.

Citam-se exemplos para provar esta asserção. O provençalismo, apesar da opinião de Faubert, que sustenta ter sido elle a origem do romantismo cavalheiresco da França, o provençalismo, diziamos nós, nenhum effeito fez á poesia popular franceza, porque elle se limitava ás alambicadas imagens das *cortes de amor*, enervando antes o espirito popular, do que fortalecendo-o.

A poesia lamartineana nada trouxe tambem de tradição popular e tende á morrer. Do que Camões escreveu, foram os *Lusiadas* que lhe deram nome, porque n'esse poema soube elle apropriar-se do genio popular portuguez (a marcação), e entresachou n'aquelle monumento immorredouro as tradições mais affagadas de seu paiz (o elemento cavalheiresco representado no episodio do Magriço; o elemento maravilhoso no milagre de Ourique e etc).

Os sonetos e as canções de Luiz de Camões sam de merito, é verdade, mas desaparecem junto aos *Lusiadas*.

O classicismo do seculo de Luiz XIV é hoje apenas um documento, mas nunca poderia formar uma tradição. Racine, Boileau e Corneille, para nós o de mais merito dos tres, hoje sam lidos por méro interesse historico. O classicismo do seculo XVIII, em Portugal, não conseguiu mais do que pôr uma mordaca ao genio popular, sem poder fazel-o acceitar as suas regras. Tanto a *Arcadia* d'esse tempo, como a mais recente *Nova Arcadia*, sam de enfandonha e soporifera memoria.

As collecções de Macpherson, finalmente, jamais conseguiram passar por cousa melhor do que ellas sam—bordados á capricho sobre lendas feitas por um estudioso.

A poesia popular é um acto serio e fatal, que se origina do vasto complexo de circumstancias, que presidem á civilisação e ao desenvolvimento de um povo.

Embora a sua origem seja individual, ella não acceita do individuo sinão os traços geraes que podem ser ageitados á sua indole. Assim é que, na idade media, a poesia jogralesca entra no processo da formação poética do cyclo de Carlos Magno.

Carlos Magno era o heróe, em torno do qual se cruzavam e grupavam todas as aventuras cavalheirescas de então. O jogral ia cantando de castello em castello, jornadaendo sempre, pagando a hospitalidade que lhe davam com os seus cantos.

D'estes cantos, ouvidos pelo povo, ia-se originando a tradição até a sua formação completa.

Como o jogral, o *homéride* da Grecia primitiva foi o elemento originario dos poemas homericos.

O derramamento dos cruzados em Portugal concorreu para a formação do seu *romanceiro*.

d'isto, mas deve prevalecer ali alguma razão particular que diga respeito aos primeiros colonisadores d'aquella provincia.

(2) Th. Braga—*R. Port.* T. I Pags. 7 e 8.

pela implantação das tradições celticas e normandas.

Foi com este principio individual que se formaram os grandes cyclos do *romanceiro* francez (cyclo Bretão e cyclo Franko e os romances normandos), do portuguez (cyclo do rei Arthur, Tavola Redonda etc., com substituição dos heróis extranhos), e os grandes poemas heroicos da *Illiada*.

A' vista do que vai dito, vê-se a verdade da primeira asserção da synthese atrás estabelecida. Tudo quanto é generico, geral, congenito ao pensamento do povo, elle acceita; o que é particular é regeitado.

Quanto á segunda parte — a substituição dos heróis, citaremos para exemplo, em primeiro lugar, o cyclo do rei Arthur, acceito em Portugal, e a substituição do rei Arthur por D. Sebastião o Encoberto (3), e depois Magriço e seus companheiros, em substituição á Carlos Magno e os 12 Pares do cyclo da Tavola Redonda.

As tradições do Norte da Europa, Scandinavas sobretudo, deram por sua vez o simile para os romances carlovingios.

Assim é que as lendas do *Rolf-Krake* e seus heróis, do *Rei Holf* e seus guerreiros e do typo inicial de todos elles — *Odin* e seus 12 companheiros, sam origem para as tradições do cyclo Carlovingio. (4)

Proxada a asserção no seu todo, e cremos que os exemplos dados bastarão para isso, passaremos á fazer a applicação, quanto á questão dos romances mouriscos e de captivos.

O gosto mourisco principiou á espalhar-se em Portugal no seculo 16, epocha do descobrimento e colonisação do Brazil.

Este facto, só por si, era bastante forte para não transplantar-se para o nosso *romanceiro* o elemento mourisco, e a razão é simples.

Para accentuar-se perfeitamente uma tendencia sobre a poesia de uma nação, é necessario um espaço de tempo não pequeno, até que ella se solidifique como tradição. Logo ao principio o romance mourisco seria pouco cantado; os colonisadores, por consequencia, não sabel-o hiam e, em conclusão, não poderiam trazel-o para o Brasil. Depois a tendencia foi-se modificando, outra evolução appareceu, e o romance mourisco ficou completamente desconhecido para nós.

Os interesses mudaram, com o seguir dos seculos, a indole tornou-se outra para o Brasil e o gosto mourisco feneceu.

Accresce, em segundo lugar, que, mesmo em Portugal, a sua duração não foi longa, e o seu cunho não foi verdadeiramente popular em tudo. Abundam nos romances mouriscos d'esta parte que analysamos (3) muitas descrições e narrativas, o que não é natural e commum na poesia popular, e demonstra mais uma invenção erudita.

Excepção feita da versão de Traz-os-Montes do *D. Gayfeiros*, que tem toda a simplicidade dramatica do povo, os outros—*Melisendra* (variante de Traz-os-Montes de *D. Gayfeiros*), *Brancaflor* (Extremadura) e a *Moirá Encantada* (Algarve)—, estam cheios de descrições, principalmente nas lições de Garrett. Sendo assim, é facil concluir que, não sendo elles correntes em Portugal, e tendo esse lado duvidoso sobre a sua origem, não fossem transplantados para cá. O Romance de *Melisendra* é o mesmo que vem no *D. Quijote*, part. 2. cap. 26.

Em terceiro lugar, notaremos que nós não tinhamos heróis nenhuns que podessem offerer similes aos dos romances mouriscos, e que, por consequencia, ainda que elles chegassem até aqui, seriam por isso desprezados e esquecidos.

Poderão objectar-nos que não tinhamos tambem heróis para os outros que herdamos, e que entre nós se conservam ainda. Mas á isso responderemos que, n'esses outros romances, ha-

(3) Th. Braga—*R. Port.*

(4) M. Gisli. Bryonjulfson — *Estudo* cit. Pags. 398—9.

via outros elementos, o maravilhoso, por exemplo, para que elles fossem acceitos, ao passo que n'estes, apesar de se encontrar o cavalheiresco, ha o facto do captiveiro dos christãos que nos não é conhecido com o caracter apresentado nos romances em questão.

Quanto aos romances de captivos, a questão muda um pouco de figura. Já não é a falta de assumpto e de terreno proprio para a sua transplantação, mas sim mudança completa do fundo sobre que elles se baseam, isto é, o captiveiro.

O captiveiro em Portugal, com as invasões barbaras e dos Mouros, dava para se tecer sobre elle lendas e historias interessantes.

Era o captiveiro digno, procedente de uma desgraça na guerra, em que o captiveiro comprehendia a sua posição e trabalhava por conservar-se sempre na altura de seu nome e de sua patria. Soffriam-se estoicamente os castigos inflingidos, mas nunca vergava-se a cabeça.

Bem se vê, por ahi, que era esta uma fonte inesgotavel de bellezas para a formação poética do povo.

Mas entre nós não se deu isso. Houve o facto, que se chamou escravidão.

Não era mais o consequente de uma desgraça, era o effeito de um contracto commercial.

Aqui eram já as lévas do Africano embruteado, nos porões infectos e mi-smaticos dos navios negreiros; era a ignorancia do escravo, a falta de dignidade do negro, que sujeitava-se, como um animal, ao serviço pesado dos engenhos e das minas. A bestialisação inoculava-se na população e o sentimento da personalidade perdia-se. O estado d'essa classe era repulsivo então.

Ora, um elemento corrupto d'este modo nada podia produzir, e não produziu.

Foi por isso que, com o facto da escravidão, não se deu entre nós a implantação dos romances de captivos.

Veremos mais tarde como o elemento negro entrou na formação da nossa poesia, apresentando exemplos.

Cremos serem estas as razões pelas quaes não encontramos na tradição lembrança d'esses romances.

Passaremos agora ás *Lendas Piedosas*, 5. parte do 3. T. do *Romanceiro* de Th. Braga.

Continúa.

CELSE DE MAGALHAES.

OS JESUITAS NO BRAZIL

(AO AMIGO CELSE DE MAGALHAES)

**

O homem, concebendo uma idéa ou adquirindo uma convicção firme e inabalavel, sente em si mesmo indeclinavel necessidade de espalhar-a e tornal-a conhecida. Esta livre manifestação do pensamento humano existe desde que o mundo é mundo, e constitue ha muito tempo um direito precioso, util e sagrado, que é garantido pela legislação de todos os povos cultos.

Uma religião é um systema de verdades, acceitas como taes, que necessita ser propagado, porque, como diz Max Muller (1), é um corpo de doutrinas transmittidas pela tradição ou por livros canonicos, e que contém tudo o que constitue a crença de um ou mais povos.

Toda a religião, baseando-se na fé, segundo a definição do illustre professor da universidade de Oxford, é communicativa, e quer ser divulgada e ensinada com cuidado para poder fazer proselytos.

A propaganda, pois, é o unico meio de que ellas, boas ou más, divinas ou humanas, podem empregar para remover os obstaculos e impedimentos, que se oppõem á sua marcha; é o unico

(1) *La science de la religion*.

duvida a importancia da instrucção para a completa queda do instituto de Loyolla.

A historia de todos os paizes da actualidade prova que a instrucção bem dirigida é bastante para trazer a prosperidade dos povos, e descuidada é signal precursor de grandes catastrophes.

Sirva-nos de exemplo duas potencias de primeira ordem — a França e os Estados-Unidos.

Desprezada a instrucção popular na França pela aristocracia e clero da *Restauração*, não teve ella alli realmente principio senão a 28 de junho de 1833; e mesmo assim seu desenvolvimento tem sido tão moroso que Hippeau (3) lastima profundamente que se não tenha dado em seu paiz o devido impulso á obra grandiosa, que Carlos Magno tentou pôr em pratica no começo da barbaria do IX seculo. Um escriptor contemporaneo attribue, e a nosso ver com muita razão, as desgraças soffridas por aquella nação no ultimo imperio á má direcção da instrucção nacional, pois que apenas um diminuto numero de homens achava-se na altura do perigo quando a queda do governo, que se julgava inabalavel, poz o paiz na dura necessidade de salvar-se por si mesmo.

Os Estados-Unidos, esse paiz modelo, esse athleta e propugnador das idéas democraticas, esse rei da civilisação moderna, em cujo seio não se ouve o estalido do *knout czariano*, liga á instrucção a maior parte de sua attenção. E' ella a primeira e a mais consideravel de suas despesas annuaes; pois, segundo Hippeau, (4) consomme uma verba superior a 450 milhões de francos, quantia cinco vezes mais forte do que a consagrada para o mesmo fim pelas nações mais adiantadas do velho continente. Não ha, pois, duvida que a instrucção é a causa principal da sorprehendente grandeza d'aquelle paiz, cujas esquadras sulcam as agoas de todos os mares, e cujos canhões são respeitados pelas mais orgulhosas potencias da Europa.

O Brazil acha-se n'este ponto, e por conseguinte em tudo o mais, bem atrasado. Temos 10,580,000 habitantes; e, segundo, os dados estatísticos de 1870, possuímos só 3,378 escolas primarias com 106,624 discipulos, e 405 de grão superior com 8,000 discipulos, o que dá, diz E. de Laveleye, (5) 1 discipulo por 92 habitantes. Só agora a magna questão da instrucção publica principia a ser tratada entre nós. Algumas assembléas provinciaes tem discutido a materia, e o Sr. Cunha Leitão apresentou á camara dos deputados um projecto, tornando obrigatorio o ensino primario. (6)

(3) *Inst. pub. aux Etats-Unis.*

(4) Obra citada.

(5) *L'instruction du peuple.*

(6) E' muito natural que o projecto do Sr. C. Leitão vá servir de pasto ás innumeradas tracças da secretaria da camara dos deputados, e que nenhuma resolução seja tomada a respeito. E' de lastimar que tal succeda, pois á vista de um quadro, mostrando o estado da instrucção primaria e secundaria nas vinte provincias do Imperio, tivemos occasião de apreciar o nosso atraso.

As provincias, onde a instrucção acha-se mais adiantada, são:

Rio Grande do Sul, que, tendo uma população de 450,000 habitantes e uma renda de . . . 1,793,630\$, despende com a instrucção publica 272,740\$ e possui 385 escolas, frequentadas por um alumno em 35,2 habitantes;

Ceará, cuja população é de 550,000 habitantes e a renda de 792,000\$, gasta com a instrucção 156,890\$, e tem 237 escolas, frequentadas por um individuo em 48,9;

Sancta Catharina, que, com uma população de 200,000 habitantes e uma renda de 267,418\$, sustenta 133 escolas, frequentadas por um alumno em 48,2;

Pará, que tem 350,000 habitantes e . . . 1,600,000\$ de renda, despende 242,100\$, possuindo 142 escolas, frequentadas por um individuo em 51,4;

Alagoas, cuja população é de 300,000 habitantes e a renda é de 674,974\$, tem 212 escho-

las, frequentadas por um habitante em 55; a despesa com a instrucção é de 120,720\$; Sergipe, que, com 300,000 habitantes e uma renda de 505,519\$, consomme 105,630\$ com 163 escolas, frequentadas por um individuo em 62,2; Maranhão, que tem 500,000 habitantes e uma renda de 741,680\$, despende 124,890\$ com 168 escolas, cursadas por um alumno em 66 habitantes;

Espirito Santo, que, com 100,000 almas e uma renda de 220,000\$, gasta 43,334\$ com 72 escolas, frequentadas por uma pessoa em 68;

Nas demais provincias o numero de pessoas de ambos os sexos, que frequentam escolas, diminue consideravelmente.

A Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco, que em razão de sua crescida população e consideraveis rendas, poderiam dar o exemplo de amor á instrucção, mostram pelo contrario, e não sabemos a causa, verdadeira aversão ao estudo. Desculpem os bairristas, mas nós fallamos com a eloquencia dos algarismos, e quem quizer verificar o que dizemos poderá consultar o—*Novo Mundo*, n. 25, de 23 de outubro de 1872.

A companhia de Jesus, cercando-se de uma aureola ficticia e torcendo as sciencias para afecional-as aos seus intentos, ensina para ter segura a dedicacão do povo. Os jesuitas sabem perfeitamente que a perversão do espirito, que produz mais consequencias fataes, duradouras e difficeis de estirpar, é a nascida das primeiras impressões, que recebemos na instrucção.

Ensinar não quer dizer ensinar bem. As vantagens do ensino jesuitico podem ainda ser inseridas como dogma em algum cathecismo; mas, não obstante tudo, iremos duvidando destas vantagens, que só teem produzido males, como os factos estão provando todos os dias.

Confiemos o ensino ao jesuitismo, e veremos como pensarão d'aqui á vinte annos as gerações novas, e o que será feito, d'aqui á outros vinte, da liberdade e do christianismo.

Os jesuitas também tem amoldado aos seus intentos o pulpito e o confessorario; mas não trataremos desta materia, porque a reputamos complemento ou corollario do ensino.

No proximo numero continuaremos a apreciar as obras dos jesuitas no Brazil, tarefa esta já facilitada á vista do modo de pensar, que emittimos, tratando da propaganda e da instrucção.

CLEMENTINO LISBOA.

Continúa.

A POESIA POPULAR BRASILEIRA

VII

Das lendas piedosas d'esta parte a mais corrente entre nós, somente quanto ao fundo, é a primeira, do *Jesus Mendigo*. Mesmo a que ouvimos, em prosa, não era bem semelhante á esta, mas o elemento predominante—a pobreza—era o mesmo, acompanhado do selo ecclesiastico da maldição, como se nota na—*Ballade de Jesus Christ*, popular na Picardia e transcripta por Th. Braga.

Eis como resa a lenda que ouvimos por diversas vezes no Maranhão:

"Havia n'uma cidade dois homens, um pobre e outro rico, muito religiosos e amantes de Deus. Jesus, querendo experimentar qual d'elles o amava verdadeiramente, annunciou-lhes que em certo dia iria jantar em sua companhia. O homem rico mandou preparar mezas lantias e acepipes delicados e abundantes, e as festas annunciadas eram de espantar. O pobre, que apenas possuia uma gallinha, mandou matá-la e assal-a (*sic*). Preparou modestamente a sua meza e esperou o Christo. A' tarde apresentou-se um mendigo a pedir esmóla á porta do homem rico. Este despedio-o brutalmente, dizendo:—espéro hoje N. S. Jesus Christo para jantar commigo, e não quero desmanchar a minha meza (*sic*). O mendigo voltou ainda segunda e terceira vez, com outros trajés e feições, e foi despedido do mesmo modo. A' porta do homem pobre apparece o mesmo mendigo. Ficou o pobre homem sem saber o que fizesse, e então a mulher lembrou-lhe que poderiam tirar uma aza da gallinha e dal-a ao mendigo, sem que o Christo reparasse n'aquella falta, pois a gallinha seria collocada no prato, de modo que o lado da aza cortada ficasse para baixo. Assim fizeram. Pouco depois, eis que apparece outro mendigo. Novas duvidas, novos calculos e nova aza de gallinha cortada. Terceiro mendigo ainda. A duvida era maior. Já não havia mais azas á cortar. Marido e mulher resolveram cortar uma côxa da gallinha e dal-a ao pobre, que então deu-se a conhecer como o proprio Christo.

O homem pobre e sua mulher foram para o paraíso, o rico para o inferno."

Com toda essa simplicidade ouvimos-a e re-produzimos-a. Falta nesse resumo a parte dialogada entre o homem pobre e sua mulher, afim de descobrirem o modo por que haviam de dar esmóla ao mendigo, parte dramatica, onde por vezes apparecem argumentos positivos e

práticos de uma boa dona de casa, o que deu a grande verdade de sentimento que preside a lenda.

O povo tem d'estas parabolae, onde encarna em factos materiaes os seus symbolos e abstracções, de tal modo, que parece á gente poder tocar os personagens symbolisados. N'esta lenda, assim como em outras que se citarão adiante, esta verdade salta aos olhos.

Os romances de Santo Antonio e a Princeza e de Santa Iria e Fidalga, que vêm logo depois do Jesus Mendigo, nos são desconhecidos.

O Romance da Devota da Ermida também nos não é conhecido, mas ha n'elle um lugar que se basea no mesmo elemento maravilhoso do milagre, que se encontra em um romance muito corrente no Maranhão e na Bahia, e ao qual intitularemos da *Madrasta, romance* que vem desenvolvido e aformoseado nos *Cuentos de Color de Rosa* de D. Antonio de Trueba, somente quanto á feição antipathica da madrastra, e cremos que (citamos de memoria) nos *Contes Bleus* de E. Laboulaye.

E a mesma tradição que se encontra no Romance do Conde Alberto, da lição de Garrett, quando uma crença falla no seio de sua mãe.

Esse elemento, no Romance da Devota da Ermida, está n'estes versos:

Prenhadinha de oito mezes
para os nove corria;
no cabo de nove mezes
um lindo cantar se ouvia.
Abriram a sepultura
onde a encontraram parida,
com uma menina nos braços
que se chamava Maria.

O romance brasileiro (?) é o seguinte:

"Um Juvo tinha duas filhas, meninas ainda, e casou-se com uma mulher má. Esta tomou raiva ás pequenas, e mandava-as todos os dias vigiar uma figueira, para que os passaros não comessem os figos. Castigava-as asperamente, quando acontecia faltar algum figo, e sempre achava rasões para dar-lhes pancadas. As meninas pediam á Virgem que as protegesse.

Um dia, em que o marido foi fazer uma viagem, a mulher manda enterrar vivas as pequenas, e, quando o marido chega, ella as dá como tendo morrido naturalmente. No lugar, onde foram enterradas as meninas, nasceu um bonito capinzal, (1) que, quando o vento soprava, ressoava em um estribilho constante que dizia:

Xô! xô! xô! passarinho,
não comas o figo da minha figueira.

Este era o estribilho, que as meninas cantavam, quando, vivas ainda, iam vigiar a figueira. O jardineiro da casa veio participar ao amo aquelle successo e não foi acreditado. Finalmente, após muita tenacidade do jardineiro, consentio o amo em ir ouvir com seus proprios ouvidos o facto milagroso. Foi e ouviu.—Pois amanhã cortarás este capim todo, disse o amo ao jardineiro. No outro dia, o jardineiro foi ao serviço, e, mal deu a primeira foçada, eis que se levanta um novo cantar das profundezas da terra. Esse cantar dizia:

Jardineiro de meu pae,
não me cortes meus cabellos!
minha mãe os penteava,
minha madrastra os enterrou!

Corre o jardineiro a dar a noticia ao amo, que vem ao capinzal e ouve o mesmo cantar. Mandá cavar o lugar e encontra suas filhas, vivas ainda, por milagre de N. S., de quem eram devotas. Des cabellos das meninas havia nascido o capinzal. De volta á caza, encontrou-se o marido com a mulher morta. Era o castigo dado por N. Senhora."

Este romance tem uma frescura infantil en-

(1) Semelhança com os romances de *Tristan et Isult* e do *Conde Niño*.

cantadora, e nós ouvimos os seus estribilhos cantados per creanças, muitas e diversas vezes. Serve também frequentemente para cantiga de berço.

Elle parece-nos portuguez, por causa da entidade *jardineiro* que nos não é commum, com essa denominação, nem frequente em os lugares onde o ouvimos nos costumes populares. Si, em lugar do *jardineiro*, fosse o *feitór*, o *escravo*, o *moleque*, então diríamos com certeza ser elle brasileiro. Ha, porem, o capinzal, que não é portuguez. Portugal symbolisaria os cabellos pelo trigo, pelo centeio, pela aveia, por outra qualquer planta, mas não pelo capim. (2) Mas este facto, talvez, seja explicado pela apropriação que se vai fazendo lentamente do romance, e que não está ainda completa. E' que o povo, no trabalho da transplantação, transforma primeiro aquillo que lhe impressiona mais os sentidos, e a natureza que o cerca é a primeira a fornecer-lhe similes para essa elaboração.

A devoção da virgem tem sido uma fonte perenne de tradições para estas lendas.

Entre nós ellas fornigam. Temos algumas verdadeiramente nossas, como a do *Jaboty*, de que diante se fallará.

Um paradigma, por exemplo, da *Oração do dia de Juizo* (versão do Minho) encontra-se entre nós na lenda de uma mulher pobre e selvagem, que só sabia dizer estas duas palavras — *Ave-Maria*, mas as dizia com tanta devoção, que salvou-se quando morreo.

Esta lenda, seja dito de passagem, parece-nos comtudo invenção ecclesiastica, e, o que é mais, jesuitica. Não temos, porem, documento algum para provar esta asserção, que fica sendo uma mera hypothese.

A mesma crença se dá para com a oração de N. S. do Montserrate, de origem portugueza. Pelo interior das provincias, é raro encontrar-se um homem ou uma mulher, sem a sua oração do Montserrate ao pescoço, cosida dentro de uma bolsa de couro ou polimento.

A influencia das missões e dos missionarios sobre o povo é a razão mais plausivel para explicar estas lendas modernas, e esta especie de fetichismo creado pela ambição dos padres.

E' assim que as orações de S. Braz, de Santa Barbara e S. Jeronymo, de Santa Helena, de Santa Luzia, os leites de N. S. e outras frioleiras d'esta ordem, são decoradas e trazidas ao pescoço, para livrarem das molestias de garganta, dos trovões e dos raios, para sonhar com quem se quer e advinhar o que se deseja saber, para curar doenças de olhos e, finalmente, para impedir que o leite seque nos peitos. Deve-se concordar que uma tradição fundada n'estes principios é defeituosa forçosamente.

Isto, porem, já não entra no nosso programma. São crendices impostas pelo interesse dos propagandistas da fé christi, que as mais das vezes, sinão sempre, estragam e derrancam a inspiração popular, a comprehensão da natureza, e matam a poesia ou a desfiguram, que é peor do que matar-a. (3)

(2) Ao cantarem este romance, o nome e qualidade do capim muitas vezes eram ditos e explicados. Algumas vezes e mais frequentemente era o capim chamado *de colonia*, de outras era a *taboquinha*.

(3) Note-se, por exemplo, a differença que vai das lendas que aqui citamos, da frescura, e da originalidade simples d'ellas, para outras que andam espalhadas também, é certo, mas que são verdadeiros *pastiches* fradesccs. Assim é a de *S. José de Ribeira-mar* (do Maranhão), appropriada por Flavio Reimar, e artisticamente contada por elle no seu livro (citamos de memoria) *Entre o Céu e a Terra*. Como esta, com a mesma acção, as mesmas circumstancias, ha outras na Bahia. Veja-se a de N. S. da Graça (Bahia), N. S. de Nazareth (Pará), e de diversas fontes milagrosas n'aquella provincia, e que vêm narradas no *Novo Orbe Seraphico* do pa-

A mythologia é um dos factos que mais fortemente actuam sobre a poesia, mas não é uma mythologia official e de cartilha, como essa que os padres ensinam, (4) é a mythologia naturalista, que nasce espontaneamente do espirito do povo, que se forma com a sua lingua, que estabelece as bases de sua religião, que tem os seus heróes, os seus semi-deuses, que é o facto primitivo e talvez inicial do despertar intellectual de um povo.

Esta mythologia nós respeitamos, mas a outra,—desprezamos-a.

Vamos-nos, porém, afastando do assumpto principal. Deixemos essas crenças supersticiosas e voltemos ás lendas.

Como curiosidade daremos ao leitor o resumo da lenda do *Jaboty*, que resa assim:

"Havendo uma festa no céu, em honra de N. Senhora, todos os animaes foram convidados. O *jaboty*, como o mais moroso d'elles, não tinha meios de transportar-se ao céu. (5) Pedio então ao *urubú* (corvo) que o levasse. Accedeu este e deitou-o ás costas. Quando chegou á uma certa altura, para fazer mal ao *jaboty*, atirou-o de cima de si, vindo o pobre animal quebrar o casco n'umas pedras sobre que cahio.

A virgem então desceu do céu, unio os pedacos do casco do *jaboty*, deu-lhe vida, abençoou-o e amaldiçoou o *urubú*."

Dahi, conclue o povo, a razão do *jaboty* ter o casco em mosaico, formado por polygonos mais ou menos regulares, e poder-se guardar preceito com a sua carne, e a razão também do *urubú* ser ave maldita.

No interior das provincias é crença que não se deve atirar em um corvo, sob pena de quebrar-se a espingarda e nunca se poder matar-o. O facto de desfolharem-se todas as arvores em que os corvos fazem pouso, cremos que devido ás suas secreções, é também apontado como consequencia de sua maldição. O corvo quando morre, diz o povo ainda, secca ao tempo e nem as formigas o comem.

A maldição acha-se ainda manifestada na lenda das *Saúbas* (grandes formigas), que tem alguma cousa de commum também com o *As-haverus* e com o *Fausto*.

Dal-a-hemos ao leitor, e faremos resaltar essa semelhança, para que elle não julgue ser invenção imaginosa do nosso cerebro.

Eis a lenda das *Saúbas*:—"Uma saúba fez um sellimzinho de cera e deitou-o sobre uma pedra. Quando veio procurá-lo, achou-o dissolvido pelo calor do sol. Perguntou então á pedra:—és tão valente que derrétes o meu sellim de cera?—A pedra respondeu:—eu sou valente, mas o sol esquenta-me. Dirigio-se a saúba ao sol:—és tão valente que esquentas a pedra, a pedra que derréte o meu sellim de cera?—Sou valente, mas a nuvem me encobre. A mesma pergunta feita á nuvem, no mesmo estribilho sempre repetido.—Sou valente, mas o vento me desmancha.—O vento diz que a parede o faz parar, a parede diz que o rato a fura, o rato que o gato o come, o gato que o cão o mata, o cão que a onça o devóra, a onça que o homem a mata e o homem que Deus o aniquilla. A saúba vai ter com o Omnipotente e repete-lhe o estribilho:—Pois, Deus, és tão valente que matas o homem, que mata a onça,

dre Joboatão. Encontramos em Porto-Seguro a fonte de N. S. da Victoria, junto á igreja, que gosa dos predicaes milagreiros, a do Morro de S. Paulo e a de uma fazenda—*Outeiros*—, que tem a mesma fama.

(4) Póde haver alguém que desconheça a propriedade da qualificação—*mythologia* dada á santaria do calendario, mas quem reparar bem, sem prevenção, reconhecerá-a ha como verdadeira. Fallamos principalmente com relação á mythologia grega.

(5) A chronica não resa o como se operou o transporte dos outros quadrupedes, nem si elles lá foram,

114

que come o cachorro, que mata o gato, que come o rato, que fura a parede, que faz parar o vento, que desmancha a nuvem, que encobre o sol, que esquentar a pedra, que derrê o meu sellim de cêra?—Sou valente, respondeu-lhe Deus, e, para castigar a tua curiosidade, condemnô-te á carregar folhas por toda a tua vida sem parar."

Veja o leitor agora toda a philosophia que resumbra d'essa fábula. E' o eterno facto da curiosidade do saber, da indagação das causas primarias, da sublime tenacidade pesquisadora do sabio e do philosopho, do typo sempre novo do *Fausto* encarnado n'um animalsinho que trabalha sempre, que carrega folhas, que edifica, que tem suas cidades subterraneas, suas divisões departamentaes, seu governo, seu monarcha, seus ministros, sua administração, sua politica, sua economia e que, finalmente, seja dito em honra da verdade, devasta uma plantação qualquer com uma presteza aterradora. A saúba é o terror dos lavradores. Basta o espaço de uma noite, para ellas darem conta de uma horta inteira, de um feijão vicoso e que custou muitos dias de trabalho, ou de um jar lim. Os arbustos ficam somente com os galhos, completamente despidos, e d'ahi vam á morrer.

Pois bem, n'esse animalsinho, diziamos nós, está symbolizada toda uma philosophia, que tem lá em cima Deus, para gastigar o arrojo do homem, como castigou á Prometheo.

Na lenda ha o lado da curiosidade, que participa do *Fausto*, e ha o lado do castigo—o caminhar continuo—, que acotovella o *Ashavérus*.

Chamem-nos embora de visionario, mas o que é certo é que este é o nosso modo de pensar, e nós o dizemos franca e abertamente.

Bem como, nos lugares por onde passava o *Ashavérus*, ia ficando a morte, a peste, a de solação, assim, n'aquelles lugares onde as saúbas fazem *casas*, nota-se o mesmo despovoamento. O aspecto de um saúbal tem toda a feição triste, melancolica e acabrunhada da devastação.

Sobre o terreno fôfo e arciento, effeito dos trabalhos subterraneos que as saúbas fazem, levantam-se os esqueletos dos arbustos, secos, escuros, desfolhados, hirtos e como afogados pelas ondulações artificiaes do terreno atôfido. Aqui e alli apparecem grandes olhos redondos. São os respiradouros que entram obliquamente pela terra á dentro e vam ter ás *casas* saúbas.

O terreno todo adquire uma cor avermelhada, como que ensanguentada. Os passaros, que alli não encontram sombra, fogem para longe e nunca pousam nos galhos dos arbustos. A vegetação de derredor é toda fanada e rachitica, em rasão do solapamento continuo e progressivo das saúbas.

E' triste de vêr-se!

Assim como o *Ashavérus*, ver-se-ha ainda a saúba sempre á caminhar, á trabalhar. Quer seja de manhã, de noite, á tarde, ao meio dia, á qualquer hora, nas largas estradas, atravessando-as de um lado á outro, enxergam-se grandes listras vermelhas ou negras, com pequenos pontos verdes, á moverem-se regularmente sem parar. São as saúbas que trabalham.

Chegando perto d'esses cordões, ha-de se ver como umas vam e outras voltam, sempre atarefadas, encontram-se, tocam-se, como que se falam, mas não deixam nunca de caminhar para frente. Os pedacinhos de folhas vam presos nos dentes e erguidos para o ar triumphalmente.

Se alguém com o pé desmancha aquelles cordões, ou collôca algum estorvo á marcha das saúbas, ellas tornam á reunir-se de novo, obstinada e ordenadamente, sem que nenhuma se transvie, ou então fazem uma curva para salvar o empecilho que collocaram em sua passagem, si é que o não podem galgar facilmente.

Em tudo o cunho da actividade, que despertou a lenda que transcrevemos, que é nossa, inteiramente brasileira, filha do meio onde nasceo, participante de todos os caracteres d'esse meio, embôra se possam encontrar em outra parte paradigmas para ella.

Nô a comprehendemos n'esta parte, por causa do seu character religioso, que está encarnado no castigo, e não por que a julgássemos pura lenda piedosa, como a do *Jaboty*, por exemplo.

Uma ultima confissão antes de deixarmos este assumpto. As lendas que aqui transcrevemos não levam a verdadeira redacção popular, por não podermos havel-as por escripto, e apenas conservam todo o sentido em sua inteireza, porque as sabemos de cor.

A das saúbas poderíamos escrevê-la com a redacção popular, e fizemos quasi assim, mas deixamos de parte a repetição monotona da saúba em suas perguntas, por tornar-se aborrido.

Passaremos á 6ª e ultima parte do *Romanceiro* (T. 3ª) que cotejamos.

Continúa.

CELSO DE MAGALHAES.

ERASMO E A EGREJA ROMANA

(ELOGIO DA LOUCURA)

... Os principes não sam os unicos que levam vida alegre; seguindo a mesma trilha, os papas, os cardeaes e os bispos, se mostram seos dignos em illos, sinão eos superiores.

Talvez quizesseis tambem que toda essa gente tivesse semp e em memoria que suas alvas tunicas de linho lhes aconselham que l vem uma vida irreprehensivel; que sua mitra de dous cornos, ligados por um nó somente, significa que elles devem reunir a sciencia do Novo e do Velho Testamento; que as luvas que protegem suas mãos sam o emblema do desinteresse nas funcções sagradas de seo ministerio.

Talvez quizesseis que tão altos dignitarios pensassem nesse baculo que recorda o pastor velando pelo seo rebanho; nessa cruz que elles trazem ao peito como symbolo de sua renuncia ás paixões! Mas, si taes fossem suas preoccupações habituaes, o que lhes seria a vida, mais do que uma longa serie de tristezas e cuidados?

Muito teem o que fazer os nossos prelados de hoje com apascentarem-se a si mesmos; quanto á guarda de suas ovelhas, confiam-na de boa vontade ao Christo, ou antes descarregam todos os seos cuidados sobre os monges que chamam seos irmãos e seos vigarios. Chegam até mesmo a esquecer o seo nome de bispo que quer dizer—trabalho, vigilancia e solicitude. Que se trate, porem, de arrebanhar escudos, então sam bispos, tres vezes bispos.

Com relação aos cardeaes, o caso não seria differente, si reflectissem que, pretendendo haver succedido aos apostolos, incontestavel direito nos assiste de exigir delles tudo quanto faziam seos predecessores, e sobre tudo se se considerassem, não como proprietarios, mas somente como administradores dos bens da egreja, dos quaes entretanto sua avancada idade lhes está quasi sempre a dizer que estão prestes a dar contas. Pois admitti tambem que ss. eminencias lancem um olhar philosophico sobre suas vestimentas,—ver-se-hiam forçados a confessar que o roquete lhes foi dado para indicar a innocencia de seos costumes, e a sotaina de purpura o seo ardente amor de Deos; que o longo manto que se desdobra em ondas até os pés do prelado occulta completamente sua mula e poderia tambem cobrir um camello, quero dizer, esta immensa caridade que de seo coração se deve estender por todas as necessidades, isto é, esta caridade que consiste em ensinar, exortar, consolar, advertir, terminar as guerras, resistir aos caprichos do principe, e derramar, si fôr preciso, seo sangue pelo rebanho do Christo, e não se limitar a esbanjar seos thesouros.—Thesouros, disse eu, mas porque rasão hão de ter thesouros os successores dos pobres apostolos?—Com semelhantes reflexões haveriam menos ambiciosos que aspirassem ao chapéo; de boa vontade se subtrahiriam á unia tal honra, porque, então, os carde-

aes viveriam essa vida agitada e laboriosa que viveram os apostolos.

Si os papas, esses vigarios de Jesu-Christo, modelassem sua vida pela de seo mestre; si elles se impoçõessem, por exemplo, sua pobreza, seos trabalhos, sua dontrida, seos soffrimentos, seo desapego ao mundo; si tomassem ao serio os titulos de pae e de santidade que se lhes dá; que mortaes seriam mais dignos de lastima? Quem quizeria comprar a peso d'oiro semelhante posto? Quem quizeria mantel-o pelo ferro, pelo veneno ou pela força? Ah! de que vantagens se privariam os pontifices, si adquirissem um dia a sabedoria, que digo, a sabedoria, mas um só grão desse sal de sapiencia, de que falla o Christo? De que lhes serviria ent o tudo que os cerca,—as riquezas, as honras, o poder, os triumphos, os beneficios, os redditos, os impostos, as indulgencias e os prazeres de toda especie? Como vedes, a lista é breve, mas significativa. Tudo isto desappareceria para dar lugar ás vigílias, aos jejuns, ás lagrimas, ás orações, ás prelicas, aos estudos, á penitencia, a mil outras mortificações deste genero. Mas, si tal acontecesse, sabeis acaso o que se poderia fazer de todos esses scribas, todos esses notarios, todos esses advogados; de que serviria este exercito de promotores, de secretarios, de arrieiros, de escudeiros, de banqueiros e de proxenetas?—E poderia accrescentar ainda muito outros, si não receiasse ferir os vossos ouvidos. Em summa, esta multidão de funcionarios tão onerosa...tão veneravel, quero dizer, para a santa sé, seria condemnada a morrer de fome. Seria uma coisa verdadeiramente abominavel e impia; mas não seria peor querer reduzir ao bastão e á saccola os chefes da egreja, esses verdadeiros fachaes do mundo? Não temamos por elles taes desgraças; nos dias de hoje, elles deixam a S. Pedro e a S. Paulo, que teem tempo de sobra, as fadigas e trabalhos de seo estado, contentam-se com guardar para si as honras e os prazeres. Não temais nada, eu vello pelos meos papas, esmalto-lhes a vida de volupias, banindo-lhes os cuidados. Graças a mim, elles julgam ter amplamente satisfeito ao Christo, quando, de baixo de seos ornamentos mysticos, eu ia dizer theatraes, em ceremonias em que se lhes prodigaliza os titulos de santidade e de reverencia, representam o seo papel de bispos com grande prodigalidade de anathemas e de benções. Muito mais do que isto poderiam elles fazer, poderiam talvez renovar os milagres dos apostolos, mas isto é muito velho e é preciso ser do seo seculo; poderiam instruir o povo, mas isto é fatigante; explicar as santas escripturas, mas é pedantesco; orar, mas é perder tempo; chorar, mas só diz bem nas mulheres; ser pobre, mas é viver miseravelmente! Teriam tambem que ceder algumas vezes, mas como se resolveria a fazel-o esse homem que admite apenas os mais poderosos, reis a beijar-lhe os pés? Resatar-lhes-lia ainda morrer, mas é pouco divertido; soffrer o supplicio da cruz, mas é infamante hoje.

Restam, pois, aos santos padres por unicas armas essas benções de que falla S. Paulo, e das quaes, com effeito, não sam avaros. E' mesmo um gosto vel-os distribuir interdicções, suspensões, censuras e anathemas, sem comptar os espantinhos do diabo, de que elles abusam, e esse terrivel raio que, de um só golpe, precipita as almas dos mortaes muito alem das profundas dos infernos. Este ultimo instrumento serve principalmente aos pontifices, esses muito santos padres em Jesu-Christo, de quem elles sam os vigarios, para ferir sem commiseración alguma todo aquelle que, a instigações de Belzebuth, tenta defraudar um pouco o patrimonio de S. Pedro! Porque este apostolo que disse no Evangelho: "Tudo deixamos nós para vos seguir", possui hoje campos, cidades e vassallos, levanta impostos e vive como um nababo. E para conservar o seo patrimonio, os pontifices, deixando-se tomar de um estupendo amor por seo divino mestre, não teem o menor escrupulo de usar do ferro e do fogo e de derramar o sangue christão. Não menos teem elles a audacia de dizer

am minha taes horas se hade abrir sepultura na Igreja e haveis de ser enterrado vivo." (6)

O pobre mestiço, obedecendo como verdadeiro automato, confessou-se, comarungou e preparou-se para morrer. Terminadas as cerimoniaes religiosas, foi o condemnado lançado na cova, e lá deitar-se-lhe terra em cima, quando o irmão Pedro Corrêa, já de ante-mão industrializado, poz-se de joelhos e pediu com lagrimas nos olhos (assim resa a tradição) o perdão do peccador. Cedeu Nobrega, e, simulando misericórdia, deu-lhe liberdade e despediu-o da companhia.

Esta farça grosseira, intentada com o fim de provar a justiça da ordem de Loyola, dá idéa de um Deus vingativo e cruel, e pode tornalo tímido e não amado e respeitado sobre todas as cousas.

Estas scenas seriam sufficientes para serem os padres recolhidos em um hospital de alienados, si o governador não fosse fanático apreciador da companhia, cujas acções não ouzava condemnar.

Afortunadamente, ha ainda um bom senso natural, que ri dessas phantasmagorias vãs, e não se deixa facilmente illudir.

Voltaremos ao assumpto.

CLEMENTINO LISBÓA.

A POESIA POPULAR BRASILEIRA

VIII

Das onze *zacaras* que formam esta 6ª e ultima parte do volume 3º do *Romanceiro* de Th. Braga, somente uma nos é conhecida—a da *Moreninha*.

As outras sam-nos extranhas, a não ser uma ou outra reminiscencia vaga de alguma copla, isso mesmo truncado e indeciso.

A *zacara* da *Moreninha*, lembramo-nos tê-la ouvido, e ficou-nos lembrança completa, desde o lugar onde principia:

Abre-me a porta, morena,
morena da minha alma,

até onde finda o dialogo entre marido e mulher:

Que o melhor coelhinho
é o que sahe de madrugada.

O final tambem nos é conhecido e temolo na memoria, tal como vem na versão do Porto, sem o final que lhe dá Garrett, aliás bellissimo e de muito sentimento.

Os versos que conhecemos sam estes:

"Donde vindes, mulher minha,
que vindes tão insentada?
Ou tu me temes a morte,
ou tu não és bem fadada!"
"Eu a morte não a temo,
pois d'ella hei-de morrer;
temo só os meus filhinhos,
d'outra mãe podiam ser."
"Confessa-te, mulher minha,
faz acto de contricção,
que te não tornas a ver
nos braços de frei João."

O final, da licção de Garrett, damol-o aqui ao leitor, somente por curiosidade, e não porque o tenhamos como genuinamente popular, visto a tendencia que tinha Garrett para os *rifacimentos*.

Levaram-n'a ao convento,
N'uma tumba amortalhada:
Surria-se o frei João,
E o marido....é quem chorava.

(6) S. de Vasconcellos. Obra cit.—liv. 2.

Desejariamos comparar com as nossas, ponto por ponto, as *cantigas*, os *fados*, as *orações* e as *cantigas de Reis*, que vêm no 2. volume do *Romanceiro*, já por vezes citado; mas não o fazemos por uma razão valiosa:—si escrevessemos um livro, poderíamos trabalhar n'esse sentido, já pelo maior espaço que teríamos á disposição, já por outras circunstancias de muita monta.

Ser-nos-hia preciso citar e transcrever esses versos todos, e isto, para um jornal, não é de muito interesse. Os assignantes cançar-se-hiam e teriam grandes bocejos e pequenas maldições para o author d'esses desenterramentos.

Entretanto, nada seria tão interessante.

Apezar d'isso, faremos algumas ligeiras considerações acerca d'esses costumes e festas populares, cuja herança nos ficou e continuamos á guardar.

As festas do *Natal*, do *Anno-Bom* (*Janeiras*) e de *Reis* sam as mais populares em nossas provincias, e cremos que muito semelhantes ás de Portugal. Pelo menos o sentido das *cantigas* que n'ellas se cantam é o mesmo que o das portuguezas.

Nas provincias do Maranhão e da Bahia, onde nos parece ter encontrado mais puro o espirito popular n'essas festas, ellas sam feitas de um modo que alegra o coração e faz bem á alma.

Os bandos de pastores, uma lembrança talvez do theatro hieratico, o canto dos Reis, os bailes e bandos de S. Gonçalo, outro arremêdo dos antigos *Autos*, as festas de arraial, do Espirito-Santo, tudo isso é de um sabôr tão campestre, tão do povo, que encanta.

No Maranhão e na capital da Bahia a cantiga dos Reis já intrometteu-se pela sociedade abastada, e é uma diversão da alta burguezia. Não é raro ver-se, em vespera de Reis, bandos de moços e raparigas que se reúnem, com uma orchestra mais ou menos completa, na scintillação das joias e das ricas *toilettes*, no gorgoejo das risadas chrySTALLINAS, no tiroiteio dos bons ditos, no cruzar dos olhares, na familiaridade franca e honesta do parentesco, da amizade, da convivencia, não é raro ver-se essa sociedade parar á uma porta fechada, erguer as vozes casadas, entoar n'uma toada, monotona ás vezes, mas doce, saudosa, popular, os versos em se que festejam o nascimento do Christo e os amôros maternos de Maria. A porta abre-se então de par, em par e os cantores entram, n'uma onda colorida e perfumosa, no meio de risos e felicitações. Uma meza acha-se quasi sempre profusamente servida. Os donos da casa buscam por todos os meios agradar as visitas, e estas sabem finalmente, para irem á outra casa, e assim correm tres ou quatro n'uma noite. Na ultima casa visitada acaba-se a festa com a dança.

N'essas festas tem-se substituido os versos populares por outros mais correctos, porem menos simples e bonitos. Gonçalves Dias tem uns versos de Reis, que hoje se estam popularizando no Maranhão. O author d'estas linhas já pagou tambem o seu tributo, fazendo uns para serem cantados na Bahia.

Em Valença (Bahia) foi onde vimos fazerem-se com mais variedade e mais cunho popular as *Janeiras*.

O aspecto da industrial cidade apresentava então um aspecto maravilhoso e surpreendente.

Pelas ruas formigava a população. Um grupo vestido á maruja conduzia um pequeno navio armado de ponto em branco, com vélas de seda e cordame de linha, montado sobre quatro rodas, embandeirado em arco e puchado por cordas.

Cantavam versos da *Não Catherinêta*, fado do *Murujó* e *lupas* (cantiga de levantar ferro).

Outro grupo apparecia mascarado. Na frente um individuo montava um cavallo de páo, vistosamente ajaezado de galões falsos, e fazia-o dançar ao som da musica e do canto aspero, acompanhado de pandeiros e pratos.

Um outro grupo pulava e saltava adiante de um boi, cujo arcabouço era de madeira, coberto com pannos pintados (1).

No meio de tudo isso os *fudistas*, os trovadores de rua, com os violões enfiados, á cantarem desentoadas e lugubrememente modinhas em tons menôres. E' o fundo do quadro.

O variegado dos vestuarios ajudava a belleza do panorama. Os jaqués encarnados, os calções de côres, os chapéos mais ou menos phantásticos, as fitas, os laços, os ramos de flôres, faziam um conjuncto original.

Foi onde já vimos o espirito popular mais puro e mais despreoccupado. A razão d'isso cremos encontral-a na posição em que se acha Valença.

Ha alli duas grandes fabricas de tecidos, que empregam de 300 á 400 operarios, entre homens e mulheres, sendo maior (mais de duas terças partes) o numero d'estas. Além d'estas fabricas ha outras de serrar madeira, de soccar arroz e de fazer tijollos. De sorte que a população acha campo para o desenvolvimento de sua actividade, e vive na paz e no agasalho, que provém de uma educação feita no regimen do trabalho.

O espirito não se deturpa, não é levado pela ociosidade ás consequencias dos trabalhos da imaginação, a moral não se mutila, e nos dias de folga o operario expande-se francamente, divertindo-se, cantando, dançando.

Foi onde já encontramos menos desenvolvida a prostituição. As casas publicas e as mulheres equivocadas pouco se encontram alli.

As raparigas trabalham nos theares, á mudarem as lançadeiras, á encherem as canellas; teem casa, comida, medico e etc., mesmo no estabelecimento da fabrica, roupa de trabalho, e ganham mensalmente de 6:000 rs. a 15:000 rs. (segundo nos informaram), conforme o trabalho que fazem.—Aos domingos e dias santos ha duas horas de dança nos salões da fabrica. A musica é mesmo composta de operarios. Principiam ali os amôres, fazem-se ali os casamentos e formam-se as familias.

Vê-se que uma população educada n'um regimen d'estes por força que ha-de ter alguma cousa de bom.

Durante 5 dias de festas, quasi seguidos, que lá passamos, não nos consta que houvesse uma cabeça quebrada, uma facada, uma cacetada. Notamos tambem poucos homens embriagados.

Isto que dizemos, prova-se mais com o facto que observamos para o Sul da Bahia, em Porto-Seguro principalmente, onde a pobreza da população, a indolencia, a falta de trabalho dá-lhe um tom melancholico e um genio taciturno.

O *Natal*, que vimos em Porto-Seguro era mais de entristecer que de alegrar. Cifrou-se a festa na missa do gallo.

Nem um canto, nem uma folia, nem um grupo, nada. Apenas dois presepes acantonados tristemente ao fundo de duas salas.

Porto-Seguro, pela sua posição á beira-mar, pelo genio aventureiro de seus pescadores, que vam ao mar largo em procura da gorôpa, pelo genero de industria á que se dam os seus habitantes na construcção de barcos (2), poderia ter alguma originalidade na sua poesia, nos seus costumes; mas não tem. Porque?

Algum dia talvez escrevamos alguma cousa (impressão de viagem) sobre a Bahia, e então entraremos em explorações que não cabem aqui.

No Maranhão as festas sam as mesmas, com pouca differença, que se fazem na Bahia, com o mesmo cunho popular. A *Chegança* substitue o brinquedo dos marujos e o *bumba-meu-boi* ao

(1) Quando tratarmos dos romances de vaqueiros, fallaremos do *Bumba-meu-boi*, como se faz no Maranhão. Na Bahia elle não tem historia nenhuma nem symbolo á representar: é apenas um motivo para beber-se e ganhar alguma cousa nas casas em que se dança.

(2) Quando lá estivemos havia 9 ou 10 barcos nos diversos estaleiros. Note-se que a freguezia pode ter de 4 á 5 mil almas.

cavallinho. A *caipóra* é outro divertimento popular do Maranhão, que fazem por S. João. A policia tem ultimamente procurado acabar com estas festas.

Em Pernambuco temos notado apenas o seguinte, durante os cinco annos aqui passados: —uma população activa, mas sinceramente interesseira, commercial, ambiciosa, rusguenta, provocadora e cheia de si. O terceiro estado, onde se estuda e pode se encontrar o elemento popular, é inteiramente chato e antipático.

O *matuto* é estúpido, mas não é muito brigador. O *capadocio* é intoleravel. Temos assistido á diversas festas de arraial, populares, a presepes, *sambas* e etc. Nunca nos aconteceu ser recebido franca e hospitaleiramente. Ha sempre desconfianças, meias palavras e olhares provocadores. No fim contam-se algumas bofetadas, pucham-se por vezes as navalhas e perfuram-se não raras os ventres dos assistentes.

As cantigas sam obscenas. Eis uma d'ellas, unica talvez que possa ser publicada e aliás lindissima:

Duas cousas me contentam,
e sam da minha paixão:
perna grossa cabelluda,
peito em pé no cabeção.

A briga de gallos é um dos divertimentos favoritos da população aos domingos. Isto é característico. Na briga de gallos notam-se dois factos:—elemento carniceiro, nas scenas sanguinolentas das brigas, e elemento interesseiro, nas apostas que se fazem.

Estas considerações sam apenas traços ligeiros para fazer conhecido o genero de divertimento da população d'essas provincias. A razão historica d'esses factos caberia n'um estudo mais vasto, mais completo, que não aqui.

Por óra aponta-se o facto. Dar-se-ham as provas, si forem precisas e exigidas, com dados estatísticos.

**

Antes de entrarmos no estudo da nossa poesia popular, puramente brasileira, daremos a transcrição do romance *Juliana*, colligido em Pernambuco, tal qual o ouvimos.

JULIANA

—Deus vos salve, Juliana,
no teu estrado assentada.
—Deus vos salve, rei D. Jôca,
no teu cavallo montado.
—Rei D. Jôca, me contaram
que tu estavas p'ra casar?
—Quem te disse, Juliana,
fez bem em te enganar.
—Rei D. Jôca, se casais
tornai ao bem querer,
poderás enviúvar
e tornar ao meu poder.
—Eu ainda que enviúve
e que torne á enviúvar,
acho mais facil morrer
do que contigo casar.

—Espéra ahi, meu D. Jôca,
deixa subir meu sobrado,
vou ver um copo de vinho
que p'ra ti tenho guardado.
—Juliana, eu te peço
que não faças falsidade.
Vejaes que somos parentes,
prima minha da minha alma.
Que me dêste Juliana,
n'este copinho de vinho,
que estou com a redea na mão,
não conheço o meu caminho?
A minha mãe bem cuidava
que tinha seu filho vivo.
—A minha também cuidava
que tu casavas commigo.

—Oh meu pae, senhora mãe,
me bote sua benção,
abrace bem apertado
o meu maninho João.
Meu pae, senhora mãe,
me bote a sua benção;
lembranças á D. Maria,
tambem á D. Merencia
A minha alma entrego á Deus,
o corpo á terra fria,
a fazenda e o dinheiro
entregue á D. Maria.
—Cala a bocca, meu D. Jôca.
Ponde o coração em Deus,
que este copo de veneno
quem te ha de vingar sou eu.
—Já acabou-se, já acabou-se,
oh flor de Alexandria!
Com quem casará agora
aquella Moça Maria?
Já acabou-se, já acabou-se,
já acabou-se, já deu fim.
N. S. da Guia
queira se lembrar de mim.

Este romance é portuguez, é herdado, mas nós o publicamos por não termos encontrado nas collecções que lemos.

**

Ao obsequio do nosso amigo Rangel de S. Paio, moço que estuda, que trabalha e que produz, intelligencia penetrante e sectario de ideias sans e adiantadas, devemos uma variante dos estribillos do romance—*A madrasta*—, que publicamos no numero 8 d'este jornal.

A variante, que é do Rio de Janeiro, é a seguinte:

Antonio de meu pae,
não me cortes meus cabellos;
minha mãe me creou,
minha madrasta me enterrou,
pelo figo da figueira.
que o passarinho picou.

Xô! passarinho!
Vai-te embora p'ra teu ninho,
vai crear o teu filhinho.

Nossos agradecimentos á este nosso amigo. De novo pedimos aos poucos que se interessarem por isto, que nos hajam de auxiliar n'este trabalho. Receberemos agradecido as informações que nos remetterem.

CELSO DE MAGALHAES.

Continúa

PESQUIZAS SOBRE OS PRIMITIVOS HABITANTES DA AMERICA

(*Tentativa ethnographica*)

A JOSE BAPTISTA DE CASTRO E SILVA

On demandera á quoi bon ce recueil de faits cent fois cités et qu'on peut lire á toutes les pages... et á qui est-ce qu'on peut apprendre toutes ces choses. Je répondrai que, sans prétendre les apprendre á personne, j'avais besoin de les rappeler et de les rassembler.

HAVET.

VI

Em 1380 dous mancebos Venezianos, cujos nomes estavam registrados no *Livro de Ouro* da Republica, Antonio e Nicoláo Zeno, mais desejosos de adquirir glorias nas grandes expedições e descobertas do que nas lutas, que, desde perto de um seculo, separavam as duas potencias maritimas de então—Genova e sua patria, partiram para o norte, e lá entraram no serviço de um principe das ilhas de Feroé e Shetland, e tornaram-se celebres com suas via-

gens e explorações no norte do globo; visitando quasi todos os lugares já visitados anteriormente pelos Scandinavos; compondo ambos uma Carta e escrevendo uma Relação de suas viagens, posteriormente publicadas (em 1558) por Catharino Zeno, neto de Antonio.

Apezar das incorrecções e erros de copia dos trabalhos dos irmãos Zeni, Malte-Brun reconhece que elles tinham estado na Terra Nova, a que chamaram Estotiland, palavra, que, segundo o dito autor, parece Scandinava, e equivalente ás palavras inglezas—*East-out-land*—(*terra á leste exterior*), o que perfeitamente convem, pela sua posição, á Terra Nova, a Helleland de Leif.

Portanto os irmãos Zeni tinham tambem vindo á America.

Em 1480, segundo se lê na *Corographia Brasiliica* do Padre Casal, chegou á ilha da Madeira, uma caravella, completamente desarvorada, trazendo por toda equipagem o mestre, Francisco Sanches, e quatro marinheiros, "todos mais mortos do que vivos, pelas calamidades que soffreram com um temporal, que os levava a uma remotissima longitude occidental, onde avistaram terra, que provavelmente era alguma das ilhas Caralybas" (as Antilhas).

Esse Sanches, conforme diz o mesmo autor, foi hospedado em casa de Colombo (que era residente na cidade do Funchal, e casado com uma senhora ali nascida), e lá pouco depois falleceu.

Só a 12 de Outubro de 1492 Colombo descobriu Guanahani, uma das ilhas de Bahama, deixando então bem demarcada a extensa vereda por onde se passou ao Novo Mundo.

Quem era Colombo? A Europa, a Asia, todo o mundo civilizado o sabe. Fernando Colombo, filho do illustre nauta, Whashington Irving, Lamartine, Rosely de Lorgues, o incansavel philomatico Luiz Figuier, entre outros muitos, têm levado a noticia de seu nome e feitos a toda parte, por isso, parodiando um orador consumado, julgo poder accrescentar, que as florestas, os lagos, os rios do novo continente, então diuturnamente hymnos em seu louvor.

Vir repetir, pois, a narração de sua vida, aqui ante uma geração agradecida e illustrada, aqui onde tanto se tem escripto sobre Colombo, aqui onde um dos maiores epicos dos tempos modernos erigio-lhe o mais portentoso e duradouro monumento, seria ousadia a que, por mais ousado que eu seja, não me attrevo a abançar.

Irei adiante.

Por mais que desejasse incluir nestas paginas, linhas que pelo assumpto lhes desse o valor que, pelo acanhado do cadinho donde são vasadas, jamais poderão attingir, não ousarei ir alem do que me permittem minha reconhecida nihilidade.

Tratar dos grandes homens só pôdem os grandes homens.

VII

Sabida na Europa a noticia do *achado* de Colombo, como é de prever, todos aquelles que por seus conhecimentos scientificos e sua profissão podiam sonhar com a acquisição das glorias do Genovez entreteram-se em edificar esse castello.

Colombo de volta á Hespanha em 1493, para tornar a novas descobertas, para accrescentar ao *mappa mundi* alem de Guanahani (a primeira em que poz o pé), e Cuba, e Jamaica; o Haiti, —a Dominica, Maria Galante, Guadalupe e outras das Antilhas; ainda outra vez deixando a America, forçado pelas picardias da inveja apadrinhada pela ingratidão proverbial dos principes, e regressando á ella para augmentar seus louros, para recompensar com possessões novas, os reis que sem pejo deixaram que o prendessem, que o encadeassem, que elle soffresse fome, que morresse á mingua; tendo regressado á Europa encontrou-se com o primeiro caixeiro de um importante *ship-chandler* (fornecedor de navios) estabelecido em Sevilha.

O *factor* de Juanoto Berardi era mui versa-

A respeito desta qualidade, diz Duflet de Moiras:

"Os Californeos, que nascem por assim dizer a cavallo, são os mais intrepidos cavalleiros que se pode imaginar; elles amam com paixão as corridas... As mulheres manejam os cavallos e o laço com tanta destreza, como seus maridos."

Elles queimavam os cadaveres dos seus e recolhiam cuidadosamente as cinzas; eram, como os nossos indigenas, habilissimos frecheiros.

Sua alimentação era o fructo de suas caçadas. Suas mulheres sabiam preparar farinha e bolos do fructo verde de uma especie de carvalho, servindo-se de seixos para moerem a bolota, como os brasis cevavam a mandioca, da qual, como sabemos, faziam tambem farinha e bolos: da gomma preparavam o *beijú* ou a *ta-pioca*, da mandioca puba a *carimã*. Quando a caça escasseava, os Californeos comiam—ratos, insectos, reptis, raizes, tudo.

XIII

Os Mexicanos, pelos traços physicos, pouco differiam dos Californeos, assim como dos Pelles-vermelhas.—Tinham a mesma fronte estreita, as maçãs salientes, a mesma côr do cabelo, os labios egualmente grossos etc. etc.; só na côr divergiam,—eram de um moreno—azeitonado.

Quanto ao grão de civilização, sim, divergiam excessivamente.

Não ha quem ignore que os Mexicanos ou antigos Toltecas, divididos em Chichimecas, Zapotecas, Astecas, Tlascaltecas, Tapaneas, Platelocas, Teo-Chichimecas e outros, tinham uma historia, eram governados por um rei electivo, que os havia submettido ao seu dominio e lançava impostos regulares; conheciam as mathematicas, a mechanica e a astronomia; sabiam construir pontes e calçadas; sabiam architectura, esculptura, pintura, artes industriaes etc.

Ainda hoje existem bellissimas e soberbas ruínas de seus templos, entre outras a de Cuahuacan, immenso templo, coroado no centro com uma alta e cylindrica torre, que ostenta maior belleza que a decantada pyramide de Cheops; além disto restos de cidades bem delineadas, um aqueducto de quinze milhas de comprimento, o canal de Tehuantepec, cuja descripção tanta surpresa produziu na Europa, pyramides, estatuas, palacios, jardins, baixos relevos etc., predominando entre estes o que foi encontrado perto de Oaxaca, que representava um guerreiro depois do combate, ornado com os despojos do inimigo e tendo a seus pés, em diversas posições supplices, certo numero de escravos nús.

Era minha intenção estender-me sobre esse admiravel povo, buscar nas obras a meu alcance tudo quanto sobre elles hão dito viajantes dignos de fé, mas o meu novo plano me inhihi desse desejo; portanto passarei adiante, depois que transcrever uma pagina da *Voyage dans les deux Ameriques*, a respeito do ultimo imperador dos astecas:

"Na epocha da conquista, Montezuma (13) habitava magnificas residencias, e nenhum monarcha do mundo era rodeado de mais fausto e de maior esplendor do que esse monarcha mexicano.

Elle mudava de fato quatro vezes ao dia e não tornava a vestir mais a roupa que uma vez tivesse usado, fazendo presente della aos nobres e aos soldados, que bem se tinham comportado na guerra.

Grande numero de operarios estava sempre ao serviço da côrte. Os armeiros preparavam para o muséo armas offensivas e defensivas; pintores, ourives, esculptores, operarios em mosaico, tambem constantemente trabalhavam para o principe e seus favoritos.

(13) Alfred de Maury diz que esse nome, que é Motenhzona, em lingua nahuatl, significa soberanamente irado, irritado ou severo.

Todos os officiaes empregados no palacio eram homens da primeira cathegoria.

Além dos que residiam no recinto soberano, seiscentos senhores feudatarios iam todas as manhãs receber as ordens do rei.

As damas de honôr não eram menos numerosas e o rei, depois de escolher as que lhe agradavam, dava, como recompensa a seus favoritos, as excedentes.

Ninguém entrava no palacio, quer em serviço do monarcha, quer para conferenciar com elle, sem descalçar-se á porta. Egualmente não era permitido apparecer diante do soberano, trazendo pomposas vestes: esse procedimento pareceria uma falta de respeito para a magestade do throno; por isso, na entrada do palacio, os senhores, excepto somente os proximos parentes do rei, mudavam vestes mais modestas.

Antes de dirigirem-se ao soberano faziam tres venias, pronunciando ao fazer a primeira, *senhor*; a segunda, *meu senhor*; a terceira, *grande senhor*.

Fallavam baixo ao rei, recebiam a resposta de seu secretario, conservando uma attitudo de humilissima attenção.

Quando despediam-se, não podiam voltar as costas para o throno.

Preparavam chocolate e outras bebidas de cacáo em taças de ouro e preciosas conchas marinhas. O serviço era sumptuoso e abundante.

Para distrahir-o nas horas de repasto, faziam tocar alguns tródes da côrte, escolhidos entre os homens contrafeitos que o rei pensionava.

Depois do jantar, levavam-lhe um grande caximbo de bambú, no qual punham o fumo misturado com ambar liquido.

Depois seguia-se uma especie de sesta e depois desta a audiencia.

Quando o rei sahia, seus nobres o carregavam aos hombros sob um pequeno mas magnifico baldaquino. Todas as pessoas que o encontravam deviam parar e fechar os olhos.

Quando elle queria descer de sua liteira e andar, estendiam pelo chão tapetes para que seus pés não tocassem a terra!...

Cousa singular! diante de tão apurado luxo, via-se uma atrocidade excessiva quer no culto, quer na guerra.

Milhares de victimas humanas eram sacrificadas annualmente a seus monstruosos deoses, cujos idolos representavam uma mescla do tigre, do homem, do macaco, e do reptil.

Assim, ao passo que por suas oppulencias aproximavam-se dos sultões da Asia, e do imperador da China, pela ferocidade punham-se lado a lado dos Peaux-Rouges.

R. DE S. PAIO.

Continúa.

A POESIA POPULAR BRASILEIRA

IX

Todos sabem da tendencia que tiveram os portuguezes para a marcação, do seu genio aventureiro maritimo, genio que deu-lhe um nome brilhante nos annos das conquistas, que produziu grandes homens e que presidio á formação do maior poema que jamais se escreveu em lingua portugueza. Os *Luziadas* e a *Historia Tragico-Maritima*, disse Th. Braga, por si só bastariam para provar que o povo portuguez teve uma litteratura sua, original, com o cunho da indole do povo.

Essa tendencia explica-se pela posição geographica de Portugal (1).

A pouca extensão do paiz, separado da Espanha pelos odios politicos, pela differença de lingua, pela dissimilhança de costumes, a falta de terreno onde o povo desse largas á sua actividade, a proximidade do oceano que se abria diante d'elle, vasto, attrahente, no esverdeado luzente da massa d'agua, na seducção myste-

(1) Veja-se a *Theoria sobre a Historia da Litteratura de Portugal* por Th. Braga—1872.

riosa do desconhecido, tudo isso ia desenvolvendo no espirito do povo o desejo de sondar os mares.

Para além da linha indecisa do mar havia alguma cousa — era necessario ir vê-la.

D'ahi a navegação, não a navegação de pequena escala, de cabotagem, mas a grande navegação pelo mar alto, com as commoções das tormentas, com o maravilhoso das appareições marinhas, com o surpreendente das novas descobertas e o valoroso das conquistas.

A pequena navegação era partilha da Grecia, da Italia, com as suas costas dentadas, as suas ilhas accumuladas, os seus golphos innumeros: — d'ahi a pesca, as canoas de velas transparentes, a poesia dos contos ao luar, a mole fluctuação nas ondas que apenas arfavam, e todo esse tom que se nota na vida da população italiana, quasi exclusivamente pescadora.

Apesar da raça colonisadora do Brazil ter essa indole que notamos, apesar d'ella predominar muito no espirito brasileiro, de formar a maior parte da população do imperio, contudo não transmittio-nos a mesma tendencia, visto a posição geographica do Brazil.

Com effeito, em um paiz extenso, cuja superficie mede 256,886 legoas quadradas, que conta de N. a S. 785 legoas e de L. a O. 727 de extensão, que offerece á vista do espectador vastas planicies, campos enormes e mattas de muitas legoas de comprimento, em um paiz assim, por força que haviam de nascer e desenvolver-se tendencias novas, inteiramente contrarias ás do povo conquistador.

E assim foi.

Parece-nos estar assistindo ao desenvolvimento progressivo d'essa nova indole, á transformação rapida d'esse genio predominante, á medida que a população ia sentindo os effeitos physicos do clima e da posição geographica.

Aqui estendia-se uma grande planicie, a perder de vista, unida, sem uma ondulação, empastada, verde e resplandecente. Mattagaes seculares espalhavam-se-lhe em de redór. O individuo a encarava: havia alli lugar bastante para fazer trabalhar a sua actividade, para satisfazer a sua curiosidade. A belleza do espectáculo augmentava-lhe o prurido, a facilidade da locomoção decidia a escolha. Havia o mar de um lado, do outro o campo. Para o mar era necessario o provimento preventivo de uma alimentação abundante, um barco com seus pertences, um companheiro pelo menos. Vinham as difficuldades da costa emparelhada, as temerosas tempestades, a falta de instrumentos nauticos. A empreza desanimava.

Para a terra precisava-se de um cavallo, como luxo, como commodidade somente, pois a viagem podia ser feita a pé. A fertilidade da terra dava o alimento; as fructas sylvestres, a caça, o côco, o palmito, a agoa fresca dos regatos. A copa das arvores fornecia o agasalho. Havia uma necessidade imprescindivel: — a arma de fogo e a faca.

Podia acontecer que á noite, no galho de alguma arvore ou no *tyupaba* abandonado por algum viajante, na tranquillidade de um somno reparador, apparecesse um animal feroz qualquer, ou um indio bravo, um inimigo finalmente, e então tornava-se necessaria a defeza. Para isso a espingarda e a faca.

Accrescia mais a quantidade de rios que cortam o Brazil. As viagens tornavam-se alli mais facéis, menos perigosas, mais poeticas, circumstancia que influa em extremo na alma lyrica do povo.

Por outro lado a sombra das florestas, o vago mysterioso da sua luz soturna, dos seus zumbidos extranhos, a frescura alimentada pelas arvores, continua, sempre a mesma, tudo convidava para que a gente a explorasse, de preferencia a aventurar-se pelo mar alto.

O terreno nunca faltava ao caminheiro, havia sempre o que ver, sempre o que descobrir em terra firme; para que ir procurar em quatro taboas o que se offerecia, com tantas ou mais seducções, mais facilmente e menos dispendiosamente?

E que havia de mais bello do que os panoramas, as paysagens que offerecia o paiz, com a sua vegetação robusta, os seus rios gigantescos, as suas lagoas, os seus campos e suas florestas?

O mar, bello, magestoso, sempre verde, na monotonia de suas ondas vidradas? De certo que não. O mar era bello, mas era sempre o mesmo, uma onda que segue atraz da outra onda, um rumor continuo, uma queixa eterna.

Pois bem, diante disto, na alternativa, o que aconteceu? O individuo despresou o mar e procurou a floresta, largou o barco e montou o cavallo, deixou o remo e empunhou as redeas.

O cavallo tornou-se para o povo um ente digno de respeito, util, bem tratado e figurou nas suas cantigas.

Fui velho, tive bom gosto,
morro quando Deus quizer,
a maior pena que eu levo
— cavallo bom e mulher.
Por cavallo fui perdido,
por mulher fui divertido. (2)

Collocaram-n'o a par da mulher, amaram-n'o como á uma creatura racional.

Era elle quem levava o dono legoas e legoas, sem queixar-se, salvava-o da fadiga, praticava actos de valor, servia para o trabalho das fazendas, fazia as vezes de barco á vapor para vencer as distancias.

'Stava deitado na rede,
chorando meu coração,
quando chegou meu vaqueiro
com tres cavallos na mão:
o primeiro era melado,
o segundo era alazão,
o terceiro era castanho
— cavallo de estimação;
d'onde o boi tirava o pé,
meu cavallo punha a mão,
na porteira onde elle estava
não me espirrou barbatão. (3)

Quem viajar pelo interior das nossas provincias, pelos nossos sertões, ha de encontrar bem saliente, em relevo bem pronunciado, este facto que acabamos de notar.

O roceiro tem mais cuidado com o seu cavallo do que consigo proprio. A' noite, no pouso, elle não se contenta somente com deixar a guarda de seu cavallo ao pagem. Levanta-se, vae á mangueira, renova-lhe a comida, affaga-o, é elle proprio a laval-o e pentcal-o, trata-o com mimo, com luxo, faz-lhe cabrestos de linha com côres vistosas, dá-lhe arreios riquissimos, expõe-n'o á admiração das visitas, dá-lhe nomes bonitos e symbolicos, alardea as suas habilidades, aposta a seu favor, e si o vende é obrigado pela necessidade, ou então porque reconhece que elle não é bom. E' uma especie de castigo. Um cavallo custa ás vezes uma quantia fabulosa (4). Ha cavallos tradicionais, cuja fama se conserva por muitos annos, cuja raça é conservada, cujas bondades sam decantadas em prosa e verso (5).

Nos versos do sr. Juvenal Galleno — *Lendas e canções populares* — encontra-se essa accentuação da indole popular, principalmente no *Vaqueiro*, unico de que neste momento nos recorda a memoria.

O sr. J. de Alencar apontou por sua vez esse facto no *Gaúcho*.

(2) Colligidos em Pernambuco.

(3) Devenos estes versos, versão do Ceará, á bondade de um amigo.

(4) No Maranhão, onde elles sam baratos, um cavallo bom vende-se por 500\$ e 600\$ rs. Os ha de 1:000\$ réis e mais.

Um sendeiro (cavallo de carga) vende-se por 100\$ réis. Isto é a regra geral.

(5) Na comarca de Vianna (Maranhão) ainda hoje se conhece por tradição o *Campeão*, cavallo de um rico senhor de engenho, e que passou pelo melhor da comarca no seu tempo.

Nas festas populares fazem-se brinquedos, onde o cavallo é o principal figurante! — o *cavallo marinho* de Pernambuco, o *cavallinho* da Bahia e etc.

Quando tratámos do romance do *Passo de Roncesval*, dissemos que nelle havia um lugar, que conservou-se na memoria popular, por estar de accordo com seu espirito. Esse lugar é (quando o pae de D. Beltrão accusa o cavallo pela morte de seu filho,) aquelle em que o cavallo levanta-se para defender-se:

Milagre! quem tal diria,
quem tal podéra contar?
O cavallo meio morto
alli se poz a fallar:
— "Não me tornes essa culpa,
que m'a não podes tornar;
tres vezes o retirei,
tres vezes para o salvar;
tres me deu de espora e redea,
co'a senha de pelejar.
Tres vezes me apertou silhas,
me alargou o peitoral....
á terceira fui á terra
d'esta ferida mortal.

Alli está o cavallo assumindo proporções maravilhosas. E' o amigo do domno, que procura salvá-o, mas que morro afinal com elle e explica o seu procedimento perante uma accusação.

Pois esse pedaço está completo na memoria do povo, o que prova ainda mais o cunho que notamos na inspiração popular.

Para mostrar tambem, por uma especie de amplificação, a força de um boi (outro assumpto predilecto do povo) o poeta serve-se do cavallo.

Tirou-se vinte cavallos,
escolhidos pela flôr,
para pegar *surubim*:
— todos vinte elle deixou. (6)

Deste romance de *vaqueiro* fallaremos em outro lugar.

Quando o amante tem pressa de reunir-se á sua amada, é ainda ao cavallo que elle recorre, como quem o pode conduzir mais depressa.

Meu cavallo russo pombo,
sereno, bom corredor,
toca, toca, meu cavallo,
vamos ver o meu amor. (7)

Nos anexins populares o cavallo tem seu lugar:

Frente aberta e pé calçado,
meia-marcha e baralhado.

Cremos ter mostrado com bastantes exemplos a tendencia que quizemos marcar.

Essa tendencia, porém, não se dirigio somente ao cavallo, foi mais além, dispensou-se mais.

O boi tem o seu lugar nella e não pequeno, mas por ora não é occasião de fallar nelle: será objecto dos artigos seguintes.

Por agora contentamos-nos com provar o facto com exemplos, assim como fazemos no correr deste trabalho, para depois indagarmos, além da razão physica, a lei historica que a elle presidio. A razão physica já atraz ficou apontada, a lei historica virá a seu tempo.

Continúa

CELSE DE MAGALHAES.

OS JESUITAS NO BRAZIL

(AO AMIGO CELSO DE MAGALHAES)

O estabelecimento dos jesuitas foi um dos factos mais notaveis do XVI seculo, epocha magestosamente fértil em grandes acontecimentos. Ao primeiro golpe de vista, o espirito humano pode perguntar a si mesmo: — que haverá de importante na formação de uma ordem religiosa, entre mais de cento e trinta, que tem existido? Mas attendendo-se ás leis da instituição de Loyola, estudando-se as suas obras e o seu modo de proceder, conhece-se immediatamente a influencia, que ella tem exercido e continúa a exercer sobre as acções do governo e a existencia dos povos.

A companhia de Jesus, cujo plano foi em 1537 reprovado como inutil e perigoso por uma reunião de cardeaes, nomeada por Paulo III, cresceu rapidamente, graças á habilidade de sua constituição. Em pouco tempo o seu prestigio, nascido antes para a ruina do que para a edificação dos fieis, estendia-se por toda parte. Foi, pois, com razão que um dos successores de Aquaviva disse ao duque de Brissat — "Vês este aposento: daqui governo não somente a França, mas a Italia: e não só a Italia sino a Alemanha: e não somente a Alemanha, mas tambem a Hespanha, as Indias, o Paraguay, e não somente a estes affastados paizes, mas ainda ao mundo inteiro."

A missão de defender a autoridade dos papas conduziu os jesuitas a desmandos, que têm sempre comprometido os direitos e a segurança das sociedades civis. Pretextando combater principes, que elles reputavam inimigos da religião catholica, entregaram-se brutalmente á uma funesta exaggeração nos meios de existencia. Sam tambem accusados de se haverem apegado a subtilezas indignas na apreciação da moralidade das acções.

Será difficil provar com factos as perturbações, lutas e guerras, que os jesuitas teem todos os dias lançado no seio das nações? Será difficil indicar as acções torpes, praticadas por esta ordem em diversos paizes? Não, a historia da humanidade ahí está para attestar o contrario.

Em 1578 foram banidos de Antuerpia para serem excluidos da pacificação de Gand; e em 1581 expulsos de Burges, de Ruão e de Tournon, completamente desacreditados em Monotapa, e seriamente ameaçados em Londres por causa da execução de Champion, Cervin e Briant.

Em 1584 Balthazar Gerardo assassina em Delft o principe de Orange, Guilherme de Nassau, e confessa ter sido levado ao crime a bem do partido catholico, porque quatro jesuitas de Treveres garantiram-lhe de ante-mão o titulo de *martyr*; e ainda neste anno Guilherme Parri soffre a pena de morte por haver tentado contra os dias da rainha de Inglaterra, tendo sido o plano traçado pela companhia de Jesus, e elle mero executor.

Frustrada em 1586 uma conspiração, que tinha por fim desthronar Isabel e entregar o poder á Maria Stuart, em 1592 o jesuita Hote envia Patricio Collen á Inglaterra para ferir a rainha. Este ultimo projecto aborta, e a companhia, sem nunca desanimar, faz partir Squire, que tambem nada consegue. Isabel vem a fallecer em 1603, e James I, seu filho, sóbe ao throno ao mesmo tempo que os jesuitas Garnet e Gerard organisam a conspiração da *polvora*.

Em 1589, fanatisando um religioso dominicano, Jacques Clement, matou em Saint-Cloud a Henrique III.

Em 1582 mandam João Barrière tirar a vida a Henrique IV. Sam expulsos da França em 1594 como cúmplices de João Chatel, mas em 1610, empregando o habil punhal de Ravillac, conseguem assassinar o rei, que lhes permittira voltar aos seus estados.

No anno de 1598 a Hollanda os repelle como

(6) Do romance *Surubim*, versão de Pernambuco.

(7) Colligida no Maranhão.